

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras



Número 10

Manaus - Amazonas

Novembro de 1960

539 N

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1 de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SEDE PRÓPRIA — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

ANO XLII

N.º 10

1960



Manaus

—

Amazonas

DIRETORIA

Presidente — LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA

Vice-Presidente — ANDRÉ ARAUJO

1.º Secretário — MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

2.º Secretário — JOÃO CRISÓSTOMO DE OLIVEIRA

Tesoureiro — MOACYR ROSAS

Bibliotecário — MAVIGNIER DE CASTRO

Presidente de Honra
General NELSON DE MELO

Diretor da Revista
MAVIGNIER DE CASTRO (Interino)

PATRONOS E OCUPANTES DAS NOSSAS POLTRONAS

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
N.º 1	Pérciles Moraes	Cosme Ferreira Filho (eleito)
" 2	Euclides da Cunha	Ramayana de Chevalier
" 3	Gonçalves Dias	Agnello Bittencourt
" 4	Silvio Romero	Aderson Andrade de Menezes
" 5	Araújo Filho	André Vidal de Araujo
" 6	Adriano Jorge	João Nogueira da Mata
" 7	Maranhão Sobrinho	Alvaro Maia
" 8	Torquato Tapajós	Antônio Mavignier de Castro
" 9	Machado de Assis	Francisco Pereira da Silva
" 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
" 11	José Veríssimo	Djalma Batista
" 12	Olavo Bilac	Mithridates Alvaro de Lima Corrêa
" 13	Tobias Barreto	Enoch da Silva Reis (eleito)
" 14	Barão de Sant'Ana Nery	Moacyr Rosas
" 15	Graça Aranha	João Mendonça de Sousa
" 16	João Leda	João Crisóstomo de Oliveira
" 17	Francisco de Castro	Leônia de Salgado e Sousa
" 18	Jonas da Silva	Aristophano Antony
" 19	Coelho Neto	Genesisino Braga
" 20	João Ribeiro	Padre Raimundo Nonato Pinheiro
" 21	Teixeira Aranha	Sócrates Bamfim (eleito)
" 22	Farias Brito	Manuel Anísio Jobim
" 23	Cruz e Souza	Nunes Pereira
" 24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
" 25	Araújo Lima	José Bernardino Lindoso (eleito)
" 26	Rui Barbosa	Waldemar Pedrosa
" 27	Lafayette Pereira	Washington Cesar Mello
" 28	Anibal Teófilo	Américo Antonio
" 29	Capistrano de Abreu	Carlos Almeida Barros
" 30	Castro Alves	Thiago de Mello

QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

- PARA** — Cônego Ápio Campos, Edgard Proença, Georgenor Franco, Paulo Eleutério, Romeu Mariz, Arthur Napoleão de Figueiredo e Líbero Luxardo.
- MARANHÃO** — Antônio Bona.
- CEARA** — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira e Raimundo Girão.
- RIO GRANDE DO NORTE** — Henrique Castricioso.
- PERNAMBUCO** — Mário Mello.
- ALAGOAS** — Carlos Garrido, Cruz Oliveira, Jayme d'Altavilla, Lima Junior, Luís Accioly, Ranulfo Goulard, Rosália Sandóval e Virgílio Guedes.
- SERGIPE** — Luís da Costa Filho.
- BAHIA** — José de Figueiredo Lobo e Aloysia de Carvalho Filho.
- RIO DE JANEIRO** — Albertina Berto, Aluisio de Castro, Antônio Austrégisilo, Augusto Linhares, Aristão G. Leite, Cônegos Assis Memória e Jorge O'Grady Paiva, Carlos de Araujo Lima, Claudio de Araujo Lima, Clovis Barbosa, Deoclides de Carvalho Leaf, Francisco Vieira de Alencar, Gustavo Barroso, Heitor Péres, João Maranhão, Luís Felipe Vieira Souto, Mario de Matos Pinheiro, Odilon Lima, Oswaldo Orico, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coelho Neto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Ribeiro Couto, Rosalina Coelho Lisboa Larraigote, Severino Silva, Sílvia Júlio, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Violeta Branca, Virgílio Barbosa e Adauro Nogueira Espíndola.
- ESTADO DO RIO (Niterói)** — Monsenhor João de Barros Uchôa e Monsenhor João Clementino de Mello Lula.
- SÃO PAULO** — Authos Pagano, Francisco Azzi, Mário Cardim, Mário Barroso Ramos.
- PARANÁ** — J. M. de Santa Rita.
- PORTUGAL** — Gastão Bittencourt, João de Barros, Júlio Dantas e Meyer Garção.
- ESPAÑA** — Eugénio de Láscares Commeno, Guillermo de Torre e Ramon de Valle-Inclan.
- FRANÇA** — Serge Deborbieux.
- ITÁLIA** — Rafael Corso.
- PERÚ** — Carlos Rey de Castro, Enrique Bustamante y Bollivian, Oscar Miro Quesada e Teodosio Cabada.
- BOLÍVIA** — Alcides Arquedas.
- COLOMBIA** — Cornelio Hispano e Guilherme Valencia.
- EQUADOR** — Wenceslau Pareja (Guayaquil).
- URUGUAI** — Carlos Reyles e Emilio Orbe.
- ARGENTINA** — Enrique de Gandia e Manuel Ugarte.
- MÉXICO** — Vicente Mendoza.
- ALEMANHA** — Guilherme Giese.
- SÃO DOMINGOS** — Américo Lugo.
- CUBA**

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

SUMÁRIO:

	Pág.
<i>Credo Amazônico</i> — Salignac e Sousa	5
<i>Minha Mãe Inesquecível</i> — Genesino Braga	7
<i>Discurso de Recepção</i> — Ramayana de Chevalier	11
<i>Discurso de Saudação</i> — Djalma Batista	52
<i>No limiar da Academia</i> — J. Crisóstomo de Oliveira	72
<i>Discurso de Recepção</i> — Salignac e Sousa	88
<i>Pedrinhas da Praça de S. Sebastião</i> — Alvaro Maia	103
<i>Marabá</i> — Moacir G. Rosas	116
<i>Jesus</i> — Mavignier de Castro	125
<i>Pena de Talião</i> — Adauto Nogueira Espíndola	128
<i>Reverência à memória de Felix V. Coelho</i> — Moacir G. Rosas	135
<i>Relatório</i>	157
<i>Noticiário</i>	165

CREDO AMAZÔNICO

LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA

Creio em tí, Amazonas! Creio nas energias potentes e renovadoras de teu corpo legitimamente americano. Creio na fertilidade de tuas terras morenas, sempre frescas, constantemente úmidas, abrindo-se em flôres e em frutos a quem lhes dobra a fronte altiva e limpa. Creio na majestade de teus rios volumosos e movimentados — o mais envolvente labirinto hidrográfico do planeta — em cujas profundezas impenetráveis vivem, em extensos cardumes, as mais raras maravilhas ictiológicas. Creio nos teus bosques perfumosos, onde a sinfonia alada se assemelha a harpejos celestiais. Creio na tuas florestas louças, ostentando a imponência régia da *bertholetia excelsa* e celebrando, entre vibrantes aleluias, o sacrifício voluntário da *hevea brasiliensis*. Creio na pureza de teu céu velino, em frequente apoteóse de fortes e fascinantes iluminuras. Creio nos teus poentes de sombras purpurinas, desdobrando-se em preciosas e inigualáveis tonalidades. Creio nas tuas manhãs embelecidas pelos albi-róseos clarões aureais. Creio nas tuas noites magníficas, clareadas pela eterna cintilação dos mais soberbos conjuntos estelares. Creio na grandeza de tuas tradições de legitima brasilidade. Creio na inteligência fecunda e realizadora e no espírito sem mácula de minha raça cabocla. Creio no idealismo de meus irmãos de tão formoso berço e que, à sua luz e força, serás reconduzido à prosperidade, digna de tuas riquezas inesgotáveis. Creio na sinceridade do amor dos demais brasileiros que, com teus filhos, lutam heroicamente para imprimir, aos teus

REVISTA DA ACADEMIA

destinos, os coloridos maravilhosos de tua própria Natureza.
Creio na tua completa reabilitação política e econômica.
Creio em ti, Amazonas, orgulho maior da Pátria Brasileira!

*(Reproduzido do hebdomadário "AVANTE", de
direção e propriedade do jornalista e escritor Djard
Mendonça, depois de revisto).*

Minha mãe inesquecível

(Reminiscências no DIA DAS MÃES)

Genesino Braga

Lembro-me bem de suas cantigas... Ainda marulham, rente à saudade dos meus ouvidos, muitas canções que ela cantava e se infiltravam docemente nos sentimentos da minha adolescência. Algumas, ternas, de comovente evocação; outras alegres, de glosas ricas de facécia, — de quase todos êsses ritmos do velho cancioneiro ficaram trechos esquecidos esvoaçando nas paisagens da minha recordação. Dessas canções, porém, uma penetrou fundo em meu espírito e veio comigo, pelos tempos, com a imagem mais viva que conservo no sacrário do afeto filial. Foi a que ouvi, certo dia, ao fim suave de uma tarde sem recalques, a escapar-se em tom estranho dos lábios santos de minha mãe. Passeava, ela, pela praia, eu a seu lado, no esparecimento das suas lides rotineiras. Soprava da baía do fundo gláuco um vento lépido, que segredava mensagens de carícia às ondas mansas; e a paisagem se estendia para outros

céus, como a encampar mais amplos horizontes para a ilimitação dos seus deslumbramentos.

Naquele painel de tintas variegadas, edênico em sua grandeza primitiva, minha mãe pôs-se a cantar. Começou baixinho, em tom de prece, quase em sussurro batendo os lábios fartos como em leves contatos de asas mal feridas, o olhar perdido nos longes das distâncias. Depois, ergueu a voz em escala ascencional, alheou-se das formas de vida que a cercavam e saiu a caminhar na areia úmida, rente à água, livre e leve, como se alçasse um vôo para o Infinito, em busca de algo que dela houvesse em algum tempo se escapado com o alar das suas últimas quimeras.

Minha mãe cantava alto, com um travo de mágoa e de ternura na voz sentido. As palavras saíam-lhe da garganta como gemidos de gaivota ferida, arrancados do fundo de alguma frustração que só ela conhecia. Não eram de pranto, porque traziam a secura dos desencantos cicatrizados; não tinham lágrimas, porque se desprendiam enxutas das gotas de desengano que haviam banhado o seu exausto coração. Eram mais, talvez, a libertação de velhas ânsias nos cofres da alma acumuladas como reservas de anelos e esperanças, em auspícios bons dos bens da vida.

Adolescente, ainda, no gôsto de vê-la sempre afável e prazenteira, fiquei a contemplá-la, meio aturdido, naquele instante de arrebatamento de sua alma. Era de seu natural uma alegre conceituação da vida, que ela prodigalizava no jovial amor aos filhos. Amava as plantas e cultivava os roseirais

com a orgulhosa paixão de uma deusa inexorável. Muitas madrugadas de verão surgiram de seus olhos de tâmara seca, entre alaridos e canções, para o afã das regas do jardim. Exultava no contentamento de ver se abrirem as rosas nas roseiras que suas mãos boníssimas cuidavam; e o mais desgracioso dos enfados, que lhe punham o coração, vinha de ver colhida uma, sequer, das flôres de suas plantas, que nestas deveriam cumprir seus ciclos de beleza.

Naquele fim de tarde, porém, minha mãe surgia para mim como uma estranha revelação. Como me parecera extraordinária em seu enlêvo! Que fronte pura! Que olhos cheios de enigmas! Que traços nobres e altivos! Seus cabelos volumosos e espessos cobriam-lhe a cabeça em novelos assimétricos como os das estátuas de atletas da escola florentina. Seu passo era o de uma Ninfa que saísse a cantar na areia das praias do Tirreno. Do seu todo emanava alguma coisa que era como a respiração da alma através das linhas austeras de seu corpo.

Com aquêlo canto secreto do seu coração, a sua efêmera evasão do mundo palpável, o encanto de mistério que se adivinhava em sua expressão emocional, — guardei para sempre a sua imagem daquele instante no meu coração. Por muito que eu viva, nunca poderei esquecer aquela expressão helênica de seu rosto, a um tempo forte e terna, em recorte de camafeu na amplidão da paisagem crepuscular. Mas, nunca também poderei compreender a sua linguagem

daquele momento, o grito dilacerado que a sua doce alma de santa soltara naquela tarde, não sei para quais rumos do Nirvana, através daquela dolorida melodia, que ficou perene, com a sua imagem, na minha eterna saudade.

Discurso de Recepção

RAMAYANA DE CHEVALIER

SENHORES ACADÊMICOS :

Raramente surgirá, entre os alcantis cerebrais do Brasil, um gigante tão vivo e tão firme como Euclides da Cunha.

Ao assumir o compromisso de falar-vos, retribuindo-vos a excelsa justificação de minha escôlha, enflori o coração por duas vêzes : — uma, na qual via derrujidos os tabus e as verminas, provincianas e mesquinhas, que palistavam esta admirável Casa da Inteligência; a outra, enfrentando, com a alma em júbilo, a tarefa de mergulhar no oceano profundo da vida de Euclides da Cunha, de onde eu surgiria, coroadado de pérolas, como um polinésio.

A Cadeira Número Dois, dêste circulo de pensadores, era, para meu espírito, um escrínio. Não se havia criado para ficar vazia, e, se ocupada como o foi, por um dos mais vertiginosos talentos do nosso tempo, êsse imortal e magnífico Adriano Augusto de Araújo Jorge, cujo nome eu pronuncio de joelhos, de logo, na refluência dos fenômenos físicos, arrastaria no seu fascínio àqueles que vivem da eviterna admiração ao grande morto. Sim, haveria eu de rumorejar, adentro a mais cálida perpetuação de simpatia, o nome de Adriano Jorge, cujo calor pensamental ainda sinto na cátedra de agora, homem que era um coração a estilhaçar inteligência, dono da vida de centenas de homens desta terra, gigante do caráter e do amor, que não ficou

em obras escritas, como Jesus jamais o fêz por sua própria mão, mas que se eternizou nos romances inapagáveis da gratidão, da bondade e, acima de tudo, do deslumbramento verbal mais estonteante! Foi um homem de honra e de caráter, engastado numa cultura surpreendente e anômala. Junto a mim ele estará na noite de hoje, perfilado como um cavaleiro andante, a louvar o Amazonas, a enobrecer o Brasil.

Em plano destacado comoveu-me o nome que apontastes para receber-me. Nossa tribu reconhece no dr. Djalma Batista, uma inteligência fulgurante, um espírito tocado da graça e da beleza, uma das exuberantes criações deste vale equatorial, tão inédito nos seus arroubos naturais. Cientista pesquisador, faz-me lembrar ele, na sua radiosa juventude, os tempos em que eu grimava o cimo das marêtas acadêmicas, na velha Bahia, ambos, como Olavo das Neves, oradores de nossas turmas, ambos amazoneses, eu no meu tempo ardente e perigoso, ele no remanso de uma paz harmoniosa, aonde ressoavam, tristes e simples, os imensos vulcões que subiam das ladeiras e dos sub-solos da cidade colonial.

Agradeço-vos, pois, a escolha de Djalma Batista. E vejo nisso, nesta expressão rude e escarnada de minha observação cabôcla, uma homenagem a um coração que ambos amamos, um grande coração enraizado até à medula nesta terra inigualável, o coração infatigavelmente bom do seu pai, essa árvore frondosa de ternuro e de sinceridade, símbolo da nossa doçura tropical, esta hospitalidade humilde de jacumaúbas! No braço desse jovem médico e literato escorreito e brilhante, deve estar esculpida a marca inapagável da nossa devoção legítima. Seria justo que, no seu pendão de armas, em lógica e beleza, houvesse um porantim sagrado de luz e a prôa rutilante de uma igarité. Agradeço-vos, pois, de novo, a escolha daquele que me recebe neste instante e a graça de vossa Justiça.

O Rumor

Andam, pelo país, sombras amargas. Velhas sombras que ainda não conseguiram dormir, tocadas pela insônia

dos remordimentos. São gazes flutuantes que anestesiaram a memória dos fiéis da sublime Religião da Dor.

São restos de destinos que sobraram, no naufrágio do Tempo, pingenteando glórias e martírios.

E' um rumor de asas de crepe, um hálito de consciências mórbidas, que não conseguiram, sôbre a campa do justo, imobilizar-lhe a chama.

E' um cicio, tão frágil e tão imperceptível, que marca, na cadência do seu respiro, a ânsia dos que seguem os gênios, sem empanar-lhes o lucilar vertiginoso, sem ensombrar-lhes as fosforescências do espírito.

Ouçõ esse rumor, como um presságio, como um profundo murmúrio de grotões ignotos, como o sôpro das frestas ocultas nas cavernas lóbregas, varrendo de manso as páginas da História, lambendo sonhos imarcessíveis, lamuriando-se dos erros e dos desesperos, abençoando, na sua tragédia flúida, o túmulo dos Anteus.

Ouçõ esse rumor de música, ora epilética como um baile de ébrios, ora tristíssima como um côrq de órfãos do Destino, ora grave e solene como um clamor uterino de clavicórdios, atormentando os milênios, ora aos saltos e sobressaltos como um pesadelo de trasgos e de gnômos, marcando o remorso daqueles que são indigitados de Lúcifer para arrancar da Vida, nos atos triviais do sangue, os monumentos da Cultura e da Sabedoria !

Sôbre a lápide de Euclýdes da Cunha eu sinto esse rumor, que não se apagará jamais, como ainda perduram os gemidos das Parcas sôbre o túmulo de Sócrates, ou os urros do mar sôbre os vestígios de Shelley . . .

Flor sem orvalho

Na umidade fecunda do herbário estético do Brasil, não há lugar para o monstro.

Não nasceu êle para vicejar entre palmas e vergôntes
Não era uma planta de jardim.

Não viveria em jarrões de sala, ao sôpro de bôcas ardentes e assassinas. Não cresceria entre alfombras suaves, ouvindo beijos e murmúrios.

A natureza fê-lo sêco e exato. No anfiteatro desolado da Vida, onde medram glicínias e garras lodosas de pântanos, êle seria o cactus. Como o bárbaro dominador das caatingas, êle guardaria no coração a água pura para saciar homens e feras.

Em Alberto Rangel, num rasgão lapidar de imagem, sentimos a vocação do mártir : — "há, gravadas na tampa nua e branca de um sepulcro de Paris, um botão de rosa e as palavras : — Assim eras tu, minha filha". No túmulo de Euclýdes da Cunha, dever-se-á mandar esculpir a flor da passiflora, traspassada da mata para o ornato e o proveito dos nossos vergéis e a qual tem no cálice roxo ou vermelho, os símbolos do mais celebrizado dos sofrimentos humanos. Sob a corola, mágua e glória da Paixão, caber-lhe-ia a frase, semelhante à do jazigo da criança : — "Assim eras tú..." — uma flor de martírio, com os seus espinhos e os seus cravos, coberto de um pólen fecundante em poemas !".

A flor violácea da passiflora seria o seu destino. Caberiam nela os seus instantes íntimos, quando Minos se debruçava sôbre os despenhadeiros dos seus insondáveis desalentos, cavando-os mais ainda, sob as garras de lembranças sangrentas e sombrias !

Assim desabrocharia a flor, no tabuleiro excicado do seu destino sem amores !

Não há deserto, quando brota uma rosa de paixão. Não há solidão, quando modula a ave canora do sentimento lírico.

O seu deserto interior era trágico e famulento. Só havia a sombra circumflexa dos mandacarus, o perfil, torto e selvagem das oaveas gigantes.

E, nesse deserto de amor, ouvindo o lamento órfão das hienas do instinto, sentindo o chicote amargo dos

espinheiros que desfaziam coiraças de vaqueanos, mas lhe respeitaram a epiderme pálida do espírito!

Não corria, nessa imensa solitude, nem um córrego de mágua lamentosa, nem um murmúrio de cítara passional. nem o sussurro de uma ternura simples, no vergel de uma saudade pura . . .

E aí ficou, para o pensamento dos homens, essa interrogação que êle nos legou num dos seus escritos, síntese terrível de um drama histórico, capaz de enternecer e de espantar: —

“Quem definirá um dia essa maldade obscura e misteriosa das coisas, que inspirou aos grêgos a concepção indecisa da fatalidade?”.

A “Chance”

Dos respaldos gloriosos da cultura, implantado no próprio cerne da nacionalidade, êle nos aparece como um arremêso de granito, lançado aos céus da posteridade, afirmando o Brasil.

Amo-o no esplendor do seu martírio, nas reentrâncias mais profundas de sua obra, no trabalho insano de dissecar, como um anatomista, a figura torva e apavorante dêsse Caliban do heroísmo que é o sertanejo, nosso patricio.

A obra de Euclides toca-me como se, no brandir da hasta sôbre o bronze quieto, as repercussões fôssem gritos da Raça, imprecações das Idades, chôros convulsos das gerações nascentes.

Sinto-me, por inteiro, nas minhas hesitações e nos meus pesadelos. Fremo com êle, nos instantes eclotivos de minha personalidade. Abafo os soluços, quando pervago pelos seus livros tão cheios de Brasil e de sangue, de pátria e de orgulho cabôclo, de esperanças e de emoções eternas!

Sou a máquina que resiste aos sobressaltos, renovando-se nêste imenso amor pela terra, pelas gentes.

Não creio que me alegrasse tanto ao espírito, falar de outro cérebro, de outro escritor, como êsse cujo destino parou, no espanto de um segundo, do vértice de uma alça de mira.

As suas vivências, as suas andanças, êle que foi sobretudo um simples por fora e um brazeiro por dentro, tudo me conduz ao seu nicho de prostração, como se as suas palavras houvessem sido escritas no meu sangue, antes de o serem nos seus livros.

Clima físico

Costuma-se dizer, na aguda penetração da crítica literária, que, nos quadros da literatura brasileira, os escritores derivam, por três correntes diversas, do tronco euclidiano.

O gênio inspirador comoveu a tôdas as gerações.

Mesmo os artistas mais bizarros, mais sêcos nas suas imagens, mais desidratados nos seus conceitos sôbre o Nordeste, mesmo êsses vieram da grande fonte do mago d' **Os Sertões**.

Vários são, ultimamente, os que se adentram, temerosos, na enorme silva euclidiana, para distorcer afirmações, reformar idéias, criticar análises, reconduzir pontos de vista, bimbalar cincêrros.

Tôdas essas tentativas resultam em pura perda, como as setas do abexim ao sol do ocaso.

Até lama, até escarros já ousaram lançar-lhe ao renome de aço. Escritoras balôfas e incultas, azeitadas na enxúndia, pretenderam inaugurar uma época nefanda de erostratismo literário, vomitando-lhe sôbre a memória e a tradição.

Ficaram no gesto insólito. Encolheram-se na insanidade vil. Nenhuma repercussão tiveram, porque, decididamente, não é modernismo o ser-se torpe, não é modernismo o ser-se bruto.

Originalidade, se existiu nesse ato de selvageria inábil, foi somente a flor excelsa da capadoçagem literária que pretende usurpar-nos o espaço intelectual.

Ficou em nada. Porque ainda estamos sob a influência do sofrimento espiritual de Euclýdes da Cunha.

Ainda lhe escutam os brados heróicos nas fronteiras, os gemidos das longas noites de vigília siderante.

No meu caso, fui conhecê-lo literariamente, depois de alicerçado na modesta cultura que amealhei. O fato revela uma conclusão: — não vieram de Euclýdes os escritores das três correntes pelo fato de lê-lo, de estudá-lo, de senti-lo. O euclidianismo é um clima físico, é uma condição social, é uma expressão temporal de cultura.

Descobrimo o Brasil num instante em que os nossos artistas molhavam os pés na orla atlântica, de frente para a Europa, êle lançou o primeiro brado de antropogeografia brasílica emancipada. Foi um rebento alucinado de brasilidade. Criou.

Impeliu, ao infinito, a nossa inércia cabôcla.

E, com o seu nervosismo, traduziu um momento com tal fôrça, com tão deslumbrante beleza, què influuiu no campo sereno do espírito, sôbre dezenas de escritores que mal o haviam deletreado.

Na opinião de Tasso da Silveira, quando criticou o meu primeiro livro "No Circo Sem Teto da Amazônia", êsse foi um dos filões de primordial influência, que balisaram o meu destino literário.

Antes de ler Euclýdes, já eu era um derivado do seu clima, das trepidantes e convulsas condições bio-sociais onde êle se debatera.

Depois, ao lê-lo, voltei à origem.

Saciei-me na hispidez de sua condição mavórtica, inebriei-me com o poder miraculoso do seu estilo, quando facetou, na refulgência dos seus símbolos, a esta Amazônia que eu tanto amo.

O instante

A feição literária de hoje é uma caricatura. Uma tentativa. Uma decantação. Pesquisa, investigação, esforço de teodolitagem. Na prosa e na poética. A evolução não pede senão a glória de retornar ao esforço. Isso é renovar-se. Isso é restabelecer-se. Mesmo na História, mesmo na Ciência. Mesmo na Arte.

A confrontação de Idades só revela um mérito: — a vitória do homem e a irresistível evolução do seu pensamento.

Até aos nossos dias o homem ainda não pensou melhor do que Parmênides. A Antiguidade Clássica continua sendo uma fonte inesgotável de Beleza, de Arte e de Cultura.

Conseguimos adaptar-nos à velocidade.

O que chamamos Civilização Moderna nada mais é do que uma adaptação à velocidade. A maior preocupação do homem moderno é adaptar-se, física e psicologicamente, aos cada vez mais vertiginosos deslocamentos.

A velocidade deu ao homem a visão cósmica do Espaço. As unidades, antes simples, são hoje ano-luminosas. Os objetivos, que se resumiam aos cinco oceanos e aos sete mares (hoje três oceanos e nove mares), estão hoje situados nas órbitas de Venus e Marte, com a Lua servindo de subúrbio sideral.

A velocidade é o signo do homem moderno. Viajar de navio, na época atual, só para desocupados, proletários ou enfermos.

E pensar maduramente, demoradamente, fecundamente, só esses astrolábios da cultura que são os filósofos modernos, ou os historiadores, esses repórteres do Tempo.

A forma só atende à evolução lenta e segura. As experiências de Michourin e Lizenko, emprestando saltos à natureza, foram mais tentativas demagógicas do que progressos legítimos.

A idéia, sim, é uma constante que se adapta ao Tempo e à Cultura. Esta admite novas modificações, experiências, tentativas. Admita-se, mesmo, à idéia, o plasma imortal que se eterniza na transformação, na modelagem, na criação de novos "standards", desenvolvendo ao infinito o "gene" criador de sua própria condição de existência que é o progresso.

A idéia, sim, é moderna, é atual, é um móbile. Na forma, o homem se repetirá sempre, aos ciclos.

Retornará infatigavelmente aos pontos essenciais da conquista e jamais se afastará da Natureza, que é a repetidora milenar de experiências biológicas.

Em Euclýdes da Cunha tivemos o surto emocional da sociologia brasileira.

Num gesto teatral, embora sóbrio e elegante, êle conseguiu que o gigante desse meia volta para encarar, num hiato da admiração à Europa, a tremenda realidade sertaneja.

Demonstrou que não era necessário mergulhar no passado para evocar as lamentações de Jeremias, os arroubos coruscantes de um Jasão, a coragem decidida de Horácio Cocles, as manhas estratégicas de Tróia, a ferocidade de Sagunto, a imensa romaria espetacular de Gengis Khan, os relevos surpreendentes do deserto persa ou a bruteza de músculos e choques dos nûmidas e cartaginêses.

Ali, em Canudos, na covanca de um chapadão de desgraças, o Brasil fecundava uma raça de Teseus e de Saturnos!

O sol e o deserto, numa simbiose de titãs, plasmaram no homem um similar de Anteu.

A fôrça de resistência, a coragem da ação, a bravura decisiva, a vertiginosa agilidade maleável, a afoiteza da ignorância e a divina loucura da ingenuidade, tudo se

caldeou no íntimo do jagunço, dando ao Ocidente uma página heróica, de uma larga auréola histórica e sentimental.

Euclides foi, nesse momento, o testemunho vigilante, o repórter astuto, o observador surpreso, o cientista rebelado, o político emocionado, o sociólogo empolgado.

Encontrara, nos sicômoros e descalvados da caatinga, o molde para o gigante do seu sociogenismo cabôclo.

Não foi uma porta que se escancarou à História: — foi um abismo que se rasgou aos pés da nossa inércia de observação.

De um lado e do outro das trincheiras de análise há um sentido confuso. Nem só de pão vive o homem.

Euclides, se não foi o cientista, como tanto desejou ser, afirmou, sem dúvida, a sua enorme capacidade de retratista de fatos.

Foi um repórter-escritor, foi um vanguardeiro da técnica de narrar, compeo a terra e o homem nos seus trôpos de incrível fascinação estética.

Foi um grande repórter. E, como repórter, associou-se à catástrofe moral, que precedeu e ultimou ao quadro insólito.

Canudos foi um centro motor de agitação social. Foi uma rebelião de classes e sistemas. Foi uma centrifugação inconsciente de fatores sociais, agindo no sentido de uma transformação.

Ali, nos acíives da savana rude, o Brasil assistiu, estatelado, ao seu mais poderoso drama.

Não era uma guerra civil, não era uma revolução programada, não era um movimento separatista.

Era um dealbar de tragédia humana, no cadinho social, os fracos, os oprimidos, exilados em sua própria gleba, que se levantavam, eriçados de chuços e bacamartes, contra os seus opressores.

Ninguém queria outros regimens, ninguém desejava outro Deus. Conselheiro, barbudo e bárbaro, trazendo na singeleza das linhas o traço físico do Iluminado, doente de desajustamento, conduziu ao redor de si manadas de fanáticos.

Fanáticos de quê? Por acaso lutavam no Oriente, contra o crescente maometano e as cimitarras de Saladino?

Fanáticos de quê? Por acaso conduziam flâmulas estranhas, bandeiras diversas, côres diferentes, na sua arrancada cega?

Fanáticos de quê? Porventura usavam fardas inimigas, falavam idioma exótico, buscavam novas formas de govêrno?

Fanáticos de quê? Rezavam em nome de outros oragos, benziam-se com a mão esquerda como os maometanos, sua cruz era dupla ou torta, como a "swástica"?

Fanáticos de quê? Desejariam êles despedaçar o Brasil, torná-lo inóspito ao sabor latino, ensombrar-lhe a História com o sangue dos simples?

Ao cair das tardes, muitas vêzes no dorso das lombadas, projetando a sua sombra, comprida e magra como a de um profeta, abrangendo a região com o seu olhar vulturino, Antonio Conselheiro representava a estátua do desespero indefinido, a surda exclamação de revolta do seu povo, contra o abandono, a solidude e o crime!

A sua bandeira era a da opposição à injustiça social, a sua religião, num sincretismo idólatra, reunia orixás africanos e santos do agiológio católico, e sua palavra de ordem, sêca e rápida, era um chispar de fogo entre as sarças ardentes...

Fanáticos de quê? Da lealdade! Eram fanáticos do ódio, da obediência inflexível, da disciplina leiga, das mais intrinsecas vontades e das qualidades mais puras, que nascem da terra comburida, do sertão maninho, dos talhos torcicolantes das capoeiras.

Eram fanáticos de um homem, no qual eternizavam tôdas as suas crenças e tôdas as suas virtudes. Não estava ali, na onda jagunça de Conselheiro, uma tropa militarizada, cujo sentido obedecesse à triangulação dos regimentos.

As ordens do Conselheiro havia milhares de caricaturas dêle mesmo, milhares de corações iguais ao seu, milhares de brasileiros esfolados de sol, batidos na exploração do trabalho, abandonados como párias, desprezados como feras, bons, na suprema bondade que desce da natureza, aglomerados pela necessidade e pela esperança, essas duas bússolas das rebeliões sociais!

Eram fanáticos da lei biológica, traída pela lei política!

Analisando o fato, inexorável como uma tragédia de Esquilo, Euclýdes da Cunha foi um grande repórter, um formidável escritor. Como cientista, sua visada mediu-se em ângulos errôneos. As suas fontes foram inadaptadas, desajustadas, sem contagem própria. Quis encarapuçar o nordeste e o jagunço com as toucas da moda científica em voga. E elas não se ajustaram à realidade.

A sua suprema injustiça ao mestiço merece um reparo. Por incrível que pareça, por desatinado que semêlhe, foi o "mestiço neurastênico do litoral" quem dilatou as Tordezilhas, quem afastou os meridianos, quem plantou cidades, quem criou o Brasil!

Si não se nega, e isso é absurdo querer, o poderoso contingente de resistência do sertanejo, é de se ver que, entre os bravos de Macambira e Antonio Beatinho, a maioria era de mestiços, como entre os alucinados de Henrique Dias e Camarão, como entre os centauros loucos da Laguna, como entre os construtores dos cafêzais de S. Paulo, dos canaviais de Pernambuco e Campos, dos cocauais da Bahia e, sem dúvida, como entre os heróis do Cabanagem, da Sabinada, da Confederação do Equador e os irresistíveis de Monte Castelo, Soprassasso e Montêse.

Erro científico que humilha àqueles que constituíram no passado e representam hoje, nesta luta indômita pela emancipação econômica do Brasil, a própria base humana da nacionalidade !

Esse um dos erros capitais do gênio mestiço. Esse um dos seus tropeços mais candentes.

A visão científica, calcada em Hartt, em Taine e seu visceral positivismo, em Martius e seu protestantismo alucinante, em Buckle e seu enfeitiçante mas monotônico "determinismo geográfico", em Huxley, inteiramente mergulhado no seu materialismo naturalista, em Gumplowicz, um campeão do racismo, haveria de ser errônea e vacilante.

Pretendeu projetar na sociedade humana, a tortuosa realidade telúrica, como causa, da qual a dor social seria o efeito.

A influência mesológica se traduziu como um fator predominante na análise euclidiana. Na ambivalência contrastante entre a orla marítima e o tabuleiro do agreste, jogou êle com as concausas do imenso drama social do jagunço.

Ao lado disso, o escarmento de um clima desanimador, um ambiente cálido de deserto, e a profunda miscegenação que, servindo a êle de fatores de explicação, não conduzem, de fato, a nenhum raciocínio positivamente científico, como causas individualizadas.

Analisando a Amazônia, desencontrou-se de novo, na observação do jacumaúba. Em brilhante citação de Dorian Freire, um moderno exato, Euclides explicava que "o calor húmido das paragens amazônicas deprime e exaure. Modela organizações tolhiças em que toda atividade cede ao permanente desequilíbrio entre as energias impulsivas das funções periféricas fortemente excitadas e a apatia das funções centrais : inteligências marasmáticas, adormidas sob o explodir das paixões : inervações periclitantes, em que pese à acuidade dos sentidos, e mal reparados ou refeitos pelo sangue empobrecido nas hematoses incompletas"...

Note-se que o cabôclo ainda é um mestiço. E na mestiçagem afundou Euclides a sua crítica, adotando a tese de Foville e condenando o nosso homem à afirmação de ser "quase sempre, um desequilibrado".

Avança mais, ainda na citação de Freire, para terminar — dizendo que "o mestiço é um intruso. Não lutou; não é uma integração de esforços; é alguma coisa de dispersivo e dissolvente; surge, de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de legados discordes".

E pergunta Freire, com rigorosa sinceridade: — "Possuirão organizações tolhças os amazonenses que resistem ao abandono da região e que ali desafiando os governos inéptos e a natureza cruel, conseguem sobreviver?"

E adiante: — "O mestiço que não lutou foi aquêlê que expulsou os holandêses do Rio Grande do Norte e Pernambuco, que fêz causa comum com os negros nos dias da Abolição, é o soldado da borracha que entregou a Amazônia ao Brasil, o bandeirante que dilatou as nossas fronteiras, o herói de hoje que faz a marcha do oeste, ligando o país de norte a sul através da rota Belém-Brasília. Os degenerados e histéricos mestiços seriam alguns dos nossos melhores escritores, poetas, soldados, estadistas. Seria, inclusive, o próprio Euclides, em última análise".

Antonio Conselheiro era, para Euclides, o "gnóstico bronco". Produto de taras genealógicas, fruto de **gens** conturbada e aflita.

Sem dúvida, poderemos afirmar, e a larga paisagem dinâmica do Nordeste nos está a mostrar, com suas usinas de eletricidade, suas reprêsas ciclópicas, sua açudagem de pequenos mares interiores, se, ao tempo de Maciel fôsse outra a condição econômica da região, mesmo aquela árida e terrível do "raso da Catarina", não teríamos tido o aparecimento dêsse abantesma social! Se "Os Sertões" foi um livro marcante da Raça, ao jeito de um "Fausto" para a Alemanha, de um "Paraiso Perdido" para a Inglater-

ra, de uma "Divina Comédia" para a Itália, de um "Lusiadas" para a Lusitânia, de um "Don Quixote" para a Espanha, de um "Gargantua e Pantagruel" enchendo toda a França do Século XVI, de um "Facundo" para a Argentina, Euclýdes da Cunha foi o "gênio da denúncia", como o crismou Paulo Dantas, ensinando brasilidade aos brasileiros, heroicidade aos militares, arte de escrever aos que de fato o entenderam, grandeza de coração e patriotismo a tôdas as gerações!

Visão Científica

Há que ver em sua obra, o desejo veemente da síntese, a ânsia da interpretação científica, a vertigem dos conceitos filosóficos, que pudessem espartilhar ao homem do agreste, impecavelmente.

Por aquela época, andávamos a descobrir a Europa, com a sua Sorbone e o seu "Moulin Rouge".

Era chique lêr-se Julio Verne, fazia parte da educação citar-se a Salpêtrière, como centro de estudos médicos.

Durante a época de Euclýdes da Cunha, a humanidade principiava a enlouquecer. Os primeiros sinais eram visíveis.

A literatura científica começava a balbuciar. Analisar o mundo, pela imaginação, era moda. Os escritores procuravam estudar a América através do figurino europeu.

Fórmulas, esquemas, tendências. Onde existisse um grande nome a citar, fazia-se ponto final no raciocínio. Uns, adiposos na sua literatura, transportaram Paris para o Brasil, escrevendo facécias sobre tipos de "boulevard", como se a janela dos seus valhacoutos se debruçassem na Place Pigalle ou na "bute" de Montmartre.

Os seus livros possuíam o odor dos vasos noturnos do Quartier Latin, de Montparnasse. A moda era ser francês, rabiscar sobre os sovados gatarrões de Paris, esquecendo o caldeirão onde se derretiam...

Do Norte ao Sul, os intelectuais sonhavam com a França, escreviam sobre a França, viviam na França. Cheios de motivos sul-americanos, cercados de um fabuloso mundo virgem, preferiam cheirar os fundilhos dos "midinettes", fuçar nos alfarrábios dos buquinistas, às margens do Sena, infectar-se da sífilis gaulêsa.

A Rússia, com os seus românticos romancistas, a Inglaterra com os seus poetas heróicos, a Itália com o seu sensualismo harmonioso, a França, a Eterna, a Doce, a Maravilhosa França com os seus editores, as suas noites do "Bal Tabarin", a sua "Rotisserie de la Reine Pedauque", esse era o mundo em torno do qual vibravam os escritores brasileiros.

Parecia mal não ter um artigo de jornal, uma crônica, uma reportagem, sobre artistas ou coisas da vida francêsa. Conhecia-se mais os recantos, buates e bistrôs de Paris, do que as esquinas do Rio de Janeiro ou as praças da Bahia...

Não se havia ainda instalado em nosso país a doença das importações culturais dos "States", com os seus vícios, os seus transviados, os seus ritmos alucinantes a envolver tudo na onda enorme e confusa do "jazz".

Então, a influência era a do esterlino e a França brilhava como um medalhão de ouro no peito do mundo.

A suavidade de sua poesia, "le sanglot long, des violons de l'automne", a beleza de suas noites que começavam cá em baixo num olhar e terminavam entre as estrêlas, o murmúrio do Sena nos muralhões da Notre Dame, santificando-lhe as águas, o vasto e esmagador cenário da Lutécia como síntese da vida e da arte, consumindo a fortuna de ianques e latinos, tudo compunha a sonata cultural que dominava a América. Era belo, mas era estranho.

O que não trouxesse um sopro de Instituto de França, o que não viesse com o selo da velha Gália, perdia em grandeza e entusiasmo criador.

Repetiam-se as mesmas frases, rebatiam-se os mesmos jargões, amassavam-se idênticos conceitos, reproduzindo-se nos livros dos nossos escritores, a vida decadente da Europa.

Eis o que significou a clarinada de **Os Sertões**, a personalidade inconfundível de Euclides da Cunha.

Ele deu meia volta aos motivos centrais do seu tempo. Fêz o Brasil rodar para dentro de si mesmo, olhando-se, investigando-se, interrogando-se, medindo-se, no tempo e no espaço, num sentido autêntico de nacionalismo.

Foi um exegéta do nosso sertanejo, um descobridor de tipos, um entusiasta da nossa terra e da nossa gente.

Fêz literatura nativista, da mais viva e da mais pura, derramando sôbre ela, ingenuamente, aos golfões, uma série de conceitos científicos inadapitados e errôneos.

Era ainda o prestígio da Europa, desvirtuando a visada do gênio. Era o perfume da cultura européia desnordeando o faro agudo do perdigueiro nacional.

As criptas escuras do psiquismo.

Disse eu, em desprezioso comentário, que a sociedade moderna, à altura de 1900 começara a enlouquecer. Então, esbarra-se no conceito clássico, psico-patológico, da loucura. O que vemos por toda parte é uma disseminação cada vez maior da esquizofrenia. A civilização do ocidente está minada pelo desequilíbrio sócio-cultural.

Não existe mais o pensamento da velha psiquiatria, que diferenciava o homem-são, do homem-doente, pela aferição **qualitativa**.

A angústia de Kierkegaard invadiu todos os territórios do pensamento. A somação de todas essas angústias deu no clima de insuportável crepitação do mundo moderno.

Ao tempo de Euclides, a "science-fiction" era terráquea, desvendava mistérios geográficos, invadia zonas

desconhecidas, conduzia o gérmen daquilo que terminou por fazer dos Estados Unidos um colosso que foge de si mesmo...

Julio Verne era o tipo clássico do "science-fiction" da era euclidiana. A viagem ao centro da Terra, a deliciosa aventura de Keraban em torno do Mar Negro, a maravilha das Vinte Mil Léguas Submarinas, o drama do Capitão Hateras no pólo, a Aventura dos 3 Russos e 3 Inglêses, tudo ao sabor da ciência mais pura, porém com uma convicção: — "a vitória do Homem, o homem com os pés na terra ou nos aparelhos, descobrindo o seu mundo, vencendo pelo conhecimento e pela cultura. Parecia uma literatura didática, embora espetivante. Era só o começo da doença kierkegaardiana. Procurar em que crer, buscar um objetivo no qual fixar-se. Isso é angústia, sem dúvida, a face ostensiva da estonteante angústia do homem moderno.

E Otto Maria Carpeaux crê que essa angústia de Kierkegaard é uma falta de apóio cósmico do Homem. É uma procura, uma tentativa, uma desesperada investigação.

Da mesma maneira que afirmamos que a civilização moderna do ocidente é uma adaptação à velocidade, temos que reconhecer que o desaparecimento da exploração do homem pelo homem anula todos esses abantesmas, afasta do ser humano essa tendência à angústia kierkegaardiana e proíbe, espontaneamente, a eclosão dos dramas à Kafka, por ausência de substância.

O que acontece na civilização ocidental, que é uma adaptação à velocidade, é a procura, fixa e inexorável, do psiquismo humano à fuga.

O "science-fiction" revela essa angústia, essa adaptação à velocidade e essa fuga. A esquizofrenia do momento é uma fuga permanente ao fantástico drama da escravidão social do homem. A provocação do século é a transformação do homem-indivíduo pelo homem-Gestalt, o homem social. O desdobramento está com o gérmen no ventre do século, no sangue do organismo moderno e não

admite a técnica da rebeldia justiceira de Kafka ou a climatização interior patológica de Herman Hesse.

Homens adultos, velhos, lêem e se deliciam com histórias em quadrinhos, com os Flash Gordon, os Buck Rogers, os Capitão Marvel, os Super-Homens e até os Super-Ratos, criaturas de um mundo alucinado, que vai da infância à maturidade na mesma evolução esquizofrênica, na mesma tendência à fuga, que é a única defesa do homem ocidental à infalível epidemia psicopática da atualidade.

Declara com fundas razões o sr. Otto Maria Carpeaux que "na Terra há problemas mais interessantes do que na Lua ou em Marte". A fuga é, pois, um sintoma patológico de alienação social, levando as multidões desorientadas pela opressão, pela miséria, pelos problemas sociais, à crise que se avizinha e dentro da qual se cumprirá o vaticínio dos Evangelhos: "Não restará pedra sobre pedra".

Nem Ruyer, no seu meticuloso "L'Utopie et les Utopies", nem Heinlein com o seu "O Homem que vendeu a Lua", nem Bradbury com o seu "The Martian Chronicles", ou os existencialistas Bobbio e Simak, e Tubb e Van Vogt, nenhum deles perderá sua atualidade, dentro do conceito verídico da alucinação social, criando uma sociedade doente, enfêrma, angustiada.

Em Euclides da Cunha, a angústia o conduziu a projetar, sobre a imensa e ululante sociedade amorfa e resfolegante de Canudos, a sua própria personalidade.

O desassossêgo do testemunho

O século começava a enlouquecer. É necessário que se olhe um pouco para determinados ângulos da personalidade do monstro e ter-se-á, em "close-ups", motivos e pretextos para saber-se por extenso, até onde penetrou, no campo social, o temperamento árdego e indomável do "gênio da denúncia".

A sua reportagem sobre a Campanha de Canudos, dos frêmitos de Monte Santo ao massacre do Cambaio, foi uma catarse emocional de personalidade.

Extravasou o seu psiquismo, enveredando pelas cumieiras da ciência em voga, antolhada e difícil, desnorteada nas suas legítimas diretrizes, buscando nos fatos naturais, na ciência da terra, motivos essenciais à tragédia, que desfilou diante dos seus olhos espantados.

Por essa época, a "science-fiction" ainda não atingira, como de resto a doença social, um **climax** de fuga vertiginosa, como o de hoje.

O escritor analisava o seu mundo, para os que dele ignoravam. A Terra ainda não estava esquadrihada e deserta para os arremessos da imaginação angustiada. A fuga ainda era fácil. Para um escritor brasileiro, falar dos sertões maninhos, absolutamente virgens à nossa percuciência, era como a Julio Verne, descrever as savanas da África central ou as banquizas do Ártico, com os seus rebanhos de lemingües.

Hoje a "science-fiction" invadiu as órbitas planetárias. As pistolas atômicas atemorizam seres aracnídeos de Marte e Venus, cavam "hole foxes" na Lua e já pensam em Ganimedes, na órbita de Júpiter, da mesma forma que a astronomia já considera artificiais a Fobos e Deimos, os dois satélites de Marte, observando os seus movimentos retrógrados de translação.

O homem ocidental, inteiramente alucinado, busca nos espaços etéreos, alimento para a sua doença vertiginosa.

Comprimido como um bagoço de laranja pela exploração do trabalho e pelo esmagamento de tôdas as crenças, foge.

Mas a Terra já é um planêta super-devassado. Surgem, então, dois métodos de viagem: — um para dentro, engendrando motivos inexistentes e caindo na enfermaria dos hospitais, no rumo de Kafka ou de Hesse; o outro, na vertigem dos foguetes, buscando astros e estrêlas, com a audácia dos Super-Homens...

O "Homo Neanderthalensis" foi substituído pelo "Homo Gestaltensis". A evolução não conforta, não

premia, não dá esperanças. A esquizofrenia é a moeda que corre no presente, enchendo os bancos sociais do futuro.

O paradoxo é atroz. Num século em que se está destruindo a lepra, a tuberculose e a poliomielite, num momento psicológico em que a virologia está quase pegando pela gola o responsável pelo câncer, a esquizofrenia assume caracteres de pandemia irremediável. A vingança morbígena passou do plano somático para o psíquico e dêste para o artístico e literário. Os que não têm imaginação, e não podem acompanhar, seduzidos, o mistério espacial dos **discos voadores**, encham as páginas dos jornais com suicídios em massa.

O "rock'roll", o "calipso", o delírio das lambrêtas, a desordem moral dos lares, o extermínio da autoridade paterna, os romances de taras, os dramas sombrios, a insensibilidade às agressões à honra e à virtude, tudo faz parte da tragédia esquizofrênica do século. A "science-fiction" é uma janela de evasão. É um escape.

Uma clarabóia no turbilhão

Há um clima de fuga em Euclýdes da Cunha, quando não responde às verdadeiras razões sociais de Canudos e quando procura, na política ultrapassada, um remédio para o descalabro brasileiro, já àquela época. Isso se encontra numa carta, escrita pelo Mestre de OS SERTÕES a Francisco Escobar, seu amigo. Note-se, em tôda linha, a derrota ideológica do homem, as contraturas de sua indizível decepção, a consciência de um fim de tempo no qual, como um mártir, êle aconselha atolar-se na resignação.

Lêia-se a carta : —

"Lorena, 21-4-1900. Escobar, respondo a tua última carta. Ontem te escrevi. Mas como é preciso responder logo a tua pergunta inspirada pelo último discurso de Martim Francisco — renovo a carta.

Também me impressionou aquela belíssima oração — embora aquele homem tenha o mais desastrado dos critérios, como historiador. Veja o que diz êle do Padre Feijó — cujo perfil napoleônico e escultural é certamente a mais bem acabada figura de lutador de tôda a nossa história. Revolta-me vê-lo tratado daquele modo. Por outro lado quanta verdade considerando a nossa situação atual! E que adorável ironia! E que felicíssima descoberta dêste Pais Ferreira, cuja face murcha orlada de umas suizas safadas é a fisionomia exata — (um prodigio de síntese orgânica) dos nossos políticos. Mas penso contigo: a nossa raça (?) está liquidada. Deu o que podia dar: a escravidão, alguns atos de heroísmo amalucado, uma república hilaritante e, por fim, o que aí está — a bandalheira sistematizada. A monarquia só nos poderia salvar se fôsse heróica. Uma monarquia guerreira e atrevida. Imagina um Carlos XII arremessando-nos sôbre o Prato e subjugando a Argentina... Mas onde o encontrar? E onde estão os suécos? Quer isto dizer que a restauração não resolve o problema. Resignemo-nos".

Eis o retrato da fuga frustrada.

A "science-fiction", mais tarde, daria frutos no "Contrastes e Confrontos" e, por fim, no "À Margem da História", saciar-se-ia na vorticosa bacia amazônica, tûmulo de todos os neurastênicos, berço de homens-sínteses, testemunhas do período neolítico nos seus métodos de trabalho, sofredores do feudalismo mais remoto e cujos brados enfermos a floresta deglute, sem vestígios...

Uma das teses de Euclides da Cunha, em pleno regimen de "science-fiction", fácil de compreender-se ao princípio do século, mas desmentida pela observação moderna é o apôdo lançado ao rio Amazonas, como rio-réprobo, rio-sabotador, rio-impatriota, que arrasta a Amazônia para o gôlfo do México, lançando sôbre o Yucatã as nossas terras, roubadas ao Brasil.

Em 1900 era possível uma visada como essa, iludido o observador com a viagem aparente das ilhas transitórias...

Hoje, sabe-se que o rio Amazonas está provocando no seu estuário, mercê do carreamento dessa tonelagem de "humus" e muito mais pelo represamento natural, um açoreamento permanente .

Fecha-se, lenta e fatalisticamente, a chanfradura amazônica. As enchentes em todo vale são cada vez maiores e os ciclos das enchentes catastróficas se fundem, cada vez mais próximos.

As vasas, depositadas na bôca do gigante, formam as "terras imaturas", de constituição recente, ótimas para a agricultura, na distribuição dos **schorre** e dos **slike**, recobertos de mangais, formando lagos represados, lagos de barragem, que serão transformados em "terras firmes".

O golfão amazônico aumenta, progressivamente as suas ilhas deltáicas e eleva, a cada enchente, o nível de suas águas, relembrando o Mar Interior do período terciário.

Na trama de Breves, essa colmatagem incessante dos antigos "furos", dará, sem dúvida, à fisionomia do estuário um aspecto de emparedamento. O destino aluvional das várzeas não é fugir para o México. É formar, pela sedimentação, novos territórios de cultura, inclusive determinando, à bacia hidrográfica, uma auto-defesa na sua ulterior configuração lacustre, desmesurada e intraduzível.

Bem estudado pela alta competência do professor Antonio Teixeira Guerra, o fenômeno das "rias dulcelíquidas" da foz do Amazonas, foi êle também objeto de atenção de Pierre Denis, Gourou, e Ruellan, numa pesquisa de interpretação. O rebaixamento do fundo oceânico gera essas "rias", sem imobilizar o conceito que defendemos. Há um açoreamento intensivo, que bem pode ter começado quando o rio Pará, para mim um dos canais do rio Amazonas, era sòmente um dos seus braços, recebendo o apôio do Tocantins, como um subsídio.

Breve, teremos que drenar a embocadura norte do titã, que hoje, com os estudos recentíssimos, acompanhados pela reportagem de O GLÔBO, do Rio de Janeiro, numa

das mais sensacionais viagens do mundo, em todos os tempos, dá ao Amazonas, nascente no Vilcanota-Yucaiale, nas vizinhanças do Titicaca, com uma extensão muito superior à do Nilo e à do Mississipi-Missouri, acabando de vez com a veleidade alienígena em tórno do soberano do universo.

Teremos de drená-lo, se quisermos permitir-lhe o ingresso de embarcações de médio calado. Os "deltos laterais", da própria concepção euclidiana, serviram de espinhas, arrefecendo essa "ânsia condutora" e dando, ao arquipélago do grande canal o papel de barragem natural, para formação de novas extensões de terra arável.

A visão de 1900 foi devorada pela realidade de mais meio século. O "science-fiction" foi, mais uma vez, a fuga.

O dono do cérebro

Quando divergimos de Euclides da Cunha, cientificamente, consideramos o seu raciocínio na ciência social. Não chegaremos ao destempêro de julgá-lo um simples manipanço de Orville Derby, no manejo da ciência natural. A geologia era um dos seus temas de sedução e nela Derby prestou-lhe auxílio incontestável. Mas a meticulosidade no descortino dos fenômenos, em Euclides, era tão firme e tão à flor da pele, que Alberto Rangel viu nêlo o "dom de adivinhar" e sentiu que sua "alma era educada nos êxtasis do patriotismo, na sensibilidade das grandes causas do mundo".

Escragnolle Doria declarava que, em tôda a vida de Euclides, "uma cousa jamais nêlo arrefeceu: — o amor da Pátria". E foi por êsse sentimento, alto e vertical, que Afrânio Peixoto disse dêle, "que fôra o novo bandeirante de uma nova entrada pela alma da nacionalidade brasileira".

Nas ciências naturais, nada obstante o poderoso amparo de Orville Derby, foi êle o dono do cérebro.

Catalogou cerca de 34 espécies vegetais nos sertões da Bahia. Viu, como ninguém, a botânica dos descam-

pados, das aglomerações xerófitas, mergulhando nas savanas para surgir com um verdadeiro tratado de botânica paciente. O "trêcho maldito" da geografia dos ineptos, o sertão adusto e majestoso, compareceu no seu livro como um novo manancial florístico.

Assim o foi com a descrição das "favelas", vegetais ignotos até esse momento, de fôlhas cáusticas e frutos sazoados, no gênero das leguminosas; o umbuzeiro, essa vaca vegetal do nordeste; o araticum, o ouricuri estóico, a mari esgalga, a quixaba modesta, as palmatórias que alimentam, "in extremis", os mandacarús, talhados a foice, o juá que sustenta os animais, os cunanãs, "dependurando-se dos galhos como grinaldas fantásticas", o candombá, cujos galhos incendiados espantam as onças deslumbradas nos desvãos da caatinga. . .

Foi um botânico, sério e atento.

Gog e Magog

Há uma transferência de personalidades, à análise de OS SERTÕES. Euclýdes era um homem de costumes áridos, rijos, ásperos.

No fundo, era um vingador. Ele sentia isso, fervia-lhe isso nos nervos, no sangue, na consciência. O espetáculo confrangia. Um país imenso, de úlcera no estômago, estendia a língua sobre o Atlântico, esperando a gota de champanhe francesa. Uma sociedade inteira, de pernas atoladas no mar, levando ao lombo uma bagagem sinistra de atrazo, de ignorância, de miséria social, dava-se ao luxo de conversar em francês, de esquecer as suas substanciais populações hinterlandinas.

O psiquismo do mago da literatura nacional eriçou-se em revolta diante dessa corrosiva indiferença.

Das calcinhas de renda aos brincos primorosos, as nossas damas eram vedêtes de Paris, sobre um baixo fundo social de lesmas humanas.

Um sertão, sem termo, bradava, atreador. Uma charneca, povoada de visões e de esqueletos, como em grande parte agora, criava duendes horripilantes, seres de uma antologia de mártires, que ainda vemos a cruzar rodovias distantes, clamando sem cessar no amplo deserto nordestino. A diferença é pequena: o jagunço de ontem, tornou-se o "pau de arara".

Ainda na carta citada, Euclýdes revela êsse sentimento espinhoso: — "Quanto ao livro o Laemmert pelo que vejo não o dará no fim dêste, como está escrito no contrato. Está pronto apenas a 1.^a parte e começada a 2.^a. Em todo o caso tenho recebido as provas tipográficas, e creio que a publicação se fará até fins de maio. Seja como fôr, porém, alenta-me a antiga convicção de que o futuro o lerá. Nem outra coisa quero. Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida — o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, cobarde e sanguinária..."

O vingador! Isso êle o foi e se confessou. Mas, o que terá sido também Antonio Conselheiro? Que estranha semelhança entre os dois regimens de conduta! Euclýdes sentia-se transfusionado no seu personagem, era um "alter ego" do místico de Canudos, era uma feição daquele drama inenarrável, conduzia dentro de si o brado de todos os oprimidos, levava consigo os clavinotes e as lazarinas da "rèvanche", compreendia o impulso daquela manada humana às ordens de um "out-law" histérico, sacudia-se de indignação diante da crueldade dos soldados legais, vibrava com os combates crepitantes, nos quais a estratégia cabôcla era um lucilar de inteligência e de coragem, sentia que o transcurso da guerra intestina, mesmo com a perda do objetivo, era uma formidável imprecação de ódio e de pudor, frente à insensibilidade litorânea!

O vingador Euclýdes foi a clava da justiça que Antonio Conselheiro deixou para a Eternidade!

Todos os dois homens místicos e sécos, ambos silentes e profundos, ambos destemidos mas frios, ambos de aparência lógica com um turbilhão a agitar-lhes o íntimo, ambos

irmãos da Morte, ambos fachos da redenção e da Dor, ambos abraçados no mesmo destino que terminou em dois túmulos de honra : — um no templo arruinado de Canudos, o outro numa casa sinistra no subúrbio da Piedade, no Rio de Janeiro.

Euclides da Cunha dever-se-ia ver, de certo modo, em Antonio Conselheiro. Se êste houvesse conhecido Euclides, ter-lhe-ia entregue o estandarte da rebeldia e da honra !

Os dois se completavam. O Caliban do agreste e o gênio erigido da Metrópole; o bonzo crucificado na História e o escultor que o esculpiu para sempre. O ouvido sôfrego do jagunço, que escutou, alguns dias antes do fim, a última ordem balbuciada pelo seu Chefe, hirsuto e horrendo, levava uma vibração ignota de Euclides da Cunha.

Teria sido a síntese de tôdas as ordens da epopéia francesa de Waterloo : — "Morrã mas não se rendam !".

E é Euclides quem coroa essa hora espartana, ponteados os cabeços pelos últimos raios de sol na homenagem aos lacedemônios pardos :

"Canudos não se rendeu. Exemplo único em tôda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia cinco, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas : um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados".

Nêsse momento, como se das cruzes da Tróia do sertão subisse ao céu um monumento eterno, a figura de Euclides da Cunha quedou-se finda, na imortalização de sua própria vingança !

Sem dúvida, Euclides é muito maior do que OS SERTÕES.

Êsse conceito brilhante de Gilberto Freire reduz ao seu limite, o arroubo estonteado em tôrno de uma obra. A sua personalidade é, por si mesma, a maior glória da nossa literatura.

As etapas do Tempo

JORNAL DE ALA, flor da imprensa literária da Bahia, na época inolvidável de Carlos Chiacchio, fêz publicar a mais perfeita Cronologia de Euclýdes da Cunha. Sabê-lo excitado nos seus períodos mais alegres, duro e indomável nas suas reações mais íntimas. Aqui e ali pontilhado de efervescências, quase sempre dominado por um sentimento de solidude que o acompanhou até o túmulo, o seu destino foi uma amputação precoce, imobilizando-o na tristeza, com a perda de sua mãe aos 3 anos de idade.

Veio ao mundo na "Fazenda Saudade", em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo, no Estado do Rio, a 20 de janeiro de 1866. Daí, até a sua morte, a 15 de agosto de 1909, encheu o Brasil dos mais perfeitos artigos de estudo antropogeográfico, dos livros mais opulentos na descrição do nosso país e de nossa gente.

Publicou OS SERTÕES em 1902, o mais completo breviário cívico do Brasil; o "Relatório da Comissão Mixta Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus" em 1906; "Contrastes e Confrontos" em 1907; "Peru versus Bolivia" em 1902; "Castro Alves e seu Tempo" em 1907; "À Margem da História" em 1909.

Era do seu desejo escrever, conforme o seu Epistolário, outros preciosos trabalhos como: — "História Sul Americana", "Origem do Brasil Contemporâneo", "História da Revolta" e "Um Paraíso Perdido".

Sobre sua vida e sua obra escreveram, em altibaixos, Silvio Romero, Francisco Venância Filho, José Veríssimo, Araripe Junior, Alberto Rangel, Afrânio Peixoto, João Pinto da Silva, Oliveira Lima, Teodoro Sampaio, Lacerda Filho, Artur Mota, Roquete Pinto, Coêlho Neto, Arnaldo Pimenta da Cunha, Eloi Pontes e, entre os modernos, Afrânio Coutinho, meu ilustre colega de turma na Faculdade de Medicina da Bahia e um dos mais agudos críticos brasileiros, Paulo Dantas, Cassiano Nunes, Dorian Freire, Heitor Ferreira Lima.

Transcrevemos **data venia, ipsis litteris**, a sua Cronologia, tão rica de ensinamentos nos seus próprios silêncios, tão rara e prestante para um vôo sôbre o destino amargo dêsse condor do pensamento indígena.

- 1866 — 20 de janeiro — Nasce Euclýdes da Cunha.
- 1866 — 24 de novembro — Batismo na Igreja de Santa Rita do Rio Negro, em Cantagalo, onde o povo colocou depois, em um dos jardins da cidade, o seu busto.
- 1869 — Perda de sua mãe, D. Eudoxia Moreira da Cunha.
- De 1869 a 1870 — Passou em Terezópolis, na companhia da família do dr. Urbano Gouvêia.
- 1870 — Perda de sua tia, Rosinda de Gouvêia, sob cujos cuidados vivia.
- De 1871 a 1873 — Em S. Fidelis, com sua irmã Adélia, na "Fazenda São Joaquim" de sua tia Laura, casada com o Cel. Magalhães Garcez.
- De 1874 a 1876 — Ainda em S. Fidelis. Primeiros estudos no "Colégio Caldeira".
- De 1877 a 1878 — Na Bahia. Com seus avós paternos. Estudos no "Colégio Bahia".
- 1879 — No Rio de Janeiro, sob os cuidados do seu tio paterno Antonio Pimenta da Cunha, matriculando-se no "Colégio Sul Americano".
- 1879 — 25 de novembro — Presta o seu primeiro exame de português.
- De 1880 a 1882 — Colégios "Vitório da Costa", "Menezes Vieira" e preparatórios.
- De 1883 a 1884 — "Colégio Aquino" e primeiras publicações em O DEMOCRATA, pequeno jornal de colegiais.

- 1884 — 15 de março — Exame de matemática perante a Esc. Politécnica.
- 1886 — 20 de fevereiro — Assenta praça na Escola Militar.
- 1888 — 4 de novembro — Incidente na Escola Militar.

(Abrimos um parêntesis. E como foi esse incidente? Que fim teve? Que observação nos resultou dêle?)

Urge repeti-lo, na referência de Heitor Lima.

Sob o sol carioca, que enchia a vastidão de um cenário de operêta, ia-se realizar uma cerimônia fardada. A velha Escola Militar da Praia Vermelha, estava formada em posição de sentido, na solenidade do ato que se constituia na passagem em revista à tropa de elite, pelo Ministro da Guerra do Império. A farsa estava preparada. O prestígio emocional da Monarquia periclitava. Minava-a a semente intelectual de Benjamin Constant, falando aos moços, os rasgos republicanos dos poetas e dos artistas. O mundo marchava. O Brasil organizava-se em novos moldes liberais. O barrête frígido volitava sôbre a cabeça do índio. A cerimônia militar de revista era intencional, preparada com o fito de alicerçar o prestígio do trôno, entre os jovens, neutralizando a propaganda subversiva.

Era o crepúsculo do reinado. Pedro II perdera em consistência, a sua impopularidade invadia tôdas as frinchas sociais, menos por êle do que pelo ridículo dos cortesãos, empanturrados em regabofes e promiscuidos em escândalos amorosos.

O clarim retine. A luz faz coruscarem botões doirados e cintos metálicos na cortina humana da juventude militar. Os rostos moços estão sérios. O Ministro Tomaz Coêlho, ao lado do Comandante da Escola, avança em marcha lenta. Está grave e garboso. O povo, testemunhando o fato, cerca a praça, de longe, sob o abrigo do matacão de pedra da Urca. Perto dali, no começo do Brasil, desembarcara, cortante e decidido Estácio de Sá, fundando a cidade.

Havia, no ambiente, um sôpro de fatalidade. Beleza e ameaça. Súbito, do meio da tropa, rápido, erecto, olhos fuzilantes, surge um dos cadêtes, diante do espanto do Ministro da Guerra e do Comandante da Escola Militar e, num gesto brusco, puxando a espada, quebra-a nos joelhos e joga-a num gesto de desprezo, aos pés de Tomaz Coêlho.

Em seguida, vira-lhe as costas e se recolhe, intrépido e pálido, ao seu lugar. Quem fizera êsse gesto republicano de protesto contra a farsa fôra o cadête Euclides da Cunha !

Logo depois, foi expulso da Escola por "incapacidade física", dado como louco. Só um ano mais tarde, em plena República, o cadête revêso voltava à Escola, a pedido dos seus colegas, gloriosamente, concluindo o seu curso na arma de artilharia).

Retomemos a Cronologia.

- 1888 — 28 de novembro — Primeiro artigo na "Província de S. Paulo", edição n.º 4.124, sob o titulo : — "Questões Sociais".
- 1889 — 28 de janeiro — Ida para a Est. Politécnica do Rio de Janeiro.
- 1889 — 22 a 28 de maio — Últimos artigos da "Província de S. Paulo", intitulados "Homens de hoje".
- 1889 — Vários meses : — Artigos na "Gazeta de Notícias".
- 1889 — 19 de novembro — Reintegração no Exército.
- 1889 — 21 de novembro — Alferes aluno.
- 1890 — janeiro — Conclusão do curso de artilharia.
- 1890 — 14 de abril — Segundo tenente, depois do curso técnico.
- 1891 — dezembro — Completa os estudos na Escola de Guerra.

REVISTA DA ACADEMIA

- 1892 — 9 de janeiro — Primeiro Tenente e praticante da Estrada de Ferro Central.
- 1893 — 22 de dezembro — Designado para dirigir as obras de fortificações das trincheiras da Saúde, contra os revoltosos.
- 1894 — 18 a 20 de fevereiro — Protesto pela "Gazeta de Noticias" sob o título "A Dynamite".
- 1894 — Fevereiro — Dirigindo obras de fortificações junto às Docas Nacionais.
- 1895 — 28 de junho — Agregado ao Corpo do Estado Maior de 1.^a classe.
- 1896 — 13 de julho — Saída do Exército.
- 1896 — 18 de setembro — Engenheiro ajudante da Superintendência das Obras Públicas de S. Paulo.
- 1897 — 14 de março — Primeiro artigo, no "Estado de S. Paulo": — "A Nossa Vendéa". Relativo à campanha de Canudos.
- 1897 — 17 de julho — Segundo artigo, no "Estado de S. Paulo", também sobre Canudos.
- 1897 — Agosto — Partida para a Bahia.
- 1897 — 7 de Agosto — Primeiro artigo da Bahia, para o "Estado de S. Paulo" escrito sobre o panorama da Capital.
- 1897 — 31 de agosto — Partida para Canudos.
- 1897 — 10 de setembro — Chegada a Canudos.
- 1897 — 9 de outubro — Volta a Salvador.
- 1897 — 17 de outubro — Partida da Bahia, de retôrno ao Rio.

REVISTA DA ACADEMIA

- 1897 — Outubro — Chegada ao Rio. Publicação no "Jornal do Comércio", do plano de "A Nossa Vendéa", duas partes: — A "Natureza e o Homem".
- 1897 — Outubro — Chegada a S. Paulo.
- 1897 — 26 de outubro — Último artigo do "Diário de uma Expedição", no "Estado de S. Paulo": "O Batalhão de São Paulo".
- 1897 — outubro — "Fazenda São Carlos do Pinhal". Ataque do livro, com retificação e ampliação do plano primitivo de "A Nossa Vendéa", para "Os Sertões". 1898. Engenheiro das Obras de São Paulo.
- 1898 — 19 de janeiro — Primeiros excertos dos "Sertões", no "Estado de São Paulo".
- 1898 — 5 de fevereiro — "Climatologia da Bahia", no Instituto Histórico, porventura aproveitado em "Os Sertões", que não se incluí nominalmente em sua bibliografia.
- 1898 — Ponte de São José do Rio Pardo. Trabalhos preliminares da ponte e, nos intervalos, retomada de OS SERTÕES, na barraquinha.
- 1900 — maio — Acabamento de OS SERTÕES. Mandado à cópia do calígrafo Augusto.
- 1901 — 15 de janeiro — Promovido a Chefe de Distrito.
- 1901 — 18 de maio — Inauguração da ponte de São José do Rio Pardo.
- 1901 — Dezembro — Carta de Garcia Redondo a Lúcio de Mendonça, apresentando OS SERTÕES.
- 1902 — janeiro — Primeiras provas de OS SERTÕES.

REVISTA DA ACADEMIA

- 1902 — 14 de maio — Primeiras páginas impressas de OS SERTÕES.
- 1902 — 10 a 29 de outubro — Correção a nanquim e ponta de canivete do livro impresso.
- 1902 — dezembro — Aparecimento de OS SERTÕES.
- 1903 — 19 de fevereiro — Esgatada a primeira edição.
- 1903 — julho — Segunda edição de OS SERTÕES.
- 1903 — 21 de setembro — Eleição para a Academia de Letras.
- 1903 — 20 de novembro — Posse no Instituto Histórico.
- 1904 — 15 de janeiro — Nomeado engenheiro fiscal das Obras de Saneamento de Santos.
- 1904 — 22 de abril — Exonerado a pedido.
- 1904 — agosto — Nomeação para a Comissão do Alto Purus.
- 1904 — 26 de outubro — Mapa da região abrangida pelo litigio do Acre.
- 1904 — 13 de dezembro — Partida do Rio de Janeiro, no navio "Alagôas", para o Amazonas.
- 1904 — 30 de dezembro — Chegada a Manáus.
- 1905 — 5 de abril — Partida de Manáus para as nascentes do Purus.
- 1905 — 21 de maio — Naufrágio de um grande batelão, com gêneros, utensilios e objetos da Comissão, na volta de S. Brás, no rio Purus.

REVISTA DA ACADEMIA

- 1905 — 13 de junho — Em Murosal, primeira barraca peruana, no Alto Purus.
- 1905 — 25 de junho — Em San Juan — Peru —, revolta de 5 soldados contra os expedicionários.
- 1905 — 14 de agosto — Chegada às nascentes do Purus, com reduzido grupo de temerários.
- 1905 — 23 de outubro — Regresso da Comissão a Manáus.
- 1905 — 16 de dezembro — Conclusão dos trabalhos em Manáus.
- 1905 — 18 de dezembro — Posse na Academia de Letras.
- 1907 — abril — Esboço geográfico do departamento do Alto Juruá e o contôrno da fronteira com o Peru.
- 1907 — Publicação de "Contrastes e Confrontos".
- 1907 — Setembro — Publicação do "Peru versus Bolívia".
- 1907 — outubro — Mapa da região compreendida entre os rios Acre, Abunã, Tahuamanu e Orthon.
- 1907 — 2 de dezembro — Conferência sôbre "Castro Alves e seu Tempo", realizada no "Centro XI de Agosto", em S. Paulo.
- 1908 — Trabalhos no Ministério do Exterior.
- 1908 — Preâmbulo do "Inferno Verde", de Alberto Rangel.
- 1908 — maio — Carta de uma parte da lagôa Mirim.

REVISTA DA ACADEMIA

- 1909 — 17 a 25 de maio — Prova escrita e oral do concurso de lógica no Colégio Pedro II.
- 1909 — 14 de julho — Nomeação para o Colégio Pedro II.
- 1909 — 21 de julho — Primeira aula no Colégio Pedro II.
- 1909 — julho — Esbôço da região litigiosa Peruvia-Boliviana.
- 1909 — 15 de agosto — Assassinado.

O ato brutal, trágico, cortante como um golpe de navalha, enlutou o país. Espaldeirou as consciências, violentou as atenções, sacudiu de norte a sul uma nação ainda emocionada com o surgimento de OS SERTÕES.

Foi uma sequência sombria de drama grêgo, ou a reprodução da descida fulminante do punhal de Brutus, seccionando a História.

39 dias depois dêsse golpe surdo e fundo no coração do Brasil, veio ao mundo o humilde escritor que vos fala. Nasci sob a vertigem emotiva dêsse assassinato. Não poderia, pois, como artista, deixar de ser um euclidiano, vindo à luz sob o signo da desgraça de um dos maiores gênios da nacionalidade.

Surpresas literárias

Quando escreveu OS SERTÕES, Euclides não havia ainda lido os clássicos maiores da língua portuguesa. Foi por essa época que alguns amigos preciosos de São José do Rio Pardo lhe colocaram às mãos, Vieira e Bernardes, Herculano e Camilo. A "Nova Floresta" foi como uma silva enfeitada que se abrisse à sua admiração. Vieira deu-lhe tónicos à arte de explanar. Nas estupendas reprotagens de Olímpio de Souza Andrade, pesquisador infatigável, homem e repórter que percorreu com impressionante meticulosidade todos os varadouros literários do Mestre, seja nos ásperos caminhos da Bahia, seja nos refúgios

remansosos da Paulistânia, nos recuados silêncios de S. José do Rio Pardo, encontramos fatos e narrativas que espantam, que perturbam, menos deprimentes que inéditas, sôbre a monstruosa e inacreditável compositura de OS SERTÕES.

Iremos encontrar os legítimos colaboradores da grande obra. Iremos sentir as hesitações do gênio nos arruobos da História Natural, cujo bastão principal foi Orville Derby.

Iremos admirar-nos com o desconhecimento que Euclides tinha dos clássicos da língua portuguesa, êle que é, sem dúvida, um clássico. Iremos ver de como se alvorçaram na sua ingenuidade, os sertanejos paulistas que o assistiram, prodigiosos na sua inocência, como o foi Pasteur, esmagado e ignorando o motivo central da ovação que recebera na Academia de Ciências de Paris, arriscando ao seu acompanhante, à porta do anfiteatro majestoso onde estrugiam as palmas, esta pergunta: — "Quem é o sábio que está recebendo essa homenagem?"

Áurea Ribeiro de Souza Andrade, Cornélio de Souza Leite, João Modesto de Castro, José Honório e Pascoal Artese foram testemunhas dessa época memorável.

Francisco de Escobar foi uma personagem central da era riopardense.

Prefeito da cidade e amigo fraternal de Euclides da Cunha, cultura sólida e lavada numa erudição cuidadosa e abrangente, Escobar foi um colaborador constante, um fornecedor de subsídios, um potencial de aumento dos já robustíssimos conhecimentos do escritor.

Era, na observação fulgurante de Souza Andrade, uma "espécie de Cardeal Mezzofanti, lembrando também a figura singular daquele Tautphoeus que Nabuco fez reviver em "Minha Formação", tudo sabendo, informando tudo sôbre qualquer assunto, a qualquer momento, como se fôsse uma enciclopédia; verdadeiramente, como o outro, "um sábio da Grécia, praticando com o espirito e a inteireza pagã, a filosofia do Ecclesiastes: — **vanitas, vanitatum** . . .

Foi José Honório, íntimo do Mestre de "À Margem da História", quem se escandalizou com as suas deficiências literárias, lendo e relendo como novidade a Vieira e Bernardes e os transformando em comentário de conversa trivial...

Tanto se arrebatou êle com a revelação d'esses dois condutores da dialética vernacular, que se apropriou da seleta de Honório, junto com um volume de Aires do Casal, nunca mais os devolvendo...

Valdomiro Silveira refere que, conversando com Euclides, ficou estatelado com a declaração d'êle, afirmando que nunca lêra nenhum dos prosadores portugueses. Isso poderia gerar a tésede de que não é necessário lê-los para se ter um estilo perfeito...

Argumentando, Valdomiro pôs-lhe às mãos Herculano e Camilo, pedindo-lhe que lhe fornecesse mais livros d'esses clássicos, dos quais tanto havia saboreado. Bebeu o "Monje de Cistêr", avidamente. Dias depois, encontrando Valdomiro, despejou: — "Silveira, o Herculano é pesado!"

Diante do impacto com que foi recebida a frase, acrescentou: — "Mas tem o pêsodo ouro maciço..."

Gilberto Freire, autoridade nacional em sociologia, reafirmou Arrojado Lisbôa, declarando que Euclides fôra tonificado pelo auxílio técnico do sábio Orville Derby, em Geologia.

Não só Orville Derby, mas Teodoro Sampaio, também.

Euclides declarava, aos que conviviam com êle, não ter tempo para enredar-se nessas matérias.

Com uma vasta cultura, êle demonstrou que o enciclopédismo de sua época já não resistia ao mergulho das especializações.

Não foi, pois, pela ciência, que nós devemos considerá-lo. Foi um rio turbilhonante que, à foz, não tornava reconhecíveis as águas de nenhum dos seus tributários.

O que estarrece nêle é a intuição e a Arte, o poder indigenista das suas convicções, a brasilidade do seu pensamento e o fulgor imortal dos seus trôpos literários.

Quando o injuriam o fazem movidos pelo despeito de jamais reproduzirem o seu estilo magnífico, a firmeza dos seus conceitos, a magnitude do seu sentimento, a alta e sonora expressão da sua revolta.

Quando o elogiam o fazem, como eu neste momento, sob o signo mágico da fascinação e da prece, perdendo-se os seus críticos amáveis na inconfundível atrocidade do seu destino !

A razão oculta

A tortura que o consumia, transformou a sua casa num sarcófago de emoções estranhas.

Suspendamos as pedradas que magoam, os ressentimentos que não se apagam como as luzes errantes sôbre os paúis, as agulhas da crítica superficial, cujo sentido é se cravarem na História, rasgando as memórias, inutilizando as reconciliações.

No rumor das palavras sem nexos, no borborinho dos comentários facetados das esquinas, na corruscação dos floretes acadêmicos ou no relâmpago terrível das navalhas de botequins, há sempre, a respeito da vida de Euclides da Cunha, uma deformidade que enclausura, da piedade, todos os que o cercavam.

Os refólhos de sua vida mais íntima estão ocultos sob denso mistério. Apaziguemos os rancores, bendigamos à Vida, nossa Mãe, escutemos os sinais dos tempos que nos levarão à justiça da História.

E' humano lembrar-se que, até morrer recentemente, Dilermando de Assis, seu matador, conservava à cabeceira do seu leito, como um Evangelho de Civismo, o livro essencial de Euclides. Remorso ? Não, o remorso não retroage, nem inclui a fascinação literária pura e simples.

Era amor revêso pelo monstruoso espírito de sua vítima eventual. Relembremos também a cena, numa reportagem do "Correio da Manhã", do dia seguinte à tragédia: "Euclides entrando em casa onde os dois irmãos residiam, Dilermando e Dinorah, estava verdadeiramente desvairado.

Dinorah, que tomava café na sala, levantou-se, surpreendido.

— "Onde está Dill? pergunta-lhe Euclides.

— "Ainda está deitado", responde-lhe Dinorah.

— "Onde?" insistiu o escritor.

— "Ali..." respondeu-lhe Dinorah, apontando-lhe uma porta fechada por dentro.

Euclides da Cunha dirigiu-se para ela e procurou abri-la. Encontrando resistência, o escritor arrombou-a com um ponta-pê. O arruido fêz Dilermando levantar-se de um salto, encontrando já à sua frente Euclides da Cunha, que apontava para êle um pequeno revólver "Smith & Wesson". Um segundo depois, estalou o primeiro tiro, que se perdeu. Dilermando atirou-se corajosamente para o escritor, pretendendo desarmá-lo, o que não pôde fazer, recebendo nessa ocasião, um tiro, que o feriu, ao mesmo tempo, no pulso, de raspão, e no peito. Um outro tiro foi ainda ferí-lo no ventre, intervindo nessa ocasião Dinorah, que também quis desarmar Euclides da Cunha.

Êste voltou-se rapidamente e alvejou o outro rapaz, ferindo-o também na base da coluna vertebral.

Nesse meio tempo, Dilermando armou-se do seu revólver, fazendo com êle dois disparos para a parêde, com o intuito de intimidar o seu agressor. Não logrou efeito êsse expediente. Um novo projétil foi ferir Dilermando numa das virilhas, e êle, então, cego de dor, fêz quatro disparos seguidos contra o autor d'OS SERTÕES, em cujo corpo se foram cravar as quatro balas, sendo uma sôbre o rim, outra num pulso, a terceira no braço e a quarta no torax, tôdas do lado direito. Tinham sido detonadas treze

balas, ao todo. Mortalmente ferido, Euclýdes da Cunha cambaleou até a porta de entrada, onde foi cair estertorando. Mesmo feridos, os dois irmãos o apanharam e, em braços, um com uma bala na virilha e outro com outra na espinha dorsal, o levaram para a cama de Dilermando, onde ficou Euclýdes durante os seus poucos minutos de agonia. Pouco depois, no necrotério, foi visitado em primeira mão pelos escritores Medeiros de Albuquerque e Coêlho Netto, além do representante do Barão do Rio Branco, dentre a multidão de jornalistas e amigos, admiradores do gigante. Quem fez a autópsia no cadáver foi outro escritor, Afrânio Peixoto, por êsse tempo diretor do Instituto Médico Legal”.

Essa a reportagem condensada do “Correio da Manhã”, o brilhante órgão da imprensa carioca, algumas horas depois do incidente.

Já, nesse instante, OS SERTÕES viviam sob o travesseiro de Dilermando de Assis, como Bíblia de nacionalismo.

Chovia na manhã dêsse dia sinistro. Era um domingo de “chuva, umidade, lama e vento”.

Era o dia de Nossa Senhora das Angústias.

Ao saber do que acontecera, o pai de Euclýdes, Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, exclamou para Otaviano Vieira, seu cunhado: — “Mataram meu filho. Mas estou satisfeito, porque êle morreu em defesa da sua honra e do seu nome. Foi um digno”.

Terminemos êste discurso, comovidamente.

Senhores Acadêmicos:

Assim encerrou um capítulo escrito com o coração, sôbre a Lâmpada Vingadora, o imortal Carlos Chiacchio, da Bahia: “Euclýdes não teve um amor à altura do seu gênio. E foi um mal para a sua pátria”... .

Não! Êle o teve! E não foi um amor puro e simples, foi uma paixão, uma insondável, miraculosa e profunda paixão pelo Brasil!

Discurso de Saudação

DISCURSO DE SAUDAÇÃO PROFERIDO EM NOME DA ACADEMIA pelo Acadêmico DJALMA BATISTA na cerimônia do novo imortal RAMAYANA DE CHEVALIER.

DJALMA BATISTA

Bem hajam os fados que vos conduziram a um lugar nesta Academia, com o nome de Euclides da Cunha!

Há, em verdade, entre vós e o vosso patrono, um nexo não apenas cronológico, que há pouco assinalastes — ocorrido que foi o vosso nascimento 39 dias após a sua morte: sois um descendente de qualquer das três correntes oriundas da fonte euclidiana, — pelo estilo, pela pujança verbal, pelo papel vingador e até pela busca de razões científicas que sempre fazeis para as afirmações mais ousadas.

Euclides, portentoso revelador da nacionalidade, de cujos 43 anos de vida não nos acercamos sem um desmedido espanto, tem em vós um continuador, sendo, como sois, um dos reveladores da Amazônia.

Confessastes que já éreis homem feito, e estava amalhada a vossa cultura, quando vos engolfastes na prosa de "Os Sertões"; e repetistes a história dos primeiros contatos de Euclides com os clássicos da língua, em S. José do Rio Pardo, já escritor, ao redigir sua maior obra, que é também a maior das letras do Brasil. Isto prova mesmo

que Euclides tinha um pôsto entre os grandes do idioma, porque para êsse pôsto nascera, sem precisar alcançá-lo por osmose ou alpinismo, da mesma forma que já tinheis, de saída, o porte euclidiano, sem vos precisardes mimetizar diante dos contornos do Mestre.

Dizendo isto, creio que já vos faço o elogio, e sem convenções protocolares.

FLAGRANTES DE UM DESTINO

Para resumir, tudo em vós provém de um destino, a começar pelo nome — Valmik Ramayana — que reúne o poeta e o poema, tradutores da inspiração e da sabedoria de milênios de civilização indu.

Filho de professôres, nascido numa escola, e uma escola de nome ambicioso — Instituto Universitário — cêdo vos acostumastes ao convívio dos livros e das lições, encontrando clima para o desabrochar de uma inteligência, que se afirmaria a maior de quantas já produziu a Planície.

Nascer na Amazônia foi outra forma por que o destino vos marcou. Trazeis no sangue o ardor e a revolta de Apolinário Maparajuba, o último cabano, do qual sois descendente; e na alma, o fascínio que o moço alagoano José Chevalier sentiu pela terra promissora da "**tropical rain forest**", êle que para aqui viera, do sertão adusto, com o coração cheio de esperanças e de sonhos para a realização de uma vida intelectual. Maparajuba é um símbolo da revolução precursora, que deu à Amazônia prioridade histórica nos movimentos de caráter social dos trabalhadores do mundo. José Chevalier é um marco da resistência do homem planiciário, isto é, do homem que se identificou, pela adaptação, com o ambiente amazônico, procurando criar para as novas gerações, através do cultivo da inteligência, meios para o domínio da natureza e condições melhores para a existência: o mestre-escola, assistido por uma boa, leal e esclarecida companheira, em verdade não pôde ser o poeta e o escritor com que sonhara, mas conseguiu

fazer mais, sendo, como o foi, educador de uma geração amazonense, que teve em Leopoldo Pêres o seu líder, e nos filhos, Ramayana e Carlyle de Chevalier, dois expoentes.

Carlyle tombou cêdo, mal saído da velha Escola de Direito do Portão da Piedade, empunhando a tradução do famoso livro de história da filosofia de Landazuri, para o qual escreveu um prefácio à maneira euclidiana, isto é, superando o texto. Teria sido, sem dúvida, a serenidade diante do tumulto amazônico, e equilibrado balanceador da nossa sociogenia, e provavelmente o grande teórico da ressurreição.

Ficastes vós, porém, para cumprir o destino do cabano libertário, do pedagogo sonhador e do filósofo emancipado.

Um fato singular já traçara, desde a primeira infância, o vosso caminho — fato culminante, assinalando a vossa reminiscência n.º 1. Foi a passagem do cometa Halley, a que assististes, quase ainda na lactência, da janela do casarão da rua Dr. Moreira, que já tem a glória de ter servido de berço a pelo menos dois amazonenses da primeira linha: Arthur Cezar Ferreira Reis e Ramayana de Chevalier. Acompanhando o rastro luminoso do cometa, na noite fantasmal de 1910, mal acordado, passastes da vida medular à vida cerebral, e a imagem do astro famoso deve ter fundamentado impressionado o vosso sensório: como que êle traçava, naquela passagem, das que realiza de 75 em 75 anos, isto é, de 3 em 3 gerações do homem, a elipse da vossa trajetória, que estais fixando numa trilogia, cujos primeiros capítulos tive a felicidade de ser dos primeiros ouvintes: "Luar sôbre os Túmulos", "Um homem sob o Sol" e "O Cometa Voltou", — livros que terão o título geral de "As 3 Faces da Angústia".

Ficastes com o encargo, no intervalo das duas aparições do cometa Halley em nosso século, de iluminar, de maneira fulgurante, os lugares por onde passais, com o espetáculo pirotécnico de vossa eloquência, e de atrair para a Amazônia, como a estrela bíblica que clareou o caminho dos Reis Magos, a atenção de quantos lêem as páginas empolgantes que tendes escrito e ainda haveis de escrever.

Acredito que olhando o mundo, pela primeira vez, através de um tal deslumbramento, tivestes a visão potenciada, a imaginação engrandecida, o entendimento multiplicado, — tudo para concorrer que em vossa cabeça de elite se instalasse um caldeirão que situa, nas vossas circunvoluções, um estado de alta temperatura para as idéias.

ANATOMIA DE UM HOMEM

Tendes 50 anos ao entrar definitivamente nesta Academia, para a qual fostes eleito em 1937, então para a cadeira Cruz e Souza.

Nesta altura, saudado por um médico, que se formou em permanente admiração pelo vosso espírito e que de longa data acompanha os vossos passos, permitireis que tente aplicar os nossos velhos métodos de estudo, dissecando a vossa vida cinquentenária.

Começarei pelo biótipo. A ossatura bem constituída deu excelente base física às inserções musculares, e a musculatura estriada, submetida aos exercícios percucientemente dosados, do grupo de escotismo do Instituto Universitário, embora não tenha definido o tipo atlético, impediu que se caracterizasse o tipo digestivo. Ao tempo da Bahia, serieis um mesostênico de Walter Mills ou um tipo intermédio de leptosômico e atlético de Kretschmer.

Dos aparelhos, tanto o digestivo, como o circulatório, o respiratório e o gênito-urinário, tiveram ótima embriogenia. A discreta culinária amazônica pôde ceder lugar, sem nenhum transtorno, à excitante culinária baiana, permitindo-vos tomar café com cuscús de côco, e ceiar, de madrugada, uma muqueca de siri-mole na Feira de Água dos Meninos.

O aparelho circulatório tem sido em vós de uma resistência incomum: vindes distribuindo o coração por este mundo a fora, sem cansaços nem insuficiências...

Dos órgãos dos sentidos, creio que os que mais lograram desenvolver-se foram a visão e o olfato. Tendes olhos de lince para o que sucede em tórno, e a vossa pituitária, sempre hiperestesiada, fareja encantos nos odores penetrantes da raça negra e das mestiças, como nos perfumes suaves das mulheres super-civilizadas do nosso século.

Pudestes passar ainda incólume pela síndrome dos quarentões de Berardinelli, e não vos queixardes daquela "desilusão" do cliente que estava sentindo modificações quantitativas e qualitativas nas funções...

Em "Luar sôbre Túmulos" está descrita a cena emocionante, com fundo musical de Debussy, em que Raul descobriu nas têmporas a prata dos primeiros cabelos brancos. O personagem não referiu porém o que sucedera quando o tecido adiposo começou a se depositar por debaixo do conjuntivo, fazendo crescer os diâmetros da elegância masculina...

Onde em vós caprichou mais a natureza, porém, foi no endocrinismo e no sistema nervoso. Deu-vos glândulas de células secretoras poderosas, solícitas às exigências discricionárias da fisiologia. E deu-vos centros nervosos super-agudos, especialmente na calota cerebral, que é a sede das faculdades superiores, em vós realmente superiores e soberanas. Tendes reflexos instantâneos e que traduzem como que uma presciência, transformados em ação especialmente através da palavra, que de vós flui, espontânea e vivíssima, e da pena, que consegue registrar, em períodos encachoeirados, o tumulto de uma vida interior colorida e fantasmagórica.

IMPRESSÕES CHARACTEROLÓGICAS

Encontro em vós os principais elementos para a classificação caracterológica entre os sanguíneos moderados. O arredondado do rosto não é tão pronunciado como nos sanguíneos puros, as têmporas um pouco achatadas, pômulos ligeiramente salientes, olhos proeminentes, lábios

carnudos e bem desenhados, boca entreaberta — eis o vosso retrato, transcrito do livro de psicologia médica de René Resten.

O sanguíneo é um otimista. Em vós, há aliás um contraste: otimista o amazonólogo, pessimista o médico, que vem de diagnosticar na humanidade do século XX uma forma generalizada de esquizofrenia. No pórtico de "A Catedral Silenciosa" o amazonólogo escreveu: "Aqui começará o Brasil, cansado de sobremesas. Aqui terá início uma nova cultura. Uma nova civilização". O médico que acredita na conturbação das mentes pela tentativa de adaptação à velocidade, e na fuga à realidade através da **science fiction**, é o mesmo que no "Triptico em rubro e rosa" pergunta inquieto:

"Meu Pai, será que os que sofrem
e suplicam, desesperadamente, nunca deixarão
de sofrer, de suplicar?"

"Será que o ódio é a plástica do eterno
na escultura de todos os milênios?"

encontrando afinal o rumo, embora titule esse rumo de
"O Nada":

"Mas nós sentimos, meu Pai, que há caminhos...
Há caminhos diversos, meu Pai, para a tua morada,
caminhos tão diversos que os homens se perderam,
pretendendo dominá-los, querendo a sua posse".

Felizmente o sanguíneo é também um ser fácil de se reconciliar. "Posso pois dizer que dentro do meu coração, como amazonense, não tenho inimigos... Mesmo aqueles com quem deixei de manter contato cordial, felizmente poucos, respeito e admiro, pelo valor que sempre demonstraram". Por isto vos encontramos em vários passos estendendo a mão a todos os homens da Amazônia, para uma frente-única em favor do progresso: "Todos juntos, unidos, esquecidos de tudo, cheios de boa vontade e de

solidariedade baré, trabalhando em conjunto para que a nossa voz seja ouvido, exigindo com energia, resistindo com coragem, afirmando a nossa decisão de levantar-nos para um futuro brilhante e positivo". A emotividade é baixa entre os sanguíneos, e vós a esta regra fazeis exceção. Está escrito num de vossos poemas :

"O Sentimento é o meu grilhão de ouro".

No tipo caracterológico em que vos classificamos, a inteligência se traduz através de clareza e objetividade, e a vossa prosa e os vossos versos estão cheios delas, inclusive quando celebrastes "A Morte de um Lírico Odontólogo", evocando Tiradentes :

"Só porque pregado a um muro da cidade
estava um cartaz : queremos liberdade !"

O problema da metapsíquica vos empolgou, através de uma série de experiências, a que procurastes dar feição científica, de maneira conscienciosa e completa, tal qual o figurino dos homens de vosso carácter.

Como todos os sanguíneos, sois extrovertido, dando o braço a uma alma irmã para o "Pesadelo Marítimo de Passageiro de Transatlântico" :

"Nosso navio dominará as ondas cegas
soltando pela ponta dos seios das marolas !
Nosso navio não tem noites nem auroras . . .
Nosso navio é jovem e eterno, veio do tempo
e ancorou no Sinai, desafiando abutres".

Procurais cercar-vos das cousas belas, agradáveis e úteis, especialmente da beleza do Amor, que é uma tónicas, senão a única, de vosso temperamento surpreendente. Há uma sensualidade infusa ou explicita nos vossos atos e em tudo que escreveis, especialmente nos vossos versos: as imagens lúbricas se repetem com uma constância que

denunciam velhos sepultamentos freudianos... Segundo os tratadistas, não é próprio dos sanguíneos a fidelidade... E neste poema de dois versos está o vosso ato de contrição :

"Há três palavras eternas nos teus lábios :

Eu te perdôo !

Será possível que Jesus haja nascido antes de ti ?"

E' difícil saber para quem compusestes êste poema : "Se tudo amasse como eu te amo, rebentariam jardins da ardência dos desertos, sorrisos à fisionomia parda dos paúis, músicas divinas dos élitros cavos dos escaravelhos..."

AS VÁRIAS FACES DO HOMEM DE LETRAS

A biotipologia explica satisfatòriamente êsses aspectos em aparência dispersivos de vossa personalidade, com um espectro de interêsse intelectual larguíssimo, da ciência à literatura, do jornalismo à tribuna, da cátedra às investigações mediúnicas.

Formado em medicina, vos fixastes na medicina social, utilizando, como moeda corrente, nos vossos escritos, a terminologia médica e imagens buscadas na medicina, que se infiltrou fortemente na vossa maneira de ser. De uma feita declarastes que, homem de gabinete, não poderíeis ajustar-vos à rótula dos consultórios. Através da medicina alcançastes uma visão que chamarei de estética da humanidade, admirando nela a fisiologia antes da patologia, o geral antes do particular, a saúde, como a conceitua hoje a Organização Mundial de Saúde, não como o oposto da doença, mas como o bem estar físico, social e econômico do homem.

Aqui em Manaus viestes a ensinar, — Biologia no velho Ginásio, Anatomia na Escola de Odontologia e Medicina Legal na Faculdade de Direito. Ouvi inúmeros depoimentos de alunos vossos, maravilhados com as vossas aulas, — claras, metódicas, sugestivas. A criminosa subversão política que foi o Estado Novo, entre inúmeras atrocidades, sabotou a vossa carreira no magistério, e a

de muitos outros que para êle tinham vocação, obrigando a uma desacumulação para o que não estava o Brasil preparado. Perdestes vós uma rota, perderam os moços do Amazonas um guieiro. A tal ponto isto foi grave, para a cultura da terra e para a vossa economia, que tivestes de emigrar, alguns anos depois, à procura de condições materiais e de um ambiente, que deveriam existir ou ser criados em Manaus para um homem de vosso porte mental, constringido a viver do magro ordenado de capitão médico da Polícia Militar.

No Rio, o jornalismo profissional fagocitou, e vós dissolvestes na batalha noturna das redações, nas aventuras das reportagens nacionais ou internacionais, inclusive como correspondente de guerra. Estabelecestes uma "cadeira elétrica" famosa, em que fostes impiedoso e feroz. Depois passastes à imprensa doutrinária, na chefia da redação do "Jornal de Debates", que foi uma das catapultas do movimento nacionalista.

Em São Paulo fizestes uma peregrinação paciente, pregando amazonologia em conferências proferidas em centena e meia de cidades, — legítimo embaixador da nossa inteligência e da nossa cultura.

Cronista e poeta, já tinheis um lugar definido desde a Bahia, antes de 1930, no grupo de Carlos Chiacchio, que com tanto carinho evocastes no prefácio de "Fronteiras".

Como escritor vos afirmastes, em 1935, publicando o "No Circo sem Teto da Amazônia", em que procurastes fixar o drama social dos seringais. Três ou quatro anos depois veio a lume o "Fronteiras", roteiro de viagem ao Acre e ao Guaporé, para o qual já predizias o nome de Rondônia, transformado num caleidoscópia daquelas regiões distantes, cheias de segredos e de riquezas, onde se escreveu história de verdade, com sangue no Acre, e com suor e vidas na Madeira-Mamoré, — regiões estuantes de brasilidade. Gravastes neste livro, a vossa mais completa definição da Amazônia — verdadeiro poema que ninguém escreveu igual, com orquestração euclidiana. "Só há uma monstruosidade nesta selva: a água. Ela, sim, é enorme, solapadora, infiltrante, voraz. É a hidromedusa. A terra

é uma condescendência dela. As árvores são encharcadas dela. Água em caudal : o rio. Água em revolta : a pororoca. Água em êxtase : o lago. Água em gangrena : o igapó. Água em dispnéia : o furo. Água em turbilhão : o salto. Água em delírio : o rebojo. Água em tortura : a lama. Água alegre : a corredeira. Água triste : o charco. Água em triunfo : o delta. Água humilde : a fonte. Água hipócrita : o remanso. Água vaidosa : a onda. Água em noivado : a espuma. Água em absurdo : a Amazônia”.

Só isto já consagraria um poeta, e dá bem a medida dos vossos poemas, à maneira deliciosa de Omar Khayam, os quais, reunidos em livro, terão o batismo de “Os 3 Degraus da Vida”. E é preciso não esquecer que há como um ritmo de três tempos nos títulos e na vossa própria obra literária, tôda profundamente musical.

O orador, começou a se revelar na mesma Faculdade que eu fui depois cursar, nela entrando com o salvo-conduto de uma carta de apresentação que mandastes ao mais querido e discutido de seus professôres, ainda hoje moço, brilhante e com o poder de tatuar a mente de seus discípulos, — aquêlê Estácio de Lima que não podemos relembrar sem agradecer o quanto de inquietude nos soube comunicar. Encontrei, na década de trinta, o eco de vossos discursos inflamados, a ressonância de vossa palavra fulgurante, lá na Bahia, onde a eloquência é um dom de Deus, como a beleza do golfão onde se reúnem todos os santos e como os encantos das mulheres mais lindas do Brasil. Ninguém esquecia o amazonense que fôra orador da turma de 1931 e criara uma hora de deslumbramento coletivo, famoso também o discurso à beira da sepultura de Augusto Viana, antigo Diretor da Escola, da qual dissesstes depois, num verso enternecido :

“A Faculdade de Medicina é um luar...”

Entre os vossos inéditos está um livro de evocações à Bahia, “O Dia, a Noite e o Tempo”, em que se espelha o muito que vos ficou no espirito, assim como no espirito de

todos, que lá estudámos, de emoções vividas, de convulsão interiores, de sonhos e de encantamento, para uma saudade que cresce com os anos.

Nêste meio século, portanto, a vossa inteligência se esbanjou às pampas. Fostes tudo que vos deu na telha de ser. Apenas não pudestes vos fixar em nenhuma atividade permanente, tamanha a irrequietude de vosso espírito, constantemente excitado pelas idéias nobres e pelos êxtases da vida. Por isto não apareceram até hoje os quatro ensaios, os três romances e o livro de poesias prometidos em "No Circo sem Teto". Se anunciásseis a publicação de um livro ou a realização de uma conferência sôbre eletrônica, psicologia da "bossa nova", arquitetura moderna, cultura de milho híbrido, etiologia do câncer ou novos aspectos do genocídio, não haveria quem tivesse coragem de duvidar que não serieis capaz de fazer o livro ou a conferência, revelando novidades e encantos em qualquer tema, isto é, todos vos sabem capaz de qualquer iniciativa no terreno das letras.

Com o que tem sido a vossa vida, repetis *ipsis litteris* o exemplo do rio Amazonas, — caudaloso, imprevisível nos seus movimentos, capilarizado em mil braços, milionário de sedimentos, devorador de terras caídas, construtor e destruidor de ilhas, tudo prometendo e tudo negando, — ansioso por um delta, impetuoso e belo.

EUCLYDES, RAMAYANA E A AMAZÔNIA

Um observador arguto debaixo do nome de Euclides da Cunha, no exemplar de "À Margem da História" que herdei de um velho pioneiro enamorado da Amazônia, escreveu estas palavras: "Mais poeta e sonhador do que cientista, mestre do verbo, um pouco hiperbólico; erudito notável, sistematizador ousado; idéias novas, talvez interessantes; não vivem bastante no Amazonas e Acre".

Tais observações, embora contundentes, têm muita coisa de verdade. Aquêlê "um tanto hiperbólico" como que repete a ironia de Nabuco: êsse moço escreve com um cipó...

Concordo que Euclides foi muito mais artista do que cientista, porém não estou convicto de vossa tese, de que, em "Os Sertões", "extravasou (êle) o seu psiquismo, enveredando pelas cumieiras da ciência em voga, antolhada e difícil, desnorteada nas suas legítimas diretrizes..."

Euclides que era um sentimental ou um apaixonado, com uma fórmula caracterológica em que predominava a emotividade e a reação intensa da célula cerebral, vibrou profundamente ao contato do drama estupendo da coexistência de um outro Brasil, recuado de 200 anos no tempo, e cuja explosão, no limiar do século XX, encontrara na paranoia de Conselheiro o simples instrumento. Com o seu livro-depoimento ou reportagem desvendando "a rude sociedade dos vaqueiros" e denunciando o crime histórico que foi a campanha militar de Canudos, tornou-se no acendedor do rastilho que está vencendo o sub-desenvolvimento nacional através das métas arrojadas de J. K., coroadas ante-ontem com a inauguração de Brasília, onde se unificam os dois Brasis, da lúcida visão de Jacques Lembert.

A ciência, que serviu à interpretação do gênio da denúncia, era a melhor da época, difundida e cultivada no Brasil por Nina Rodrigues, que deu a Euclides o roteiro da antropologia e da psiquiatria, e por Orville Derby e Teodoro Sampaio, que sabiam os segredos da nossa geologia. Acontece que as verdades da ciência são provisórias, e felizmente, porque "só as estátuas não mudam". A hemeralopia, por exemplo, que Euclides descreveu como "a pletoxa do olhar", reduziu-se a um simples caso de avitaminose A, impedindo a visão noturna dos carenciados...

Essa mesma ciência foi que permitiu o domínio da natureza, e a fissão do átomo e de seu núcleo; desmoralizou as distâncias com o avião, o rádio e a televisão, unificando os povos, ao tempo em que está criando condições higiênicas e adiantadas de vida.

Por outro lado o despertar da consciência das massas fêz com que se concretizasse a vulgarização do saber,

quebrando o açambarcamento das escolas e universidades pelos poderosos. Os Estados Unidos tornaram-se grandes pela democracia e o regime socialista libertou milhões de muijiks da Rússia e está revitalizando a China milenária.

Como a imaginação e a inteligência não param, chegou a hora das explorações cósmicas e da astronáutica. Não é ficção, é uma realidade, que as revistas de quadrinhos, sucessoras de Júlio Verne, apenas antecipam.

Não creio que tudo isso traduza uma fuga, denunciadora da demência precoce da humanidade; muito ao contrário, acredito que represente um sinal de vitalidade da espécie, de certo sofrida, porque tôdas essas conquistas têm tido um preço muito alto, inclusive pela vertigem com que se tem processado. Realmente o novo mundo, exigiu uma série de sucessivas adaptações do homem às novas condições de vida, dando azo a que a esquizotimia, que é uma condição psicológica normal, oposta, temperamentalmente à ciclotimia, progredisse muitas vezes até à fronteira do patológico, nas reações esquizóidicas. E quando o desequilíbrio atinge a condição definida da esquizofrenia, é a terapeutica moderna do eletrochoque que consegue ressuscitar a personalidade fendida.

O fenômeno, no seu todo, na sua filosofia, foi analisado com clarividência por Will Durant, quando assinalou que "em redor de nós tôdas as formas estão alteradas", salientando "a áspera desilusão de nossas almas" — "porque o que sobretudo perdemos foi a perspectiva. Não temos propósitos que se projetam para além da morte; somos fragmentos de homens, nada mais..."

Acredito, entretanto, que esteja em gestação uma filosofia dos novos tempos, resultante do duelo hegeliano da tese (espírito, isto é, ciência) contra a antítese (matéria, ou seja economia).

Voltemos a Euclýdes da Cunha. Não sei, ninguém sabe, se êle tinha razão nas suas induções a respeito da Amazônia :

- "Última página, ainda a escrever-se, do Gênesis"
- "O maior quadro da terra"
- "O homem, ali, é ainda um intruso impertinente"
- "A adaptação exercita-se pelo nomadismo"
- "O Purús é um engeitado"
- "A Terra é naturalmente desgraciosa e triste, porque é nova"
- "Seleção telúrica, uma sorte de magistratura natural"
- "E' por certo um clima admirável o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons", etc. etc.

Tudo isto realmente belo, bellissimo, porém em parte falso e em parte a requerer confirmação da experiência e da observação. E o pior é que tudo isto se incrustou no consciente e no sub-consciente dos que lemos Euclides, ao jeito das imagens sub-liminares da televisão americana, reaparecendo de vez em quando no que dizemos e escrevemos, de maneira dominadora. Ainda há pouco contestastes a noção espalhada do Amazonas, rio impatriótico, tema em que já se detivera o ensaísta Leandro Tocantins.

O que é certo e incontestável é que todos os intérpretes da Amazônia, os grandes intérpretes, são visceralmente euclidianos: Alberto Rangel não conseguiu conter-se, e escreveu a Pericles Moraes aquela famosa carta de Paris, em que se defende da pecha de ser um sub-Euclides; mas apesar de realmente um escritor, Rangel ficou em plano secundário no "Inferno Verde", diante do prefaciador. Raimundo Moraes, que possuía um acervo imenso de conhecimentos diretos da região, como nenhum outro autor, também tinha visível inspiração no manancial euclidiano; Alfredo Ladislau e recentemente Mavignier de Castro, autores de livros admiráveis, são, e sem demérito, descendentes do mestiço genial de Cantagalo, que se definira: "mixto de celta, de tapuio e grego..." E vós, Ramayana de Chevalier, ainda há pouco repetistes que Tasso da Silveira havia identificado em "No Circo sem Teto", em Euclides, um dos filões que balisaram o vosso destino

literário. Acabo de reencontrar o mesmo Ramayana, ao penetrar em "A Catedral Silenciosa", livro inédito em que celebrais panteisticamente a Amazônia. "Louvor ao Eterno" é uma oração empolgante, cujo final vos assisti compor :

"Fizestes-me plástico como as tabatingas, rijo como as aquariquaras, forte como as rocas da inhaurituassú, tímido diante de Vós como as sensitivas, ardoroso e candente como a jornada do Sol, puro como as águas que descem do altiplano, modesto como os aguapés, sonoro como os uirapurús, bravio como os rios anônimos, indomável como os temporais de Boiussú, humilde adentro do meu coração como as alvoradas que se miram nas lagoas perdidas..."

E' com certeza esse signo euclidiano que explica, paradoxalmente, por que a Amazônia ainda não inspirou a brasileiros os grandes romances que registrem a sua formação e a sua evolução. O português Ferreira de Castro, curtido na Amazônia Brasileira, o venezuelano Romulo Gallegos, criando "Dona Bárbara" no alto Rio Negro, e o colombiano Eustásio Rivera, autor de "La Voragine", que tem por teatro a região fronteira, foram os maiores romancistas da Hiléia, responsáveis pela apresentação de uma humanidade perante a literatura universal. E é de lamentar que ainda não tenha surgido aqui um Jorge Amado, um José Lins ou um Érico Veríssimo, capazes de documentar, através de personagens vivos, o que foi o drama da conquista, o primeiro ciclo da borracha, o prestígio do navio a vapor, o esmagamento e a incorporação do silvícola, a tragédia da doença, a quantos e quantos temas por aí a exigirem um pintor, com a capacidade de um sociólogo e o fôlego de um historiador.

Reli agora, pela vez n, o vosso primeiro livro, convencendo-me de que é sobretudo um ensaio, antes de um verdadeiro romance: grande e vigoroso ensaio em que se debatem temas revolucionários, e no qual a paisagem fisiográfica e o retrato isolado valem por todo o enredo criado em torno do "ingênuo saltimbanco pelo circo sem

teto da Amazônia". A descrição do "sacado" por exemplo, é perfeita: "E num dado momento, maravilhoso, violento, irritado, como um fauno lascivo e insatisfeito, o rio grimpou o derradeiro antolho e mergulha em si próprio, dentro no outro braço descoberto, unindo-se num abraço amigo e incoercível. É fácil adivinhar o resto do fenômeno. Aberto aquêlo conduto, escancarada aquela boca que lhe oferece um curso mais rápido, o talvêgue desvia-se da sua rota, enfia pela gorja recém-nata e abandona, súbitamente, a enorme curvatura. Os resultados são: um torcicolo a menos e um lago a mais..."

A figura do prático mereceu em vosso livro um retrato de corpo inteiro que só êle bastava para vos sagrar escritor: "No capítulo sensacional da anatomia hidrográfica da Amazônia, é êle um cientista sem guarda-pós. O seu anfiteatro é verde. A sua mesa anatômica é barrenta. O seu bisturi é a prôa em lâmina do seu barco. O seu cadáver a escalpeltura é o roteiro que êle mesmo esmiuça, investiga, descobre, balisa, em todos os rumos, nos capilares dos paranás, nas artelias dos furos, nas vênulas dos sacados, com a precisão de um contumaz dissegador de vísceras. Quem o vir, olha-lo-á indiferente. Quem o conhecer bem de perto, das pulsações do coração ao brilho fulgurante do olhar, haverá de contemplá-lo, espantado e orgulhoso. Porque êle é a Amazônia".

Em relação à paisagem e retratos como êstes, e a observações e anotações sem número, espalhadas pelo vosso livro tumultuoso e estuante, não tinheis razão de dizer: "Vi a Amazônia com olhos toldados de amor, de sonho, de fantasia, de miopia romântica, o que resultou em hipertrofia, em deformidade, em angústias, umas verdadeiras e certas, vagas e desorientadas outras... Rumei, inexperiente, pelos mesmos trilhos dos alarmados escribas da Planície".

Estava certa, porém, a vossa auto-crítica no que diz respeito à trama do romance em si. Jacinto Gazela, pode ter existido, mas não representa o seringalista da Amazônia, que, de uma maneira geral, foi o desbravador, o aventureiro, o seringueiro, a quem a seleção natural deu um

pôsto mais elevado na hierarquia da economia e da sociedade em formação. Essa mobilidade social permite que o desnível não exija a proteção de uma guarda embalada à porta da casa-grande. E como conceber e explicar a deformação física que transformou Marcos Bororó numa face de "mucura"? Zé Raimundo seria realmente o tipo do nômade da Amazônia, se não lhe faltassem à história alguns tendões de sustentação. Mas Juca Borba é quem encarna o seringueiro, — doente, pobre, desconfiado, triste, isolado e órfão de esperança, resultado do sistema econômico baseado no extrativismo, que não permitiu nem permitir a associação dos homens, a assistência do médico, a claraboia da escola, a proteção da justiça, o amanho sistemático da terra e a justa distribuição da riqueza. Daí a vossa conclusão: "A borracha, elástica e seduzente, é o visgo que congrega, na furtiva esperança de uma fortuna mendaz, a sociedade fictícia dos barrancos. Morta a esperança, resta a escravidão". Escravidão econômica, sobretudo, que impõe "a lei da selva", maravilhosamente caracterizada em certos ângulos da vida de Zé Raimundo e Juca Borba.

Tendes cerradas de razão ao dizer: "...no Amazonas, o mistério vive no pormenor. O segrêdo mora, como as estrêlas da lenda, na igaçaba do mais humilde".

E' por isto que a Planície ainda se encontra no pé em que a deixou Euclides da Cunha: "conhecemo-la aos fragmentos. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la. Tem-se que a seduzir, subdividindo-a, estreitando, e especializando, ao mesmo passo, os campos das observações..."

Continúa vigorando, portanto, a exigência dos estudos parciais e profundos, estudos objetivos, que felizmente se vêm fazendo com percuciência: Paul Le Cointe erigiu um monumento com a flora, da mesma forma que o sábio Adolfo Ducke, que foi o desvendador da floresta, continuando nos dias atuais, entre outros, por Murça Pires, Ricardo Fróes, Walter Egler e William Rodrigues; Charles Wagley deu côres reais à antropologia cultural, analisando cientificamente uma comunidade amazônica, e Eduardo Galvão,

e Geraldo Pinheiro, seguindo Koch Grunberg e Curt Nimuendajú, vêm desvendando novos relevos da etnologia, ao lado do arqueólogo Paul Hilbert. José Candido Carvalho, como zoólogo, foi um outro bates, perlustrando a flumilândia. Nelson Cerqueira está concluindo uma beneditina distribuição geográfica dos mosquitos da Amazônia, em que inclui uma dezena de espécies novas, descoberta sua. Os técnicos da FAO inventariaram a floresta desde o Madeira até a costa Atlântica, e traçaram numerosos perfis pedológicos. Os químicos Reinout Altman e Hilkias Sousa embrenham-se na composição das oleaginosas e plantas úteis. Harald Sioli vem dando novas dimensões aos problemas regionais com os seus estudos de limnologia. Luiz Montenegro, anda a braços com questões de sóro-antropologia; Orlando Costa e os grupos dedicados do "Evandro Chagas" e do INPA, esmiuçam a patologia tropical; Candido Simões Barbosa revela os segredos geológicos da Formação Pirabas. E quem já leu estes nomes nas manchetes? São trabalhadores escondidos da seara da ciência e estou certo de que eles, e outros tantos, que não posso citá-los todos, serão molas decisivas no conceituar os rumos da Amazônia de amanhã.

Está nos faltando, porém, exatamente, o "técnico das generalizações", o homem que tenha capacidade de reunir, interpretar e dar corpo a todos esses trabalhos parciais. É esse homem predestinado, Ramayona de Chevalier, sois vós, agora curtido em anos, amadurecida a inteligência, sedimentada a cultura, bateiadas as observações, sofreados os ímpetus de "um deslumbrado pelo Idioma, pela Arte e pela Vida..."

Acredito no fermento das idéias. E em última análise a que sois é um semeador de idéias, — idéias de fé na renovação do processo de vida da sacrificada população dos nossos dias, e de esperança na criação de condições propícias à incorporação de novos contingentes humanos, que não venham para ser tragados pela selva, porém, aproveitando a experiência que os nossos maiores realizaram, cheia de heroísmo, de tragédia, de erros e de

primitivismo. Acredito que estão fermentando as idéias generosas, de que tendes sido um porta-voz e uma bandeira. Há um rumor novo em tôda a planície, dos milhares de motores que circulam em seus rios, dos aviões que roncam nos seus céus, dos tratores que rasgam as entranhas das terras-firmes, — rumor que todos sentimos numa série de medidas que denunciam a tomada de posição do Brasil em face da Amazônia.

Vossa posse na Academia está assinalando o vosso regresso ao Amazonas, trazido pela mão de um Governador de vistas largas, que compreendeu que o Estado, que a Planície, não podem prescindir de vós.

Em verdade êste é o vosso meio. Apesar de terdes escrito, em momento que acredito de transporte voluptuoso, que "Copacabana é para mim a síntese do mundo", e de viverdes no Rio tendo o oceano Atlântico no quintal, sem sentirdes aquilo que definistes no "Ensaio de Para-psicologia da Amazônia" como "a tristeza marítima" do amazonense, Manaus é o centro propício a vossas atividades, é o lugar destinado a servir de centro de irradiação de vosso espírito. Fora daqui, é certo, o vosso coração continuava a se contrair com a **vis a tergo** da torrente que desce do Vilcanota. Mas não basta o coração: os olhos e o cérebro devem sentir e interpretar a Amazônia, dentro dela.

Não estou querendo torcer o sentido de uma saudação acadêmica. Estou tentando reconstituir, no Jardim de Academus, diálogos de feição platônica como os que vimos mantendo dentro do espírito de fraternidade que nos une, desde a festa espiritual que foi o vosso retôrno à terra-mãe. Por isto, nesta hora, quero concitar-vos a empreender, com urgência, os vossos livros definitivos, que serão, concomitantemente, os livros definitivos sôbre a Amazônia, e para cuja elaboração como que o destino nos elegeu. Euclides da Cunha — sempre êle, voz inigualável cada vez mais poderosa! — morreu cogitando de escrever "Um Paraíso Perdido". Cabe-vos escrever "Um Paraíso Reencontrado"

E a Academia Amazonense, em cuja fundação vosso pai foi figura de proa, ao vos dar as boas-vindas, nesta tertúlia para mim emocionante, em que me sinto, a planície diante do planalto, o vale diante da montanha, o córrego diante do rio, água humilde diante da água em caudal, a Academia Amazonense pretende apenas a glória de vos ter entre os seus integrantes.

Bemvindo, pois, à vossa casa!

No Limiar da Academia

JOÃO LEDA - sua vida e sua obra

(Discurso de recepção)

João Chrysostomo de Oliveira

Entrar na Casa de Péricles Morais, caminhando na esteira gloriosa de João Leda, para mim deixa de ser honra para ser uma graça esmagadora dos meus dotes mentais.

Honra seria se alguma obra de arte meritória de minha parte pudesse servir de pedestal para este brasão augusto e mirífico de que dadival e generosamente me quiseram fazer detentor.

Se o sustentáculo não existe, se a obra não surgiu e se o material intelectual nada promete para argamassar tal colunata ou para galvanizar um plinto magnificante, o brasão para não cair melancolicamente em um chão sáfaro e desflorado, multiplica-se em fragmentos alvinitentes e lacticolores, à semelhança da preciosa chuva de maná, a graça divina em forma de grãos alabastrinos a alimentar os comandados de Moisés no deserto, entre os quais eu me figuro como o mais faminto... ou se transfaz em miríades de cintilas como a multidão de pirilampos a cobrir o corpo andrajoso e exangue daquela mãe dolorosa e repudiada de Canaan, de Graça Aranha, fazendo os seus "andrajos desaparecerem numa profusão infinita de pedrarias", taumaturgia espantosa que bem simboliza a obscuridade dos mediócrs a refletir uma luz

que não é sua, função que devo exercer aqui, projetando, qual satélite, as rutilâncias, destes sóis de primeira grandeza que brilham no céu glorificante do pensamento deste augustal areópago.

Quando recebi, ilustres acadêmicos, a nobre comissão desta Casa, constituída dos amigos Desembargador André Araujo e Prof. Mavignier de Castro, a fim de consultar-me como receberia a indicação do meu nome para figurar entre os candidatos à eleição para membro deste Sodalício Cultural, respondi aos dignos mensageiros que tomaria este gesto como simples manifestação de ultraliberalidade do coração dos meus amigos acadêmicos, visto como não tenho obra literária para merecer tão nobilitante distinção, assertiva que reiterei ao meu mui prezado Desembargador Salignac e Sousa, nobre e dinâmico presidente deste Cenáculo das letras e indulgentíssimo paraninfo de minha candidatura, quando me inquiriu respeito ao resultado da entrevista com os emissários acadêmicos citados.

E este ultraliberalismo que eu, no íntimo, tomava como um platônico aceno, simples manifestação de cortesia de uma lembrança de meu humilde nome, chegou à surpreendente concretização com a minha eleição com cinco companheiros credenciados, solenemente anunciada por caravana das mais conspícuas que honrou os humbrais do meu lar com sua visita nunciativa, caravana que teve o condão de, pelos nobres componentes, dedilhar as cordas de meu sentimento, com a ligação de cada um a pedaços de minha vida: — Waldemar Pedrosa, meu provector e estimado mestre de Francês, na antiga Escola Normal, que soube dominar o coração dos seus discípulos com o seu característico ar de mestre estadista de gestos comedidos, combinado com a irradiação convidativa e confortadora de um espírito paternal; Alvaro Maia, este nome-bandeira de governante de sua terra de eras passadas, cuja mão honrada me ingressou na vida pública assinando o ato de minha nomeação para as funções de inspetor escolar e que ao lado do meu amigo inesquecível Temístocles Gadelha sempre me estimulou com palavras bondosas de cultura e orientação; Djalma Batista, este médico missionário das ciências, incansável nas pesquisas e no cultivo das letras que aprendi a estimar como irmão, pois como irmão paciente

sempre me prestou sua assistência de facultativo e como irmão indulgente já prefaciou laudatõriamente o meu livrinho inédito "Gotas d'água sôbre A Grande Seara"; André Araujo, êste Juiz pedagogo, êste pedagogo sociólogo, que se fez democrática e fraternalmente meu companheiro de ideais educativos quando trabalhamos, lado a lado, na direção dos destinos da Sociedade Amazonense de Professores, êle na Presidência da Diretoria e eu na Presidência da Assembléia Geral, no afã comum de levantar o prestígio da classe professoral de nossa terra.

E aqui estou, meus senhores, com a vacilação e o estonteamento, característicos ainda do cabôclo pirralho, vindo, sem recursos e sem rumo, das matas de Tefé, cair no turbilhão da metrópole flumilandina cheia de trepidação e inundada de luz de arco voltaico, de 1924; aqui estou com o mesmo assombro do aluno caipira dos grupos escolares "Ribeiro da Cunha" e "Saldanha Marinho" a olhar tudo com ar admirativo e de meditação ante o impossível para olhos de horizontes curtos; aqui me encontro com o pânico do tímido estudante normalista que não teve recursos para ser ginasião e ficava a contemplar, no mesmo casarão do Ginásio Pedro II, os "heróis" fardados a dirigir os seus trotes e a comandar a revolta de 12 de Agosto; aqui me acho enfim, com os sobressaltos de quem privou com os livros e com as letras por acidentes e desvios de uma vocação que sempre andou às apalpadelas pelas contingências da vida, compulsado para a atividade bancária transitória, impelido para a inspeção do ensino, compelido para a carreira de perito-contador, orientado para o magistério secundário, encaminhado para estudos jurídicos, na construção tumultuária de uma cultura de retalhos se é que posso chamar de cultura a minha incultura resultante da falta de disciplina e gradação humanística. . . Sim, senhores, aqui me encontro com estas apreensões e estas esquivanças para dizer a Vossas Excelências, senhores Acadêmicos, o que disse Manuel Bandeira, que hoje é na realidade uma grande bandeira das letras pátrias a tremular em cada coração que sente a Arte, ao ingressar na Academia Brasileira :

"Os afetos dos amigos vivos, a saudade dos mestres desaparecidos, são motivos que nos levam lisonjeiramente à indulgência para conosco" — com a diferença de que sem

ser levado sinceramente a esta indulgência, espero a indulgência completa dos amigos e contemporâneos, nesta aventura intelectual a que me atirou a pura afetividade dos acadêmicos, nesta hora interpretados por Leôncio de Salignac e Sousa, nobre e brilhante Presidente deste Cenáculo, que vai, com o milagre de sua hipnose verbal, do nada, sem dados justificativos, preencher e firmar o meu passaporte para esta augusta aristocracia de nubes do pensamento a serviço da arte e da cultura.

JOÃO LEDA — SUA VIDA E SUA OBRA

A esteira magnificente de João Leda, patrono da cadeira 16, que devo ocupar, rastro luminoso que me incumbe seguir, num justo e merecido panegirico, é a estrada luminosa do eterno enamorado da palavra, do extasiado prisioneiro do mundo vocabular, do beatífico cultuador do termo bem escolhido para um forte e contundente epigrama seguido da blandícia de um floreio enaltecendor para balsamizar o escarpelo provocado.

João Leda, desprezando o título de filólogo e ironizando o de gramático, viveu como um templário medieval dos escrínios vocabulares, dos veios expressionais, dos segredos dos filões terminológicos, cujo mapa êle sabia guardar com avareza, embora lhe publicasse os traços gerais em suas obras.

Filho de Mariano Cesar de Miranda Leda, natural do Maranhão, nascido a 16 de setembro de 1879, acompanhou num exílio administrativo a Manaus, seu genitor, que, segundo o escritor Joaquim Vieira da Luz, era "Professor particular e jornalista de "sangue nas guelras", que pela sua independência de caráter inamovível, foi forçado a aceitar um emprego nos Correios, "sob condição de ser logo removido de São Luis para Manaus, a fim de tranquilizar a adversa grei governeira"...

"João Leda — é ainda o escritor Vieira da Luz que fala — como filho mais velho do desterrado postalista, acompanhou o pai ao exílio que lhe foi imposto e aceitou somente para assegurar a subsistência da família deixando assim amargurado, entregue às estéreis lutas políticas, sempre infelicitadora, a querida terra ateniense".

Já iniciado aos 18 anos, em S. Luís, nas pugnas jornalísticas, João Leda prosseguiu na árdua profissão pelos diversos periódicos de Manaus com o mesmo ardor de herdeiro do "sangue nas guelras" de seu progenitor, perseverando na grande pugna da imprensa durante mais de quarenta anos, com uma combatividade e demonstração de bom lastro cultural, que para logo, lhe grangeou o respeito e admiração dos ccevc's.

"Quando ingressei no jornalismo, onde imperava e o requeitavam, já lhe haviam assegurado a nomeada de preliador indomável" — disse êsse brilhante baluarte do periodismo amazônida, Aristófano Antony.

Ingressou na administração pública e pontificou, já com admirável ascendência mental como senhor do manejo destro da Língua, na Assembléia Legislativa do Estado, como redator de debates e Diretor da Secretaria, cargo em que se aposentou. Dirigiu também o Diário Oficial e Provedoria da Santa Casa de Misericórdia. D. Albina Augusta Veiga Leda, sua esposa dedicada, foi a sua devotada companheira de todas as horas que sempre o cercou de cuidado admirativo e maternal assistência e Maria Augusta Leda, sua neta graciosa, foi o dulçor dos seus sonhos e o perfume de suas aspirações concentradas na felicidade desta sua mui amada descendente, a poetizar o inverno de sua existência...

Cercado dessa dupla querida, da assistência clínica do dedicado Olavo das Neves e do conforto espiritual de D. Alberto Gaudência Ramos e da espectação compungida de amigos, cerrou João Leda seus olhos para o mundo a 1.º de Março de 1955, dia exato do falecimento de Ruy Barbosa, 22 anos antes, deixando grande vácuo com o colapso de sua atividade mental brilhante e o belo exemplo da exuberância de sua obra admirável.

A O B R A

A obra de João Leda, que merece estudada e apreciada com o máximo desvelo, vai aqui ligeiramente considerada, sem o academicismo rebuscado tão do seu desagrado, e esta brevidade e síntese são ditadas pela premência de espaço e

tempo, pois a angústia dos poucos lazeres de dez dias que me foram dados para este trabalho, face às circunstâncias especiais bem ponderadas pelo Sr. Presidente não me permitiu reдеbruçar-me sobre os livros do escritor maranhense para apontar-lhes as linhas mestras e situá-los nas contingências e fatos da época de seu aparecimento.

A obra de João Leda, repita-se, é o lavor do diuturno enamorado da palavra, do preliador que viveu com a palavra, da palavra, e pela palavra — da tribuna do jornalismo. E a palavra que mais o enfeitiçou foi aquela que sempre tem o efeito da espada bigúmia e penetrante, da brasa viva causticante e do ferro em candência crestante, ajustadas em libelos e doestos camilianos, feitos com arte a maestria, sem cair nos exageros do carbonário ou panfletário apaixonado e obsecadamente demolidor. E' o que se confirma, quando declara em uma de suas cartas: ... "eu de bom grado dou uma costela por um bate-bôca nas gazetas, desde que o adversário não suprima a gramática nem ultraje o senso comum". E mais adiante, na mesma carta fala de "alguns palúrdios a quem tenho escorchado em quatro livros, pela péssima doutrina que ministram à mocidade estudiosa de nossa língua".

Todas as obras de João Leda, elaboradas naturalmente com o primor do esteta sempre apaixonado pelo termo superseleccionado e ajustado na precisão do dizer, foram resultantes de lucubrações de represálias e polémicas, em defesa da língua que amava com a índole do templário ferozmente intransigente que, debruçado nos arcanos dos magos da boa linguagem, esquadrinhou seus mistérios e dominou seus segredos.

"Dentro deste critério — é o patriarca de nossas letras e desta Casa, Péricles Moraes, que usa seu privilegiado pincel em ligeiro perfil — em represália às contumélias da incompetência desarvorada, João Leda transformou-se de repente em panfletário e acudiu a tôdas as provocações".

"Polemista ao jeito de Rochefort — continua vibrando o pincel do Mestre Péricles — jamais se absteve de julgar e tomar posição decidida nas mais tempestuosas refregas literárias que ainda se agitaram em nossa terra. Enfrentou

corajosamente os mais eminentes mestres da língua luso-brasileira, em recantos memoráveis, onde tornava o seu verbo coruscante que destroçava ídolos e idólatras."

Assim coloca Mestre Péricles, com a pena molhada em lágrimas e movimentada pela arritmia de um coração oprimido pela angústia da definitiva separação, a figura singular de João Leda no panorama intelectual e psicológico de nossa terra.

João Leda foi incontestavelmente um grande e indefeso justador — termo que lhe era tão simpático — das controvérsias de linguagem, na linha axial de sua obra, seriada nos quatro bons livros :

VOCABULÁRIO DE RUY BARBOSA — 1923 — São Paulo.

OS ÁUREOS FILÕES DE CAMILO — 1924 — Manaus.
NOSSA LÍNGUA E SEUS SOBERANOS — 1928 — Manaus.

A QUIMERA DA LÍNGUA BRASILEIRA — 1939 — Manaus.

Em "Vocabulário de Ruy Barbosa", preliou denodadamente com o vocabulista Cândido de Figueiredo por este não haver guardado os quatrocentos e trinta e nove vocábulos lembrados pelo cinzelador da "RÉPLICA", nesta obra, ausentes na primeira edição de seu dicionário e dos quais só registrou cincoenta e cinco na edição seguinte, dizendo Leda haver "da parte do lexicólogo uma indiferença que raia pela desatenção". O Vocabulista luso, no entanto, na quarta edição do seu dicionário, justifica-se dizendo ter-se comunicado com Ruy, pedindo as fontes dos termos para o devido registro, sem obter resposta, conseguindo elucidação apenas para os poucos termos registrados.

Na mesma obra, contesta Miguel Melo, Alcides Maia, Assis Chateaubriand — este chegou a considerar Ruy "um dos mais notáveis escritores estrangeiros do nosso atual idioma" — por haverem subestimado a obra do grande Conselheiro.

Em "Os áureos filões de Camilo", verbera fustigantemente e recrudescientemente, o mesmo vocabularista Cândido de Figueiredo, retribuindo-lhe o apôdo de "mediocridade insolente" com gargalhadas voltaireanas acompanhadas de "umas galhofas irreverentes" ao intitular o "sr. Cândido de Figueiredo o Máximo", e ao protestar "veementemente adoração ao Pontífice da Lexeologia Portuguesa", cujos cochilos e cincadas fustiga impiedosamente "só pelo gostinho de testificar em absoluto outra expressão com que o dicionarista o brindou: *solerte maledicente*" — segundo êle o declara chasqueante.

Com a obra "Nossa Língua e seus Soberanos", gladia amistosamente com José de Sá Nunes sôbre diferentes problemas do idioma pátrio, depois de daguerreotipar o perfil psicológico do Sermonista do estalo na cabeça, na famosa conferência "Da Psicologia do Padre Vieira", proferida no Teatro da Paz, em Belém do Pará, aos 31 de maio de 1927.

De "A Quiméra da Língua Brasileira" — a mais erudita obra que escreveu sôbre assunto de linguagem — fez uma candente, segura e ardorosa tribuna de onde combateu com convicção, cultura e erudição os pregoeiricos apressados da caracterização completa e delineada da língua brasileira em contraposição à língua portuguesa de ultramar. Todos os pindaristas da separação desfilam sob a batuta do cálamo de João Leda, recebendo contraditas formais e contundentes em ruas doutrinação e argumentação independentistas, sobretudo no que diz respeito aos falsos brasileirismos que o autor destrói com a força de sua dialética tornada invencível pela luxuosíssima documentação com textos de clássicos portugueses que usaram e abusaram dos pseudo-brasileirismos. O Ilustre acadêmico e amazonólogo Mário Ypiranga Monteiro chegou a tersetar armas, neste terreno, com o mestre Leda, que o tratou com a consideração que aquêle soube merecer pela elegância e ética com que defendeu brilhantemente seus pontos de vistas de autonomismo linguístico. Embora não espose a totalidade das doutrinas do insigne preliador maranhense, pois, sem ser autonomista extremado sinto a evidência dos fatos linguísticos operados pelos fatores mesológicos e étnicos sobretudo, traçando as linhas mestras da dialectação seccionadora em época não mui remota — dobro-me reverentemente ao impressionante rôlo compressor da erudição

dialética do insigne "duelista enciumado" que — são expressões felizes do mais feliz perfilador do Mestre Leda, Leôncio de Salignac e Sousa, digno florão mental desta Casa a honrar a sua Presidência — "esgrimindo contra os que pretendiam imolar, ao patriotismo exagerado, a enamorada, a eleita do seu culto literário, o centro, digamos, de polarização dos seus cuidados maiores de filólogo e beletista, saiu à liça, empunhando "A Quimera da Língua Brasileira" "O movimento fissiparo — continua o preclaro acadêmico presidente — encontrou-o na vanguarda dos refutadores e, no curso de luminosas e fundadas razões, — conclui adiante — surgem mais claramente, ao lado do filólogo, o historiador, o crítico e o analista insuperáveis".

Outra produção, aliás desconhecida ou olvidada no meio cultural, produção que é outro documento comprobatório da bravura intelectual do prof. Leda, é a sua tese, com que concorreu juntamente com Leôncio de Salignac e Sousa e João de Oliveira Freitas à cátedra de História do Brasil, na antiga Escola Normal do Amazonas, atual Instituto de Educação, tese intitulada: "DA EXAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS". Deixemos que fale sobre o assunto o próprio Salignac: "Travamos com o Mestre, pelos imperativos regimentais do concurso, debate de uma hora. Sua tese, que nos coube examinar, espelha na pura filosofia de História, decidindo-se êle por um tema de difícil sustentação, ou comprovação e, por isso mesmo, propiciando facilidade à contradita. Homero, no panorama mundial e Tiradentes, no cenário histórico do país, serviram-lhe de ponto de referência para a proposição, ostentando-se tão fascinadora quão perigosa." Embora conquistasse a nomeação o professor João de Freitas, João Leda e o então ardoroso jovem Leôncio Salignac receberam verdadeira consagração no meio intelectual da época, dando margem a que o Mestre de "Tralhos & Malhos" com a sua paixão pela polêmica viesse à arena da imprensa fazer o seu gostoso "bate-bôca" na defesa dos seus direitos. Mas as nuvens se descarregaram e volta a harmonia a reinar entre Adriano Jorge, presidente da Banca, Leôncio e Leda, concorrentes, tres grandes baluartes unidos deste Sodalício.

O JORNALISTA

A obra de jornalista de João Leda estendida no vasto espaço de quatro decênios é vastíssima e inestudada. O seu gigantesco labutar de redator, de gerente, de colaborador de "O Jornal", o "Jornal do Comércio" e outros periódicos está inumado nos arquivos desses Órgãos a desafiar a pertinácia e a paciência de um consagrado pesquisador que levante as preciosas gemas que o notável vernaculista esbanjou com prodigalidade pelos periódicos da imprensa amazonense.

O POLEMISTA

Já ficou fartamente demonstrada a índole polemista de João Leda, que chega a confessar "dar uma costela por um bate-bôca". Se o contendor era respeitoso, êle sabia tersar armas elegantemente com o florete protegido em sua ponta com a esfera da reverência e da mui sutil e delicada ironia, como aconteceu com Sá Nunes, Mário Ypiranga, Francisco Luis Pereira e outros. Se, porém, o opugnante vinha arvorado a Golias do Saber, Leda enfrentava-o com a funda ágil e violentamente meneada para atirar a pedra certa da sua dialética quase feroz, aguçada pela vitriólica ironia arrasadora, como ocorreu com Cândido de Figueiredo e outros oponentes surgidos na imprensa local.

O EPIGRAMISTA

Um dos aspectos proeminentes dos escritos de João Leda é a sua verve epigramática, é o seu humor satírico, é a sua tendência de chasquear de tudo e de todos, até no trato das coisas mais sérias, pois o ceticismo que o invadiu em decorrência de suas lutas cheias de acidentes e adversidades, e da admiração obsessiva pela superioridade voltaireana e pela mordacidade camiliana transformou-o num verdadeiro zombador do mundo. "Zombei do mundo!" — é a frase atribuída a Vieira que êle põe em evidência em seu trabalho sobre o Jesuita estadista, como se estivesse fazendo a miniatura de um auto-retrato.

Vejamos como êle pinta com a dramaticidade, a que não é muito afeito, a erupção vulcânica da alma torturada de Camilo, derramada em chispas do riso comburente através de sua pena-bisturi :

"Nas intermitências da dôr, o riso... oh! aquêle riso feroz, que combustava e estarrecia a quantos lhe provocassem o medonho estridular. Juvenal, Voltaire, amassados em ácido sulfúrico e em seguida liquefeitos, cogulavam o tinteiro de Camilo. Cada garatuja de sua pena lanhava como um vibice o dórso do adversário. Retaliando de luva branca ou tossando na chulice do calão, siderava sempre o antagonista que caía desamparado, arquejante, semi-ânime, mal ouvindo o formidável gargalhar do atleta, que o desgalgava perambeiro abaixo com a última farpeta da troça.

E tudo isto sem detença, no escamel do período, na joeira do vocábulo".

E mais adiante :

"Era um vulcão a vomitar lavas sem trêguas".

E conclui entre melancólico e sentimental, facetas quase estranhas à sua contextura psíquica :

"Virá a existir algum dia, se ainda não existe, a dulia camiliana. Não aspiraremos em nossa mesquinhez ao elevado sacerdócio dêsse culto. Seremos devotos, absolutamente fiéis ao orago, não faltando nunca com o grãozinho do nosso incenso à navicela sagrada".

Sente-se aqui um Leda diferente, um Leda confidente, cheio de santo entusiasmo, vivendo o seu próprio modêlo, o seu nume, o seu ídolo que foi Camilo na expressão máxima da sua ironia e do seu sarcasmo, despejados no seu gargalhar zombeteiro.

A fartura de bachareis em nossa pátria assim João Leda epigramatiza :

"infinitos doutores que as academias parturem numa incrível proliferação de preás".

A nossa pátria em seus desgovernos e desmandos administrativos não é poupada pela sátira de Leda que assim a define :

"pertença e logradouro de alguns sujeitos espertos, incorrigíveis amadores do viver paparriba, filósofos para quem o bípede humano é uma víscera esmoedora chamada estômago".

A palrice dos advogados, "é puro verniz dos compêndios, extraído à pressa para embelecar zambôas, assombrá-los e inocular-lhes no ânimo fútil o anelo desesperado de bacharelar a prole".

E assim podemos encontrar na obra de João Leda, por seu espírito polemista, os salpicos de epigramas e sarcasmos que, em certos pontos, sobretudo nos assuntos graves, não deixaram de desdourá-la.

O VERNACULISTA

Mas o espírito de João Leda foi de um eleito dos grandes surtos mentais: — não se afogou em uma ebridez mórbida pelo satirismo e pela mordacidade; não se narcizou com os seus arroubos polemistas; não se mecanizou fossilizantemente nos seus "entreveros" jornalísticos.

O satirico de hoje, no dia de amanhã das gerações vindouras não passará de um jogral de graças insulsas, dado o silêncio mortal da mentalidade de sua época que vibrou em gargalhar esfusiante com a jocosidade da ocasião. Cervantes não se teria perenizado se a sátira de D. Quixote tivesse cunho pessoal a vergastear os cavaleiros dos seus dias.

O polemista do passado remoto para as gerações presentes não passa de um desconhecido malcriado que diz o que sabe sempre zangado, dado o mutismo irremediável dos seus coevos, que podiam justificar as suas diatribes. Zola estaria condenado ao olvido completo se houvesse adormecido sôbre os louros conferidos por "J'accuse" que lhe deu a maior glória de momento pelo ardor e brilho de sua peleja.

O jornalista brilhante de antanho não será outra coisa para os porvindouros além de um montão de periódicos empoeirados e roídos que o arquivista-couveiro põe em um sepulcro numerado para o maníaco pesquisador não molestá-lo com buscas massantes.

O jornalista Euclides da Cunha é um sombra quase desfeita diante do autor do monumental "Os Sertões" que nasceu de uma simples reportagem. O próprio Rui Barbosa que abalou os alicerces do trono com a campanha da federação, pelo "Diário de Notícias", folha cuja entrada fôra até proibida nos quartéis, êste jornalista símbolo que foi a alma da proclamação da república, sem ser republicano, é hoje uma pálida imagem diante do jurista de fama internacional com a auréola de Águia de Haya.

E o espírito eleito de João Leda alcandorou-se a êsses estádios mentais do seu sôfrego e dinâmico existir e agigantou-se para a posteridade como o vernaculista, alcantilou-se para porvindoiros como o faisgador das aurigemas idiomáticas, alpinizou-se para os subsequentes como o dulista das belezas da linguagem, como nirvanista das plagas suaves da estesia das palavras selecionadas, polidas e infileiradas harmônicamente no dizer castiço.

Varram-se todas as expressões chocantes do polemista apaixonado, todos os termos mordazes e chasqueantes do epigramista camiliano, todas as alusões apressadas do jornalista do quotidiano e sobreviverão mais altaneiros e soberbos os labores preciosos do acurado vernaculista, do apaixonado garimpeiro das pérolas de boa linguagem que perduram e perdurarão nas obras do inconfundível guardião do bem dizer : João Leda.

"Vocabulário de Rui Barbosa" tem de ser sempre compulsado, dado o tesouro precioso dos recursos magníficos de expressão deixados pelo grande estadista, coletados com unção carmelitana por João Leda.

"Os áureos filões de Camilo" há de ser sempre consultado, dado o manancial supergrandioso de pérolas, raras de linguagem derramadas predicamente pelo Solitário de Seide para o qual Leda ergueu êste monumento, com as pedrinhas de suas vigílias de incensador desse nume.

"Nossa lingua e seus soberanos" perdurará pelos estudos pacientes e proveitosos de linguagem feitos aos pés dos clássicos beneditinamente conversados pelo eremita, cuja memória homenageamos.

"A Quimera da Língua Brasileira" há de enfrentar os séculos, pela profundidade de um pesquisador incansável em argumentar brilhantemente com farta documentação que a língua brasileira é ainda um trêfego sonho dos que não querem sentir que o "eu te amo ó flôr do Lácio" proferido no Brasil tem a mesma vibração sonora e o mesmo sentimento do exclamado em Portugal, no mesmo lirismo comovido dos dois povos.

Segundo Batista Pereira, um escritor inglês disse que há duas classes de livros: — os que se lêem e os que se estudam. "As Cartas da Inglaterra pertencem aos dois gêneros" — conclui o jurista brasileiro. Podemos incluir também os livros de João Leda nas duas classificações, pois em cada página lida encontramos sempre estudos a fazer através dos meandros de nossa língua e das luminosas sendas rasgadas pelos "seus soberanos", carinhosamente acompanhados por Leda.

— Leda, eu encontrei um trecho tão interessante de Bernardes em um seu livro que me emprestaram com pressa de devolução, que não resisti ao desejo de copiá-lo para trazer-te a fim de que esclareças o significado do verbo **AFIGURAR-SE** nêle empregado.

Quem falava assim ao Mestre era o saudosíssimo professor Curiolando Durand, que foi ilustre membro desta Casa, e nosso mestre querido da língua de Dumas, grande e exaltado admirador de Leda, segundo êle nos contou em sala de aula do Solon de Lucena.

Ouvi, contava-nos êle, de uma cozinheira do "Canto da Fortuna", ao esperar o bonde na esquina, a seguinte expressão. "Eu gosto dêle porque êle não se envergonha de se afigurar comigo na rua". Achei pitoresco e original aquêle "afigurar-se" na bôca de uma mulher do povo que é o conservador da língua. Lembrei-me então do "Dicionário vivo" que é o mestre Leda. Redigi um trecho à Bernardes empregando o verbo com o sentido que presumi e levei ao mestre que é um poço de saber idiomático. Para espanto meu, depois de lêr atentamente o trecho, respondeu incisivamente:

— O estilo parece de Bernardes mas está muito floreado para ser do grande clássico. E o verbo "afigurar-se" é

legítimo, está registrado no dicionário de tal autor, do ano de mil oitocentos e tantos com o sentido de *exibir-se*.

Vai a uma estante, puxa um dicionário e mostra o registro exato, numa demonstração de identificação perfeita com o estilo de Bernardes, refugando o decalque, e de domínio seguro da lexicografia do seu tempo.

Por intermédio do saudoso e querido mestre Coriolando, comecei a habituar-me a admirar o professor Leda, cuja vida e obra procurei emoldurar neste sincero, singelo e justo enaltecimento.

Quando me abalancei ousadamente a apreciar, com a reverência que a justa fama exige, o seu precioso livro "Vocabulário de Rui Barbosa" apontando dezena e meia de vocábulos que já se encontravam registrados, cêrca de um século antes, por Francisco Solano Constâncio em seu "Dicionário Crítico e Etimológico da Língua Portuguesa", apreciação feita "a título de colaboração realçadora do mérito da obra" — tive o honrosíssimo e desvanecedor aprazimento de receber do Mestre Leda a seguinte carta-bilhete, joia dentre as minhas relíquias documentais: — "Caro João Chrysostomo: Li, no "Jornal do Comércio", a terceira das suas belas amáveis crônicas sôbre meu livro "Vocabulário de Rui Barbosa". Muito apreciei os seus reparos quanto às minhas omissões do que já ensinara a respeito de certas palavras o mui acatado Constâncio e não imagina como me desvaneceu o verificar que o extinto lexicólogo coincidiu em muitas exegeses com as minhas, feitas tantos anos depois; durante a laboração do meu trabalho, só não consultei o Constâncio por não conhecer alguém que o possuísse em Manaus, terra assaz ingrata, como você sabe para investigações dessa natureza.

Mui grato seu velho amigo João Leda".

Prezados Senhores Acadêmicos: o grande e mavioso Chateaubriand quando deu a lume o seu monumental e magnífico "GÊNIO DO CRISTIANISMO", exclamou entre infantil e exaltado com as festas e louvores recebidos, dado o êxito de sua majestosa produção:

— Eu queria um grande ruído para que êle subisse até a morada de minha mãe.

João Leda, meus ilustres acadêmicos, que era ceticamente infenso aos ruídos, às glorificações e às consagrações literárias. pois as suas obras tiveram edições reduzidas e quase restritas ao nosso ambiente provinciano, precisa deste ruído merecido e consagrativo em face do seu beneditino devotamento à nossa língua.

Ao entrar, sempre com o assombramento do bárbaro, nesta assembléia augustal de pensamento, para ocupar — deixando-a sempre vazia — a cadeira do Mestre, permitam-me Vossa Excelências, fazer uma conclamação :

Vamos fazer um grande ruído em tórno da obra de Leda para que êle chegue até o Brasil que nos olvida, até o Brasil que nos abandona, até o Brasil para quem "a Amazônia ficou reduzida a essa coisa triste, um assunto de literatura" bradando-lhe com todas as veras do nosso fervor cívico :

"BRASIL, no Amazonas, viveu um teu filho ilustre que lutou e sofreu pela tua língua, para que o teu nome fôsse sempre escrito com a pureza da brasa viva da ara de tua glorificação. Inscreve também o seu nome no Panteon dos teus varões ilustres : JOÃO LEDA".

Discurso de saudação

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO ACADEMICO
JOÃO CHRISOSTOMO DE OLIVEIRA

LEÔNCIO SALIGNAC E SOUSA

Senhor Acadêmico Professor João Crisóstomo de Oliveira.

A ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, ao elegê-lo para dignificar a cadeira cingulada pela auróola de eternas rutilâncias do nome de JOÃO LEDA, um dos Soberanos da vernaculidade lusitana, consagrou, uma vez mais, o famoso principio de Salerno: — "*Cum moriatur homo cui salvis crescit in horto*".

Na verdade, por que há de morrer o homem em cujo jardim cresce a salva? Onde, portanto, êsses festões de orgia de côres e de esbanjamento de aromas seducendo que despertaram, no Silogeu amazonense, a cobiça, a sublime avidez de pretendê-lo seu para enriquecer ainda mais o roseiral de inteligências a enganar-lhe o nome. Claro que, sem falsa modéstia, nada mais scu que uma flôr silvestre sem tom e sem perfume.

O jardim tão veementemente desejado é a inteligência vigorosa e esplendente, é o talento multifário e fecundo de V. Exa., ambos comprovados em vários e festejados trabalhos divulgados amplamente.

Onde a salva a justificar o dever de a ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS atrai-lo para as culminâncias olímpicas da IMORTALIDADE?

Ninguém, de consciência honesta, conhecendo-lhe a trajetória luminosa nos labores diurnos de dois grandes magistérios, o da cátedra e o do jornalismo, lhe recusaria os braços acadêmicos.

Num e noutro, em acendrado zêlo, pratica V. Exa., a um tempo, o princípio de Sêneca: "APRENDE, ENQUANTO ENSINAS" e o da humildade e mansuetude recomendados pelo *Homem-Luz*, o dulcíssimo e divino Mestre, cuja palavra orienta os povos civilizados.

Consagrou-se V. Exa. professor e jornalista, pensador e analista, porém, antes, penetrou nos ínvios caminhos que levam às belezas do idioma e, como um pescador de pérolas perfeitas ou faiscador de gemas de excepcional valia, emergiu no oceano atraente e perigoso dos eruditos, para conhecer muito mais e melhor as maravilhas da língua que, nascendo, crescendo e perpetuando-se no "Jardim da Europa à beira-mar plantado", se transmutou neste pedaço soberbo das Américas.

Sem um idioma assim opulento, Portugal, no conceito de Teófilo Braga, teria ficado circunscrito a uma simples faixa litorânea no mundo europeu e foi a pertinácia de expandi-lo e aperfeiçá-lo que se elevou a uma força incoercível de sua independência.

Teófilo Braga o justifica fundamentadamente em "A LITERATURA PORTUGUESA ATÉ AO ROMANTISMO", nestes conceitos: —

"No purismo da língua portuguesa estabelecido pelos seus primeiros gramáticos, Fernão de Oliveira (1537) e João de Barros (1539), no protesto de escreverem exclusivamente o português, como se vê em Bernardino Ribeiro, dr. Antônio Ferreira e Jorge Ferreira de Vasconcelos, e no sentimento nacional em que se refletia o ethos português em toda a sua sentimentalidade delicada como em Gil Vicente, Sá de Miranda, Camões, Bernardes que foram escritores belingues, vê-se o espírito da resistência contra o castelhanismo absorvente e o esforço para manter contra a sua obliteração o ideal da Pátria".

Aceita-lhe os argumentos e endossa-lhe as conclusões, o imaginoso e erudito Latino Coelho, festejado autor de "FOLHAS VERDES", quando focalizou "CAMÕES E AS GLÓRIAS PORTUGUEZAS", ao traçar o perfil do maior dos aëdos lusos e ergue este monumento de civismo em fortes lances de emotividade: —

"Celebram outras gentes a fecundos e altíssimos engenhos, cujos reflexos luminosos, transcendendo o âmbito da pátria, estão dcirando e enobrecendo a literatura universal. Mas nenhum povo tem como o português um dêstes felicíssimos espíritos, que são ao mesmo passo o gênio da nação e o gênio da poesia, e em cujas obras respira ao mesmo tempo a pátria e a humanidade, a glória privativa de um só povo, o destino comum de uma inteira civilização. Dante é imortal, mas o seu poema é inspirado pelo misticismo e a vingança. Imortal é o Tasso, mas a sua epopéia é a novela cavaleirosa, que se enreda e desenlaça em redor dos sacros muros da triste Jerusalém. Imortal é Shakespeare, mas a sua musa, que penetra e descobre as mais ocultas fibras do humano coração, é mais cosmopolita do que fadada a conglobar a glória dos bretões. Imortal é Cervantes, mas a figura entre sublime e cômica de seu herói, é mais do que o símbolo da Espanha, é a personificação da humanidade, como abstrusa e paradoxal composição da loucura e heroicidade. Imortal é o Camões, mas é imortal para os seus, imortal para os estranhos. Para os seus, porque, em versos admiráveis, divulgou as empresas, em que foram protagonistas. Imortal para os estranhos, porque os feitos, que reconta, são o berço onde incubou fecunda a novíssima civilização". Mais adiante: —

"O Camões é ao mesmo tempo a eloquente voz da posteridade, e a grandiosa ressurreição dos tempos heróicos de Portugal. . . Camões, o soldado brioso das guerras africanas e indiáticas, o português, que amou a pátria acima da mulher, e a mulher acima da fortuna, o poeta que emulou nos antigos a beleza e a correção,

aos modernos superou no sentimento, ali está coligindo e ordenando nos versos varonis de uma epopéia nacional, as memórias da terra em que nasceu”.

E' ainda José Maria Latino Coelho, purista e orador, estilista e prosador, quem, naquela notável versão da **ORAÇÃO DA CORÓA**, de Demóstenes, define magistralmente a arte da palavra, mostrando-lhe a afinidade à estatuária, à pintura, à música e o poder divino de dar “a vida, que anima os seus painéis, a paixão, que dá novo esplendor às suas tintas, o movimento que intima aos que a escutam e admiram, o entusiasmo e a persuasão” e “mais comovedora e persuasiva do que o plectro dos Orfeus, encandeia à sua lira mágica estas feram humanas ou desumanas, que se chamam homens, arrebatados e enfurecidos nas mais truculentas alucinações”.

O culto da palavra, através do estudo de nosso formoso idioma, é o culto permanente de V. Excia., no ângulo da **Religião do Pensamento**. E' mesmo o apanágio de sua personalidade de intelectual, fazendo do verbo, na oralidade ou grafado, o relêvo de um legítimo sacerdócio à Estética. Daí, o vigor e o encanto de suas idéias que, desabotoando-se de sua mente, exercem, de logo, a ação dominadora e frutífera sobre quem o ouve ou quem o lê. E', à evidência, o prestígio formado e aprimorado na frequência das fontes imaculadas do vernáculo e as lucilações da cultura humanista.

Percebe-se, nos labores de suas produções, a influência de **“OS LUSIADAS”**, imponente e sempre sugestivo Tabernáculo da língua-mater; a rígida disciplina filológica de Bernardes; o castiço e a elegância de Vieira; o purismo de Camilo, distilando deliciosas ironias e os esplendores sem par da genialidade de Rui Barbosa, tanto pela sapiência das idéias quanto pelas excelências do estilo.

A origem e o processo evolutivo do idioma em Portugal e no Brasil vivem no aspecto de motivos primordiais das atividades mentais de V. Excia., estudando, analisando e confrontando o que dizem e sustentam os Pontífices da Filologia e os Mestres da vernaculidade, e, para comprová-lo, basta lembrar a série de artigos n **“O JORNAL”**, desta cidade, edições de 1954, intitulados **“APRENDENDO COM VIEI-**

"Se tivessem de refazer o poema de Camões, Garret escreveria o episódio dos *Doze de Inglaterra*, Herculano o episódio de *Adamastor*. Quando ambos se riem, um tem o riso festivo das *Viagens na minha Terra*, o outro o riso meio-grave do *Pároco de aldeia*. E ambos representam assim duas feições bem características da alma portuguesa; um no que ela tem de mais feminino, de mais lírico e de mais sorridente, o outro no que ela tem de mais varonil, de mais épico e de mais austero. Se em duas montanhas portuguesas quiséssemos simbolizar estas duas eminências de nossa literatura, uma, seria Cintra com a verdura a alcatifar-lhe os fragedos, e o elegante castelo régio a desenhar-se nas cumiadas, o outro a serra de Arrabida, rude, imponente, grave, entre o mosteiro e o mar".

Ainda lhe apcnotou Vicente Teles, um outro de iguais alvoradas de inteligência — Antônio Feliciano de Castilho, Castilho apenas, bastante o cognome pelo qual fulge e refulge na paisagem exuberante da literatura lusitana.

Nada melhor para despertar encantos e levar à meditação em tórno da cultura e do talento que os trabalhos de sua autoria: — "ACERCA DE ANACREONTE" e "ODES DE ANACREONTE", "AS GEÓRGICAS", de Vergílio, "NO CIRCO DE ROMA", de Ovídio, "LITERATURA CLÁSSICA" e, finalmente, "O TARTUFO", de Molière, naquelas a comprovação da erudição greco-latina e nesta, o conhecimento do idioma de Racine.

Antônio Vieira, Alexandre Herculano, Feliciano de Castilho, Almeida Garret, Bernardes, Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda, eis uma constelação dentro da qual o espírito de V. Exa. se acostumou a pervagar durante as longas lucubrações, recolhendo a poeira de ouro e as tintas custosas que formaram suas páginas lavoradas.

Do lado de lá, na velha e gloriosa Lusitânia, foram êles os guias sapientes e amigos de V. Exa., conduzindo-o dos umbrais à nave do Templo majestoso onde se cultúa e guarda a força da própria vitalidade da Pátria, no feliz conceito de Teófilo Braga.

RA". Sem dúvida que, em tão ilustre companhia, em colóquios frequentes e demorados, os resultados teriam de ser o que, de preciosidades, apresentam aqueles seus trabalhos.

Vieira é um oceano de vagas ritmadas e de fímbrias de arminho, em cujas profundezas há esbanjamento de maravilhas vernaculares. Quem, n"OS SERMÕES", abrangendo três lustros de deslumbradoras pompas de espiritualidade, de prodigioso talento, de privilegiada inteligência e de soberba erudição, não se sente extasiado, não percebe o gigante da prosa e da oratória?

N" A CRUCIFICAÇÃO DO SENHOR", fulge o artista helênico esmerado na beleza da dramatização, culminante na interpretação do gesto de Jesús ao inclinar a cabeça, como se tombasse a cúpula do Universo! O sentido que lhe dá o prefulgente autor revestiu-se de uma ressonância de harpejos celestiais. Jesús, naquele gesto derradeiro, epilógando a cruenta cena do Gólgota, manifestou angustiosa súplica ao Senhor, não para lhe atenuar os sofrimentos, mas para que perdoados sejam sempre os nossos pecados.

Em "STABAT MATER", lembra Gil Vicente, pelo tom poético, pela finura artística e pela santidade da Fé.

Não se restringiu V. Exa. ao manancial inesgotável deixado por Vieira. Confessa-o no limiar das apostilas anteriormente registradas. Conta que, dos lábios de seu Mestre nos estudos secundários, ouviu a conclamação para que também procurasse conhecer as riquezas vertidas da pena augusta de Alexandre Herculano. O professor Vicente Teles, era o seu guia na caminhada para penetrar no veio de lucilações eternas de ncsso idioma.

Fizera uma sábia recomendação, porque, no consenso dos doutos, Alexandre Herculano representou, no século XIX, o papel de um condor, adejando sôbre as planuras virentes das Letras, mas sua morada, onde bebia as inspirações, era e sempre foi a crista albi-áurea das montanhas. Bem oportuno reproduzirem-se as linhas de seu perfil, retratado no "ELOGIO HISTÓRICO", de Pinheiro Chagas, pronunciado na Academia Real de Ciências de Lisboa, em 1880:

Foi nesse tão auspicioso convivio, palestrando diariamente com os valores do idioma, em diuturnos banquetes de idéias, que V. Exa. formou tão invejável lastro cultural. Foi assim devidamente habilitado, sem mais o pedantismo dos néscios, nem a intransigência dos mediocres, mas com a humildade dos esclarecidos, que lhe foi possível ajuizar d' "OS AUREOS FILÕES DE CAMILO", do grande e sempre atualizado Camilo, cuja forma escoreita e cujo estilo alindado mereceram de Menezes e Sousa (Barão de Paranapiacaba), este hino de exaltação: —

"Um período de escrito seu semelha finíssima cabaia, que mão de fada houvessem bordado a diamante e matizado de pérolas".

Cresce o valor d'esses louvores pela época de comburent nacionalismo, aqui imperante particularmente nos círculos da intelectualidade, quando emitidos e pela fonte, um espírito de amplo saber, tradutor de Plauto, Eurípedes, Sófocles e Aristófanes e da Lamartine e La Fontaine.

Confiou-me V. Exa. a leitura daquele seu trabalho derredor d' "OS AUREOS FILÕES DE CAMILO", ainda inédito e que constitui uma das obras fundamentais de autoria do insigne JOÃO LEDA. Foi, então, justificada plenamente, na minha desvaliosa opinião, a escolha de V. Exa. para a cátedra n.º 16, cujo patrono é o crítico de Camilo, o analista de Vieira e o apologista de Rui.

A ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, elegendo-o para a cátedra que tem o nome de JOÃO LEDA a cingulá-la de perenes e sugestivos dilúculos, teve, aliás, como sempre, divina inspiração, porque também V. Exa. é exímio curives da palavra e, semelhante a Leda, fásca o veio sempre opulento da "última flôr do Lácio", flôr, digo eu, de pétalas de rubis sangrentos e de cálice de ouro e esmeralda.

Imprimiu V. Exa. em seu magnífico estudo o critério etimológico, rebuscando as raízes vocabulares, portanto imergindo nas origens da *língua-mater* e, para tanto, se escuda em

luminares, desde Constâncio a Morais, de Aulete a Cândido de Figueiredo, além de outros que merecem, sem favor, a láurea de legítimos lexicógrafos.

Não se deixou apaixonar somente pelos Mestres do lado da lá, do "jardim da Europa à beira-mar plantado", onde o idioma lhe completa os encantos, pela vibração conclamadora dos lítuos, pela sonoridade comovedora na interpretação da dôr e da saudade, pelos tons semelhantes aos harpejos celestiais na celebração do amor, pela doçura igual à linguagem dos anjos e pela riqueza ímpar, servindo como intérprete de todas as manifestações da Natureza, idioma que, se os deuses o conhecessem, o tornariam de uso oficial nas festas olímpicas. Não! Não poderia incorrer num pecado perpetrado contra eminentes patrícos que tanto enobreceram e ampliaram os fascínios de nossa língua, porque êles formam fúlgure coluna de sabedores. Não poderia jamais V. Exa. ignorar os labores frutíferos, há quase um século e meio, de Antonio Alvea Pereira Coruja, no "COMPENDIO DE GRAMÁTICA DE LÍNGUA NACIONAL" (1835); em seguida, Júlio Ribeiro com a "GRAMÁTICA PORTUGUESA"; Costa Duarte, através do "COMPENDIO DA GRAMÁTICA FILOSÓFICA DA LÍNGUA PORTUGUESA" e Maximino Maciel, João Ribeiro, Eduardo Carlos Pereira, Ernesto Carneiro Ribeiro, Sá Nunes, Júlio Nogueira e tantos outros também de largos méritos.

Na poesia e na prosa, avultam Antônio Gonçalves Dias, Francisco Sotero dos Reis, Alvares de Azevedo, Fagundes Varela, Carlos de Laet, a quem Camilo concedeu a distinção de polemizar, Carneiro Ribeiro, repetimo-lo, famoso pelo concurso em que terçou armas com o erudito professor Guilherme Rebelo e conquistando a celebridade em questões de vernáculo ao preliar com Rui Barbosa sôbre a redação do projeto do Código Civil. As "LIGEIRAS OBSERVAÇÕES", de Carneiro Ribeiro, provocaram a tempestade oceânica, o macaréu no espírito de Rui que, ao se enfurecer, nos embates políticos ou nas refregas do pensamento, bramia, se agigantava em vagalhões na ânsia de afogar o contendor, impondo-lhe

o silêncio dos vencidos. Mas, o adversário, seu coestadano, de t mpera serena, todavia também rígida, experimentado nos duels da inteligência, o enfrentou de tal modo que não lhe permitiu absoluta supremacia. Dois soberanos se degladiaram dentro do mesmo e fulgurante Império, o reino do mais famoso idioma que é o nosso. Foi um espetáculo de rara suntuosidade o d esse encontro de dois Príncipes da Sabedoria e dificilmente poderá repetir-se entre outros, porque se disputavam a primazia duas genialidades nos domínios da formosa e complexa ciência filológica.

Habilitado pelos ensinamentos dos Mestres de l  e de c , do Brasil na Europa e de Portugal na América, tanto podemos diz -lo pelos vínculos  ticos e étnicos, verteu V. Exa. de sua pena radiosa, nivelada a uma lança romana, levando, na extremidade, a luz da cultura e a colaboração da alma latina, no "Diário do Norte", uma proibidosa análise e equilibrada crítica a respeito da obra de Leda, estudando o vocabulário da  guia de Haia, sob o título — "JOÃO LEDA — o combativo garimpeiro da obra ruiana".

As restrições, sem o maculado propósito de amesquinhar o prestígio e denegrir a reputação do " nico exegeta de Rui no campo da filologia", na expressão de V. Exa., que jamais desceria, como se vai tornando vulgar nos polemistas med cres, ao papel repulsivo de distribuidor de contum lias, servem para maior realce do nome e da obra do patrono de sua cátedra.

Erigiu o novo e nobre acadêmico seu culto   sagrada Trindade da lingua-mater : — Vieira, Rui e Castilho. Sim, constituem êles um trin mio heráldico, um triângulo dogmático, porque, se a Trindade religiosa une os homens pela mesma crença, fraternizando-os pela Fé, também êles enla am, tornam g meas as almas de brasileiros e portugueses, honrando duas Pátrias que, pela tradição maior, o idioma, formam uma só família, a gente luso-brasileira!

A celebração das pompas intelectuais de JOÃO LEDA transitaram das colunas amplificadoras da imprensa ou do jornalismo para a oração inaugural de V. Exa. neste Sodalício.

Transferiram-se, sim, em moldes atenienses, para um colunário de rigores estéticos, que é o discurso pronunciado por V. Exa. ao transpor as portas de ouro do Templo da Imortalidade.

No capitel de tão esmerado monumento rutilam "OS AUREOS FILÕES DE CAMILO", esplendem "O VOCABULÁRIO DE RUI BARBOSA" e duas outras grinaldas tremeluzentes, feitas também pelas próprias mãos e pelo apurado senso artístico do grande Mestre de vernaculidade: — "NOSSA LÍNGUA E SEUS SOBERANOS" e "A QUIMERA DA LÍNGUA BRASILEIRA".

Sobre a última, após a leitura de um exemplar com um oferecimento carinhoso e amigo, gravado em palavras de admiração sincera e recíproca, fiz, através d'"O JORNAL", desta cidade, longa apreciação e tornei-me solidário aos fundamentos e conclusões.

Não tardou que Antenor Nascentes, em "ESTUDOS FILOLÓGICOS", se enfileirasse a quantos tiveram a coragem de vir, sem temer os arrepios nacionalistas, contestar os motivos arguidos pelo vereador Frederico Frota num projeto de sua autoria, criando a obrigatoriedade da expressão "língua brasileira" nos livros didáticos, sob pena de não serem adotados nos estabelecimentos de ensino público. Celebrando-o, V. Exa. revelou, mais uma vez, o desvêlo na homenagem ao saudoso e ilustre confrade.

A sua rebrilhante peça oratória comprova não haver olvidado a colaboração de JOÃO LEDA à imprensa amazense, quer em assuntos atinentes ao idioma, quer analisando e criticando motivos diversos, imprimindo sempre, nas crônicas e nos artigos, o humor camiliano. Nem esqueceu o registro do trepidante concurso à cátedra de História Gearl, História do Brasil e Noções de Direito Pátrio, da antiga Escola Normal do Amazonas, hoje Instituto de Educação. Três os candidatos: JOÃO LEDA, JOÃO DE OLIVEIRA FREITAS, advogado, e eu, ainda bacharelado em direito.

De História, a principal disciplina, antes mesmo de concluídas as provas, regidas por normas severísimas, à força de um Regulamento feito ao tempo do Império, surgi-

ram histórias e comentários fomentados, como sempre, pelos que se deliciam nas urdiduras de intrigas, disso resultando sério incidente entre LEDA e ADRIANO JORGE, presidente da Banca Examinadora e presidente desta Academia. Em meio à agitação, quando os dois galos de esporões de ouro riscavam já a área em que deveriam trocar bicaradas aristocráticas, surge, agravando a crise, na defesa de JOÃO LEDA, o professor MARTINS SANTANA, recentemente empossado, depois de memorável concurso, na cadeira de português, do Ginásio Amazonense. Agredido MARTINS SANTANA, evitando iminente tragédia, apareceram os apaziguadores e os ânimos serenaram.

Tão forte a repercussão que, em S. Paulo, através de um dos mais autorizados órgãos da imprensa, Mário Mariani, escandalizado, lamentara a permuta da força da inteligência pela brutalidade de armas homicidas praticada por homens que, pela idade, deveriam guardar a devida compostura. No entanto, nem mesmo Leda, o mais velho, havia atingido a senectude!...

Os debates, dentro e fóra do âmbito do concurso, serviram para maior realce da personalidade de LEDA, cuja tese — "DA EXAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS" —, além de obra-prima em sua forma, defendia difíceis problemas de indagações sobre fatos históricos e até proposições de Filosofia da História.

Estimou V. Exa. um trabalho meu, retratando o maior filólogo do Amazonas, até hoje, "o mais feliz" e, agradecendo-lhe a distinção generosa, confesso haver sido de JOÃO LEDA, durante dois decênios, um companheiro diário, palestrando nós todas as noites, quando vizinhos. Hiperemotivo, transitando rapidamnete da serenidade para a exaltação, não aninhava, na alma cristã e no coração de excelsitudes, o ódio. Se agredido, saía à liça com ardor e honestidade e, defendendo-se, erigia os bastiões de sua defesa com os materiais, dentre os melhores, colhidos dos sabedores. Não caluniava, não difamava, não injuriava e, como castigo, se o adversário

perdia o equilíbrio moral, lançava-lhe ironias jocosas. Se o contendor se penitenciava, esquecia tudo e o recebia com os gestos de um perfeito cavalheiro.

Em meu desvalioso conceito, "A QUIMERA DA LÍNGUA BRASILEIRA" é uma das obras de LEDA de maior comprovação da cultura de vernaculidade e de conhecimentos orientados pelo sentido histórico.

Leda repeliu o movimento transformista de caráter radical, embora somente na denominação da língua, por entre os fundamentos mais convincentes e em consonância à origem e estrutura filológica. Aliás, Joaquim Ribeiro, na "ESTÉTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA", depois de uma síntese das teses de Remy de Gourmont, o esteta-filólogo; de Oskar Wenzel, de Karl Voessler e Leo Spitzer e a orientação doutrinária de outros Mestres, escalona os grupos de autênticos valores dominantes nos ciclos evolutivos de nossa língua. Finalmente, indica a obra "A LÍNGUA NACIONAL", de João Ribeiro, a fonte creadora da revolução estética para a nacionalização da língua portuguesa.

Joaquim Ribeiro, evitando interpretações errôneas de um tal pronunciamento, aclara o Manifesto renovador de João Ribeiro, de maneira a não se lhe atribuir o objetivo de pretender a mudança da denominação de nosso idioma, assim :

"Com êsse intuito e nesse fundamento (confessa o nosso filólogo) foram escritas as páginas de nosso livro, que não inculcam língua nova, mas revelam os matizes, as variações e as originalidades do pensamento americano".

"Foi justamente nesse sentido de reabilitação das nossas peculiaridades linguísticas que o livro de João Ribeiro foi aplaudido pela mocidade".

Veja-se que há profunda diferença entre a opinião de serem aceitas as influências naturais ao próprio curso de qualquer idioma à sustentação de uma tese da existência já

de um novo idioma. Naquela hipótese, temos ainda Júlio Ribeiro, recordando a idéia do autor de "ESTHÉTIQUE DE LA LANGUE FRANÇAISE" para que se organize uma Academia destinada também ao exame e composição da fala popular. Embora contrário à denominação de LÍNGUA BRASILEIRA admite, como o fazem os filiados à corrente das mutações suaves do idioma, a influência do que se consagra, sem ofensas aos dogmas filológicos ou às regras disciplinadoras do principal veículo do pensamento, no espírito e se difunde pelas camadas populares. Estimulando a Academia Brasileira de Letras a tomar a iniciativa desse movimento, confessa-se incrédulo da aceitação por esta pergunta: — ... a beleza verbal caberá dentro de uma Academia?".

É problema de suma relevância e de seríssima complexidade, tanto assim que, pretendendo resguardar a vernaculidade e proteger o idioma de tais influências, Rodrigo de Sá Nogueira em "QUESTÕES DE LINGUAGEM", sugere que se crie uma Academia de Língua ou um Centro de Estudos Filológicos, apreciando, ao expor seus intuítos, um projeto correspondente do dr. Luís Simões Raposo, secretário geral da Junta de Educação Nacional Lusitana, mas um e outro se escudam em princípios rigorosamente científicos.

Já estou excedendo-me, pretendendo reingressar num campo de sabedoria do qual me ausentei há vinte anos e, em cujos estudos, V. Exa. e eu fomos companheiros na Escola Normal "São Francisco", dirigida pela saudosa colega professora Maria Rodrigues Tapajós, a quem o Estado muito deve no plano educacional pela inteligência lúcida e capacidade de trabalho invulgar. Ali, ambos lecionámos a *língua-mater*, desde o primeiro até o último ciclo secundário.

Estudando e ensinando o idioma, V. Exa. há de fazer pregação diária, às gerações de amanhã, que devem avantar-se às antecedentes, da unidade indissolúvel da família ou do povo luso-brasileiro.

Portugal e Brasil têm semelhança nas tradições, desde a origem da Independência ou da formação de sua soberania.

Ali, no gesto de rebeldia de Afonso Henriques contra a própria genitora, D. Tareja, soberana do Condado de Portocale, inicia-se a vida de uma Pátria, que, de um território pequenino, se erigiu, à glória dos descobrimentos, enfrentando as procelas e os mistérios oceânicos, em uma grande nação, grande pelo patrimônio de ultra-mar e grande pelo heroísmo e inteligência lúcida de seus filhos. Uma série notável "daqueles Reis que foram dilatando a Fé, o Império", nos versos magistrais de Camões, deveria torná-lo, em certo momento, árbitro dos destinos do mundo. Mar afóra, enriqueceu-se e contribuiu vantajosamente para a evolução e aperfeiçoamento das ciências náuticas. Aqui, um príncipe, de sangue lusitano, rebela-se contra o pai, o habil político que foi D. João VI, e proclama o Brasil uma Pátria livre.

Voltando às costas ao mar, o Brasil engolfa-se nas densas florestas e, varando rios, contornando montanhas e rasgando o ventre de serranias, destruindo outeiros, abatendo arbustos ciclópicos, realiza a conquista de um território que, até pouco, tinha apenas o domínio nominal. Levando a civilização a essas áreas imensas, salvaguarda o precioso legado que a Pátria-mãe lhe deixou intácto e abundante de riquezas.

Episódios históricos da origem das duas nacionalidades, o idioma, a Fé cristã, a tèmpera combativa e realizadora numa alma romântica, de exagerada sentimentalidade, todo esse custoso acervo de tradições fundamentais mostram dois países, porém a mesma e valorosa nação, duas Pátrias, todavia uma só e grandiosa família.

Não devemos revelar complexo de inferioridade por ser portuguesa a nossa língua, pois inglesa é a falada por um povo que é um dos líderes da civilização contemporânea, o estadunidense e, além disso, brasileiros e lusitanos caminhamos sob as mesmas emoções na realização de uma obra imensa e luminosa, humana e divina!

Reservei, para concluir esta Mensagem gratulatória da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS ao seu novo e ilustre filiado, o registro e a celebração de suas "GOTAS D'ÁGUA SÓBRE A GRANDE SEARA...".

Feliz, auspiciosa a inspiração de denominar gotas d'água aquela coletânea de frutificações multicoloridas e com o sabor do nectar dos deuses de sua fertilíssima inteligência. Gota a gota e eis que se formou a fonte de Samaria, em cujas águas o mais sedento de saber sai, tendo, nos lábios, o mel das palavras e, no espírito, o aroma dos pensamentos.

ECCE EXIIT QU ISEMINAT, SEMINARE é o atraente e sagrado motivo do Sermão da Sexagésima, proferido, em 1655, na Capela Real, por aquele de quem o nobre acadêmico se confessa discípulo e a quem a poetisa Amélia Rodrigues chamou, em lindos versos, uma "estátua de luz" e, ainda, a quem Antônio Honoratti, falando-lhe dos atributos soberbos de orador, nivelou ao excelso Crisóstomo, pontífice da oratória sacra.

Ajusta-se-lhe, Senhor Acadêmico João Crisóstomo de Oliveira, a interpretação daquele profundo pensamento, porque, em seu magistério, V. Exa. prega onde se encontra e leva sua pregação mundo afóra. Sim, as tórres ebúrneas que, a V. Exa., servem para lançar seus ensinamentos de Mestre do idioma eram e serão : a cátedra e a imprensa, agora acrescida da tribuna acadêmica, portanto três vias encantadoras pelas quais continuam a fluir as preciosidades de seu fecundo talento.

Semen est Verbum Dei, na sábia lição de Lucas, tem sido e será sempre a legenda que prefulge no pórtico de sua valiosa bagagem literária.

Desvaliosa, eu sei, a salva em que, pela Academia Amazonense de Letras, eu, a V. Exa., entrego os florões acadêmicos. mas veja que, no centro há uma riqueza incomparável, representada nos corações palpitantes de alegria de seus pares e que traduzem espíritos em festa.

Desde agora, com o plácito dos confrades, V. Exa. poderá recitar, como uma prece pela vitória conquistada dignamente no mundo intelectual de nossa terra, aquela assertiva de Ovidio :

"VIVEREI, E UMA GRANDE PARTE DE MIM
MESMO TRIUNFARÁ DA MORTE"!

Saúdo V. Exa. em nome da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, augurando-lhe venturoso convívio nos domínios da IMORTALIDADE!

Pedrinhas da Praça São Sebastião

ALVARO MAIA

Refúgio boêmio de Manaus,
de missas, novenas e quermesses,
de comícios, desfiles e paradas,
a Praça São Sebastião
tem procissões de Filhas-de-Maria...
Tem fugas e alvoradas de escolares,
terreiros de bambas e arraiais,
valentões e devotos em solaus
e em malabarismos de trapézios,
nas pedras branco-escuras do seu calçamento,
imitando ondas largas de oceanos...

Os ficos verdes, como beatas sonsas,
substituindo mariranas e mangueiras,
desabotoam os chales das penumbras
e alcovitam casais, que amam longe de casa...
Ajuntam-se como os pássaros migrantes.

Bíblicas barbas de harpas penduradas,
frades, na igreja, atizam brasas nos pecados,
com os anjos, os satans, os vitrais coloridos
e os cansados soldados em patrulha...

Ora, São Sebastião também foi soldado,
padroeiro do perdão, santo frecheiro,
igualzinho a São Jorge, em seu Cavalo Branco,
amigo de cristãos e macumbeiros,
venerado nas capelas e nas tendas...
Conhece os monges, o passado,
os romances da Praça São Sebastião...

Só há uma torre, como um dedo para o céu,
chamando à salvação os transviados,
no relógio de horas badalantes
com os seus ponteiros de diamantes...

II

Pelas gargantas das ogivas,
os sinos brandem línguas vivas,
chamando gentes sem amor
para adorar Nosso Senhor...

Passam turmas de crianças,
olhos no céu, fitas nas tranças...
Trazem Jesus no coração
para a novena e a comunhão...
Jesus-Menino vem sorrindo,
como Menino entre os meninos...
Vêm brincando, vêm sorrindo,
o Pequenino e os pequeninos,
em procissão, em comunhão...

Passam também mães que pranteiam
filhos no horror da eterna ausência,
sem juventude e adolescência,

sofrendo fome em terra alheia,
caluniados, maltratados,
presos à Cruz na própria Terra...

Quanta pedrada em São Francisco,
quanta frechada em São Sebastião!
Quantas fiéis debulham, manhã cedo,
contas de oração e maldição,
blasfemando entre as pausas das Ave-Marias...
A língua, em jejum, lembra uma sarabatana...

Depois, igreja a dentro,
murmurham inocência ante os altares,
confundindo treva e luz...

Regressam aos lares
com a tortura de novos arrependimentos,
de novas causas para confissões
e redobradas penitências...
E pensam que alcançaram o Paraíso,
nos enganos aos frades confessores
e às Hóstias de Jesus...

|||

Segundo racontos populares,
há fantasmas errando em São Sebastião,
— zumbís fungando e pitando,
orixás rufando tambor no chão,
apiás engasgando tontas cunhatãs,
rodando em jongos de fogo,
com as pernas cheirando a pimentas,
queimadas de urtiga e jiquitáias...

Milionária infeliz pecou tanto e amou tanto,
que o seu feliz senhor, banqueiro de outros tempos,
lhe mandou esculpir o oriental encanto
no busto de uma santa, agora nos altares...
Moças inquietas ofertam velas, dobram joelhos,
pupilas em promessa e lábios em blandícias,
pedindo noivos em preces de esperanças...

Contam vidas de Irmãos sacrificados,
em catequeses e indiadas...
Morreram de febres, trabalheiras,
por amor de Jesus e São Francisco,
por amor dos homens sem conforto...
Contam a vida do bom Frei Domingos,
tão bom, que, de tão bom, se foi embora,
— pobre que ouro esparzia nas palavras
e ouro foi esparzir no paraíso...
O bom Frei Domingos sempre perdoava...
Gestos lentos e falando baixinho,
celebrava em suspensão do solo,
seguro pelas mãos dos anjos...
E os santos sorriam,
enquanto o povo chorava...

Em meio à praça, até um brônzeo monumento,
mulher em continência à abertura dos Portos,
cabelos soltos, coxas nuas,
oferta o seio duro a um Mercúrio prisioneiro
e parece entreabrir os olhos desnorteados
às seduções e às loucuras das ruas...

Chovem sóis e astros pelas clarabóias...
Enchem ruas e templos de barras de platina
e, nas frentes dos santos protetores,
tecem auréolas de jóias...

IV

Por altas horas, transeuntes retardados
sentem visagens pela escuridão...
Adivinham umbandas curativas,
máscaras de falanges redivivas,
egressas de macumbas e mistérios...
Quando há festas em logares que foram cemitérios,
as almas dos mortos erguem-se do chão
e formam pares entre os pares vivos,
corações que sempre se adoraram
em corpos que nunca se abraçaram,
— Arlequins deste mundo e Colombinas de outro
[mundo...]

Lá vêm tucháuas e guerreiros,
raptando princesas e ciganas,
ébricas de tiquiras e tantãs,
com olhos de botos e muiraquitãs,
espiritados de ipadús e chichuaças,
descabelando mulheres nos jardins...
Amazonas lá vêm, de braços fortes,
sob a fome dos ímpetos sem posse,
derrubando os homens no salão,
com a sêde procriadora das potranças,
nitirindo aos poldros e mordendo as ancas...

E' o meio de celebrar a morte e os que morreram,
perpetuando a vida em surtos de alegria...
Rangem sedas, brilham tangas,
restam colares e adereços,
estrelajando os corpos nus...

V

Outr'ora, na Praça São Sebastião,
índios que vinham de preagens e caçadas,
caiporas, murupiaras,
revolviam-se entre folhas verdes
e entre cipoais e castanheiras,
com os rostos nos rostos das vencidas,
— virgens Sabinas das florestas,
arrancadas das tabas arrasadas
nos festins da moça nova...

Gemiam, dementados pelas parasitas,
baunilhais escorrendo cheiro e mel,
abelhas e zangões sugando pólenes,
orquestrações de araras e tucanos...

Foram-se as tribos para os longes centros,
porém comandam nas prisões das igaçabas
sagrados ossos de murubixabas...

E, entre sombreados e entrelúnios,
bailam bandos morenos,
cascateando cocares em saracoteios...

Modulam canções em tibias velhas,
tragam cauíns em crâneos alvos
de inimigos lascados a bordunas,
ou arremessam das sarabatanas
frechas de veneno e perdição...

VI

Agora, tilintando guisos,
sacudindo maracás,
reis de vestes de cetim e lantejoulas,
bois de olhos de peixe-morto...
E' o "Mina-de-Ouro, é o "Corre-Campo"
vêm dos currais para as matanças...
Cantam vaqueiros, cantam Catirinas...
Marcam rixas e encontros pelos bairros,
já madrugada, com o dormir da lua
e o despertar dos galos...

Vibram clarins, fremem desafios,
gingam cordões em tangos e quadrilhas...
Bûmbas-meu-Boi, peixeiras amoladas,
banhos de cheiro de São João,
defumações da Mãe-Joana,
feitiços doidos das encruzilhadas...

VII

Ubiratan reteza o arco,
Pai-João chupa o cachimbo,
esfumagando gente que passa
pela Praça São Sebastião,
— casais de luxo em autos de luxo,
onde os cães esguíçam serpentinas...

Bêbedos resmungam heresias obscenas
e rezadores resmungam rosários,
pedindo os céus, rogando pragas...
Pai-João ameaça e abençoa,

batucando no batuque,
com os olhos que tudo enxergam
e ouvidos que tudo entendem...

"— Aí vem São Jorge com a sua Espada,
com o seu Cavallo Branco e o Dragão,
fraternizados em novas lutas...
Afia a Espada, amansa o Dragão,
em sortidas contra os malvados,
contra gente que suja o mundo,
sem ter pena dos pequeninos...
Lá vêm Ogum e o seu Cavallo Branco,
— Espada em riste e Dragão em fúria,
em luta contra os malvados,
que perseguem os pequeninos..."

"— São Jorge é que está rondando,
São Jorge é que vai rondar...
São Jorge é que está mandando,
São Jorge é que vai mandar..."

VIII

Cantadores divagam pela Praça...
Ajeitam-se nos bancos rebentados
para cantar e beber
o éter, que desce pela névoa fria,
de estrêlas alcoolizadas nas alturas,
como vides fulgindo nos outonos maduros...

Ha ouvidos entreabertos,
olhos curiosos nas esquinas,
com furta-cor de gatas esfaimadas,
miando casamentos nos telhados...

REVISTA DA ACADEMIA

Sentam-se. Um dos passeantes prende ao peito
o violão de requiebro e segredos,
na convivência das árvores folhudas...

Tem a ilusão de exsurgir um pesadelo ausente,
qualquer sonho de mulher preso a lembranças,
porque sente o passado no presente,
ou o presente no passado...

(Ama-o de novo nas canções de outr'ora,
em românticas insónias
às frases desfiadas ao luar,
— uma lua nova de saudade
com cenários pagãos dos outros dias).

Cantam, encantando a própria noite,
musicada em pautas nas alturas,
em convites de sinos invisíveis
de catedrais visíveis no invisível...

IX

O violão parece um corpo jovem...
As cordas são veias luminosas,
são artérias nos braços de quem canta...
Circula o sangue na alma,
quando os dedos zangarream
em carícias aos bordões bravios...

Quando bambeia os olhos pelas cordas,
é o próprio corpo que êle cinge ao peito :
as cordas são as tranças da mulher que cede...

Lembra dois corações fraternizados,
num **B** de emoções frementes
Ao centro, há lábios em sonoridades,
chorando, suplicando, murmurando,
pela embriaguez das cordas,
trémulas de modinhas e de sambas...

Vibra, de novo, sacudindo a noite,
entorpecida em choros de volúpias :
— "Tens um violão dentro do seio...
Teu corpo é um **B** moreno,
modelado ao violão,
com o centro no coração..."

Não importa que estejas longe,
porque, nos versos desta canção,
vás ao passado e ao presente...
Ouve ! Ouve teu sonho em meu canto :
se canto, estás no meu canto ;
se sonho, estás no meu sonho !"

X

Dentro da noite generosa,
lavando a Praça São Sebastião,
enquanto estrélas e lua se entrelaçam,
as almas dos que amam ou se amaram
— revivem e se encontram frente a frente,
nos bordões e nos sons do violão...

Fitam-se comovidamente
e atentam a canções misteriosas,
que embalam nas almas,

REVISTA DA ACADEMIA

como um segredo inviolável
de um para outro,
sem dizer nada a ninguém. . .

Há traições no próprio silêncio,
— traições em olhos dormentes,
que desenham perfis pelas distâncias. . .

Soluça o violão. . . Bôcas se unem,
mãos se entrefecham,
pálpebras pingam pingentes. . .
Os ombros se encostam num ombro só,
os rostos num rosto só,
no esplendor da noite diluída,
entre nuvens e luar. . .

X I

Há desafios na serenata,
sertanejando a Praça,
com assaltos de Lampeão
e lendas de beijos e punhais. . .
— Ouço o passado quando te ouço,
quando a paixão no peito se desata. . .
As modinhas de sol são carícias errantes,
que me galopam pelo corpo em febre
e nos imantam os corações amantes. . .
E, se te vejo, tremo entre os teus dedos, — sinto,
revendo o nosso tempo extinto,
que a teus olhos, se despem os meus vestidos,
para vestir nossos sentidos. . .

Exponho-me sem roupas, semi-nua,
tôda embrulhada nos sendais da lua,
para apertar teus lábios de verão,
meu Senhor,
 meu Amor,
 meu Violão..."

XII

Dormem sorrisos na serenata,
acordando sensações ardentes,
entre matupás e águas de igapós...

— "Canta de novo! Quando te ouço,
sorvo músicas em teus músculos de aço,
porque os beijos de outr'ora estão presentes...
A serenata acorda o corpo em febre
e me entrega nos cintos dos teus braços...
Vibra em canções! Pertença-te, sou tua,
com a alma tôda nua
para ser servida e te servir,
na juventude como no porvir!
E, se viér o afastamento,
não nos afastaremos pelo pensamento,
sempre abraçados a qualquer momento..."

Acendem noturnos na serenata,
adormecendo sensações nascentes
a doses vingativas de curare...
"— Outro no futuro? Ilusão, ilusão!
Pobre desse outro, — ciume e nada mais,
amortalhado em golpes de traição...
Quem amou, em qualquer tempo, ao violão,

nos feitiços da Praça São Sebastião,
entregou para sempre o coração :
outro amor não surge mais,
porque não tem mais o que entregar !”

XIII

Volta ao silêncio a Praça São Sebastião...
Travadores partem pelas ruas,
pelos terreiros, pelos bairros,
bebendo champanhas de luar,
celebrando a alvorada à meia-noite
e dando taças aos que estão dormindo...

— “La Vie en Rose... Cumparsita...
Besa-me mucho... Ojos Negros...”

— “Tá, eu fiz tudo
pr'a Você gostar de mim...
O meu Bem, não faça assim comigo não...
Você tem, Você tem
que me dar seu coração...”

Canções em várias línguas,
para o mesmo amor ferindo o peito :
mendigos ricos em conquistas
e milionários de amor chorando mínguas...

— Tens um violão dentro do seio...
Teu corpo é um 8 moreno,
modelado ao violão
com o coração no coração...
Ouve ! Ouve teu sonho em meu canto :
se canto, estás no meu canto;
se sonho, estás no meu sonho !”

MARABÁ

MOACYR G. ROSAS

A cidade mestiça, debruçada na ribanceira do Tocantins, encontrou o seu romancista no fascinante escritor Líbero Luxardo. "Marabá", recém-publicado na metrópole paraense, é simultaneamente uma tentativa de ensaio sociológico e romance de costumes, em que o autor, alcançando êxito, ingressou na galeria dos amazonólogos autorizados. Foi Péricles Moraes, o fecundo ensaísta planiciário, quem escreveu, estribado no pensamento de Euclides da Cunha, sociólogo e estilista insigne, — "que a Amazônia, ainda sob o aspecto estritamente físico, apesar de seculares investigações, é conhecida aos fragmentos, e tudo o que se escreve a seu respeito se adstringe aos seus inumeráveis aspectos parcelados".

Na verdade, ainda em nossos dias, esta nossa "selva selvaggia" espera o autor que lhe fixe os frêmitos, as sensações, os coloridos e as nuances das mutuações que lhe perturbam ou completam a sua natureza. É comum lamentar-se o esquecimento dos autores sobre o homem amazônico, que tanto pode ser o desbravador quanto o silvícola. Mas, não é tanto assim! E Péricles Moraes tenta esclarecer: "Era obra para artistas de elite, capazes de exprimir, num traço fulgurante e revelador, a violência de suas sensações e o frêmito das emoções que lhes abalam o sistema nervoso. Não tem sido outra, por taes motivos, a causa do insucesso de não poucos escritores que se têm arriscado a buscar na Amazônia a tese e o desenvolvimento de suas digressões espirituais".

A ciclópica Amazônia não foge aos seus escritores; eles é que se aninham ou se alçandoram em ângulos de sua predileção. Euclides da Cunha, dotado de inteligência penetrante e divinatória intuição, laborou páginas, nas quais exibiu singulares ângulos da Hiléia em *A margem da História* e no precioso prefácio aos contos de Rangel. Outros como Carlos de Vasconcellos em *Desherdados*, Rodolfo Teófilo em *O Paroara*, Alberto Rangel em *o Inferno Verde*, Ferreira de Castro em *A Selva*, José Eustasio Rivera em *La Voragine*; Alfredo Ladislau em *Terra Imatura*; Peregrino Júnior em *Pussanga e Matupá*; Mavignier de Castro em *Amazônia Panteista*; Ramayana de Chevalier *No circo sem teto da Amazônia*; Gastão Cruis em *Amazônia Misteriosa e A Amazônia que eu vi*; Aurelio Pinheiro em *Gleba Tumultuária*, Francisco Galvão em *Terra de Ninguém*, Jorge Hurley em *Amazonas Cyclópica*; Mario Ypiranga Monteiro em obras de motivos históricos; João Vianna em *A Fazenda Aparecida* e uns tantos mais, entre si desproporcionados, demonstram surpreendentes fragmentos dessa Imensidão, que somente o sábio prussiano Humboldt, a última cultura enciclopédica à face da terra, a descortinou em proporções quase reais.

Pois, bem: a *Ilíada* amazônica será composta por um espírito de elite como, às vezes, se conjectura, haver sido plasmada a monumental epopéia helênica ao se pensar que Homero foi um cego andarilho, dotado de privilegiada memória, recitando em troca do pão. Os amazonólogos, talvez involuntariamente, estejam forjando a estrutura do poema planiciário, para as gerações de amanhã encontrarem um monumento espiritual.

Marabá evidencia, indisfarçavelmente a presença de vigoroso romancista, não apenas nas letras planiciárias, mas em toda a intelectualidade nacional, pelo vigor do enredo e fascinante técnica, comprovadora de um artista perfeito.

Não direi de Luxardo, parodiando os conceitos de ilustre escritor amazonense sobre uma obra erudita em torno das sutilezas da hinterlândia brasileira, ser "**Marabá**" o encerramento de tudo quanto se poderia interpretar

dêste mundo desconhecido. Não os reproduzimos, em face de uma conclusão tão peremptória, como esta, poder lançar-nos em situação embaraçosa, tais as surpresas criadas pela inteligência, mormente na Arte.

Os capítulos de **Marabá** são trabalhados com a inimitável paciência chinesa e dispostos em rigores estéticos, fazendo-nos recordar os mosaicos mosorabes nas cúpulas das mesquitas medievais. Ficamos, as vêzes, vacilando sobre a intenção do romancista, se o moveu o propósito de projetar a beleza ou o de minorar a possível fadiga do leitor. Ao descrever a cidade, cujo nome lhe serviu de título ao livro, uma dúvida surge de suas próprias palavras: "Marabá, diz, é uma cidade extraordinária. Feia? Bonita? — Não interessa". Prossegue na tentativa de transferí-la para as páginas, conseguindo na verdade, torná-la uma sinfonia amazônica. Envolvidas da poeira da luz sanguínea do poente, as casas, suspensas em colunelos de madeira, debruçam-se ao espelho imenso formado pelas águas. Imitando os venezianos, em suas gôndolas deslizando nos canais da Princeza do Adriático, a juventude passeia de short em pequenas embarcações. "E como eram bonitas aquelas beduínas de olhos enormes e cismadores". Três quartos da população provieram das regiões levantinas. Eram "sírios e libanezes, — gente hábil no regateio, que chora miséria, que reclama contra tudo, e que tira de tudo o melhor partido". De fato, é gente de tèmpera extraordinária para atingir seu objetivo e que é sempre — o lucro. Não há código moral que êle não possa trucidar, não há humilhação que lhe detenha os passos em busca de auferir vantagem. Quem os compreendeu precisamente foi E. Roquette-Pinto quando escreve em **Rondônia** :

"Árabes, sírios e turcos mascateiam por toda parte. Internam-se, catando fregueses, em todos os cantos.

Dos milheiros deles, que o Brasil recebe anualmente, não se tira talvez uma centena de produtores.

Não existem aqui trabalhadores rurais turcos; e todavia, não há elemento estrangeiro mais espalhado pela superfície do país.

No coração de Mato-Grosso, na Amazônia, em Minas Gerais, na Capital da República, vivem grandes massas de mercadores turcos. Embora, pelas condições do seu mistér habitual, sejam obrigados a entrar em relações com os brasileiros, vivem, de fato, perfeitamente segregados na sua raça, nas suas normas, no seu feitio. Ninguém sabe ao certo como se chamam, de onde são, que religião professam. Vivem lá entre sí, ignorados quasi pelos brasileiros. Onde há um mais rico, mais inteligente, ou mais instruído, grupam-se em tórno dele; e, quando esse "leader" adquire certa influência no país, começa a dirigir, inteiramente, o núcleo de compatriotas.

Seria injusto negar os serviços elementares que prestam esses mascates às populações do interior. E' uma imigração que cumpre, na hora atual, missão de utilidade; não tem trazido, porém, consigo, nenhum germen de progresso".

Os tipos fixados por Luxardo não fogem à síntese admirável de Roquette. O lôgro é comum na própria raça. Casos verídicos das trapaças moslêmicas, passados no Amázonas, darlam um anedotário inesgotável. O autor demonstra a matemática usada para ludíbrio do caboclo num quadro hilariante.

Estas páginas deliciosas não arrepiam sòmente o estrangeiro. Sem ofender ou sem afastar-se da sobriedade da prosa tersa, retrata episódios jocosos da cidade Cachoeira, lugar antigo e pobre, agarrada à tradição como a tartaruga ao casco. No arraial de festa profana, reunia-se a população que se "esquentava" nos bares, exibindo "as mais curiosas designações: **Bar vai quem quer, Aqui se acaba, Buraco da florzinha**". O prefeito, homem doente, é protegido do interventor, a quem "diariamente, o tesoureiro lhe trazia a renda, que êle metia no bolso, enquanto dizia ao Contador, com ares de dignidade:

— Que tal, Conrado, já está tudo registrado? Quero coisa em ordem!" Este episódio é vulgar por não ser Cachoeira uma exceção. Isso em **Marabá**, é carga de

escumilha que irá contundir os chefetes mirins. Em traços curtos, mas enérgicos, deixa documentada a paisagem sinistra do que foi o Estado Novo, governo brasileiro de fatídica memória, o Tribunal de Segurança Nacional que nucleou valores, mas mercenários e de moral precária. Prendia brasileiros sob o estigma de comunista e não lhes permitia defesa, lançando a ameaça de prisão aos advogados, tidos como correligionários dos constituintes. Ainda bem que o tempo está exterminando esta casta de **intocáveis**.

Em todos os sentidos, os capítulos de **Marabá** são flagrantes surpreendentes da selva indômita, das corrente fluviais incontroláveis e das multifárias paixões humanas. O autor, algumas vèzes, à semelhança do pensador fecundo de Yasnaia Poliana, abandona o leitor em capítulos inteiros. E por falar em Tolstoi, é possível haver Luxardo usado processo de honestidade igual ao do autor de **Guerra e Paz**, que, ao elaborar os seus livros, fazia excursões de dias para, como testemunha, ouvir ou assistir sôbre fatos em sua velha Rússia. Em outros trechos, diferentes do Solitário de S. Miguel de Seide, que entrava a discutir e a reprimir instituições e personalidades, Luxardo deixa que falem os personagens. O professor Silva, cuja "figura esquelética parecia anúncio de xarope", afirma: "O que está estragando o Brasil é a imbecilidade de seus dirigentes". Pã Virada, aquele caboclo com fibratura de líder, justificando viver com a espôsa envelhecida e mutilada pela doença de Hansen, asseverou: "... a pior lepra não é a que corroí o corpo, mas a alma". E o ancião Bernardino, que resistiu o tempo "como um cerne de lei sob o fragor dos coriscos destruidores", no fundo de uma rede, rememorando sua dolorosa odisséia se não disse tantas coisas ruins do Maranhão quanto o Padre Antônio Vieira, é porque não lhe possuía a vivacidade da imaginação.

Contorna os problemas e pondera os costumes, repellidos pelas sadias formações, através de pitorescas facécias. Eis um trecho do depoimento das aperturas em que passou um jovem intelectual paraense:

"Perfile-se, **doutor!** Vou melhorar a sua situação. O senhor vai ser promovido no serviço. De agora em diante não limpará mais latrina.

E o cabo abriu a bôca num sorriso salivoso, mostrando uma fileira indisciplinada de dentes amarelos.

— Tá bem, doutor, o senhor agora vai passar pra cavalaria.

E riu, cretinamente, como se tivesse dito alguma coisa que fizesse sentido".

Em outro capítulo recorda um fato comum na vida dos ribeirinhos da Amazônia :

"Homens e mulheres disputavam um pequeno espaço vital para o armador da rêde, rêdes que durante a viagem, no moroso arfar das pás da hélice, o **gaiola** embalava com pulso forte fazendo roçar, e acariciando corpos macios ao encontro de vigorosos contornos masculinos, numa provocação sexual". E mais além : "Sem querer, executaram, em suas rêdes, uma dança sem som, embalados pelas ondas, fremindo no entrechoque ora doce, ora forte, esmagando nógas, ou espremendo seios".

Os tipos femininos são pintados com as tonalidades sensuais dos Mestres da Renascença. O tipo ardente da mulher do trópico fundiu-se em Nanci : "dolente e ondulante, na maravilha dos seus 18 anos, na tentação de seus contornos, onde a beleza esculpia promessas e mistérios de sonho". "o gosto de seus lábios úmidos, tinham o sabor e o cheiro das madrugadas dos trópicos". Sabina, que, com Aldo, formam a dupla constituindo o esteio da dramatização do tema, cheira a sândalo, pisa macio como a inambú e possui o físico modelado a capricho. Cecilia, Bebela, Teté, Branca, tipos diferentes e interessantes pela singularidade dos temperamentos. O encontro de Sabina com Aldo tem aquela inexplicável pujança emocional descrita por Eduardo Zamacois em **Ponto-Negro**. Só os artistas quintaessenciados podem penetrar nos recônditos da alma humana, Luxardo pertence a essa estirpe. Alguém fazendo comentários em tórno de **Intruso** de Gabriel D'Annunzio, disse que, em meio de tantos pecados, havia ondas de aromas de rosas. Agora lendo **Marabá**, estamos capacitados a repetir o conceito com pequena variante : Em meio de tanta juventude parece que sentimos a fragân-

cia das carnes femininas, tais o colorido e a harmonia com que o artista ostenta verdadeira orgia de carne e amor.

Os tipos masculinos não poderiam ser melhor esculpidos. Há uma certa multidão que atravessa as páginas de **Marabá**, mas, nem por isso, ainda classificada insignificante grande parte, jamais se apagaria de nossa retina. Temos a impressão de vê-lo e ouvir todos êles. Há em Luxardo aquela força singular que sobrepuja em W. Somerset Maugham ao traçar os tipos de seus personagens. Aldo — intelectual, olfativo, observador, romântico, modesto, porém seguro das excelências de seu caráter superior, revela algo do autor. O que tirou de si enriqueceu o personagem. Não fez menos do que o primoroso Eça em **Os Maias** ao caracterizar o nervoso Egas. Jura, Borginho, Bernardino, Frei Procópio, Pá Virada, Major Biqueira e muitos outros com façanhas amorosas ou de desbravadores não nos impressionaram, tanto como Morbach, nosso velho conhecido. Tocamo-nos de uma emoção particular, quando encontramos um velho amigo nunca visto nem mesmo em fotografia. Mas eu conto. Nossa amizade começou assim. Em tórno do notável etnólogo e escritor brilhante Nunes Pereira, reuniamo-nos a outros intelectuais para fundar o Instituto de Etnografia e Sociologia do Amazonas. Nunes tinha um programa largo, mas sua obsessão eram umas pranchas de assunto amazônico fixado com energia a bico de pena, destinadas a ilustrar o seu livro **Bahira e suas experiências**, depois publicado sob o auspício do novel Instituto. Nunes contava coisas extraordinária deste artista do Rio Tocantins, que, por coisa alguma, se desprendia da enigmática Amazônia. Ainda há poucos dias, no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, estivemos com os originais das ilustrações referidas, e indagámos de nós próprios se após tantos anos, aquêl valoroso artista, ainda vivia. Dias após, compulsada a obra de Luxardo, encontramos o pintor a que nos afeiçoamos. Aconteceu como se estivessemos diante de velho amigo. Luxardo nos apresenta: "Morbach era simples. Um temperamento bucólico. Calmo, lento no andar, pousado no falar, parecia uma paisagem amazô-

nica vista em superfície, porque em verdade é ela um tumulto dispar que avassala e enlouquece. Sua vida era uma epopéia”.

Sem pretensão de ser “salva-pátria”, o autor dá-nos um depoimento das lutas travadas entre os desbravadores das selvas tocantinas com os bugres de caveira baixa, guiados pelo instinto do estágio mais primitivo da humanidade, a despeito de seus ardis e manhas. Pela bôca de Borginho advoga a causa do silvícola com ardor de cristão compenetrado de sua missão humana. O branco cria uma série de problemas ao autóctone. Havelock Ellis, acorde a depoimentos de numerosos exploradores, diz que o indígena se degrada após o contato com a civilização. Luxardo opina que o ódio indígena aos brancos provém das primeiras penetrações com o espingardeamento dos núcleos aborígenes. Sobre a colonização amazônica, aquêlê personagem conclui: “O que se tem feito não é uma conquista, e, sim, um saque à flora e mais ainda, à fauna. Não tem havido um povoamento, porque povoar é habitar a região, cultivá-la, retocando a natureza com o trabalho contínuo de domínio do solo”.

Isso, porém, não o impossibilita de enxergar a terra no que ela tem de madraço. Um parêntese aqui. Os amazonólogos, liderados pelo Prof. Agnelo Bittencourt, estão empenhados em levar ao conhecimento do mundo que a Amazônia inóspita das páginas de **A Selva** e de **La Voragine** é de tempos passados. O **slogam** moderno é o proferido pelo Coronel Carlos Leitão, o pioneiro altivo de **Marabá**. — “Estas terras são maravilhosas. Tudo isso que os senhores veem aí, é humus do bom. A mata é uma riqueza. Madeira de lei de toda qualidade e até mogno se encontra por aí, e com abundância... E’ um mundo de riquezas — dizia o fundador do Burgo de Itacaiúnas, os olhos brilhando de entusiasmo”.

Afóra tão sugestivas celebrações à prodigalidade amazônica, o autor manifesta, com sua prosa declamável, riqueza de documentação sociológica, antropológica e geológica. Devassa e condena o manhoso sistema econômico predominante no interior da Planície. “Sob

REVISTA DA ACADEMIA

esse clima, num regime que traz um século de atraso sobre tudo quanto se tem feito no Brasil, o homem da Amazônia, pobre inculto e batido inclemente pelas endemias, é um revoltado silencioso”.

Ainda percebe-se a precaução de que se tomou para evitar o abuso de modismo e construções dialéticas da região tocantina, hábito comum nos romances regionalistas dos escritores de minguados recursos.

Concluindo nossa inexpressiva apreciação, **Marabá** é a própria consagração do autor pela qualidade de saber criar, observar e expor e, por êsses atributos, seus capítulos constituem cenários e figuras que se nos ostentam num realismo impressionante.

Será sempre e sempre indispensável na bibliografia já bem numerosa e erudita de nossa empolgante Amazônia!

JESUS

MAVIGNIER DE CASTRO

Rei dos Reis. Rei Sublime. Maravilhoso Rei.
Em tua vida fugaz e peregrina
não tiveste outro mandato, outra lei
quer humana, quer divina,
senão o de perdoar a alheia inconsciência.
Tu'alma dava-te aos olhos tamanha transparência
que, ao vê-los, os homens diziam
as mensagens do céu que os teus lábios vertiam.
Tuas palavras eram sons de liturgias estranhas,
um halo te circundava a excelsa fronte nua
e tuas mãos puríssimas como a alvura da lua
poderiam, se quisesses, remover montanhas.
Espírito divino e matéria humanizada,
nasceste como nascem todos os homens; nada,
entretanto, afetou a pureza virginal
de tua Mãe no anseio maternal,
mas, humilde na mangedoura, a tua Realeza
alvorçou a natureza
quando, à noite de teu Natal,
uma estrêla de ofuscantes esplendôres
guiou até Belém os Magos e os pastôres.
Alma-hino lírial de eterna juventude,
de tua essência suprema os filtros mais profundos

deram tua sabedoria à amplitude dos mundos
pela voz dos teus Apóstolos, conquistadores
que em Tiberiade sendo pescadores
pregaram alhures uma revolução estranha.
Falaste aos pagãos sem seres compreendido
tal outro Zarathustra falando na montanha
18 séculos antes de Nietzsche haver enlouquecido.
Vinham teus pensamentos de um cérebro gen:al
que era luz e sapiência em constante migração; um dia,
encarnando um ideal profundo,
o teu gênio havia
de encontrar no Universo um Novo-Mundo
para onde levaram a forma crucial
estampada nas suas velas
as dezesseis caravelas
de Colombo e de Cabral.
Mas fizeram depois mil imagens cambiantes
do teu meigo perfil tão belo e tão sereno
caricaturaram o Rabi nazareno,
como se êle inspirasse a pena de Cervantes
para a história do louco Dom Quixote
ou resumisse os poemas de Gôngora e de Argote.
Deturparam-te o espírito que foi
criando as diversas presenças de Satan,
a espada de Cyrano, a capa de Dom Juan,
o corvo de Põe
e o verde absinto que envenenou Lelian.
Tu, excelso Paladino da Virtude e do Bem,
propagando a Verdade pura como a Luz,
apenas te enganaste indo a Jerusalem
redimir teus algozes nos braços de uma cruz.
Foram teus milagres para todos os vencidos,
para os pobres e os maus arrependidos.
Tu, que eras Bondade, Perdão e Amor

REVISTA DA ACADEMIA

quiseram mil sectários fazer-te um impostor,
apenas João, Lucas, Marcos e Mateus
pregaram o Evangelho de um verdadeiro Deus
para que Tu, maravilha e exemplo,
não caíesses pouco a pouco
como um visionário, ou como um louco
iconoclasta destruindo um templo.

Tu, que eras Sol, ó tristeza infinita, essa equivocação
faria perder o eixo à tua gravitação.

Mas, embora te arrojem num pôço de turva hipocris'ia,
serás Fonte suprema de eterna sabedoria!

Pena de Talião

ADAUTO NOGUEIRA ESPÍNDOLA

Corria o mês de dezembro de 1898. A canícula enchacava de suor o carioca, tolhendo-lhe os movimentos. De fato, era penoso andar pelas estreitas, tortuosas e mal calçadas ruas da cidade, quando a moda obrigava os homens ao uso de pesadas vestimentas de casemira inglesa, cartola ou chapéu de feltro e as mulheres ao suplício de várias anáguas, corpinho e do espartilho deformador. Além disso havia a lúgubre febre amarela a ceifar diariamente centenas de vidas, de maneira que, para muitos, o mais aconselhado era não arredar o pé de casa, que a mazela "andava no ar", diziam, a menos que não houvesse outro jeito.

Foi nesse ambiente abraçador e pestilento que aqui aportaram os Pereiras: o Manuel, sua mulher Conceição, ambos quarentões, e o Joaquim, filho único do casal, que andava pelos cinco anos de idade. Vinham da terra luzitana, onde nasceram, em busca de fortuna. Graças à ajuda de patrícios, não tardou que o chefe da família se empregasse em importante fábrica, como tecelão, que lhe cedeu, por módico aluguel, casa para morar, na área destinada aos operários.

Manuel, apesar de bom artesão, era irascível, rixento e dado ao vício da embriaguez. Demais, gostava de jogos de azar, daí o apêto em que a família vivia, pela falta de dinheiro, o que obrigava a pobre Conceição a costurar para fora, como se lhe não bastasse o estafante labor de para todos lavar e cosinhar.

Não parava aí o sofrimento da pobre criatura. Preocupava-a ainda a saúde do menino que, desde tenra idade padecia de insidiosa moléstia do aparelho circulatório. O Quincas, como o chamavam na intimidade, era criança raquítica, triste e irritável. Tinha de evitar a companhia dos pequenos da vizinhança, por não lhe ser possível participar de suas peraltices, que lhe causavam dores, de maneira que preferia contemplá-los de longe, com olhares lânguidos, o que enchia de dor o coração materno. Mas a verdade é que sob aquêlê mórbido aspecto escondia-se apreciável inteligência e sobretudo grande sagacidade.

Costumava dizer à mãe, já aos oito anos de idade, que teria de ser alguém na vida; um doutor, afirmava. Valia a pena vê-lo metido em sua roupinha modesta mas limpa, quando tôdas as manhãs ia para o grupo escolar mais próximo. E quão precoce era sua maneira de agradar as mestras e de dissimular os sentimentos! Nunca se aproximava de colegas humildes. Preferia sempre os mais importantes e que o pudessem favorecer com presentes e guloseimas.

Quincas terminou o curso primário aos dez anos. E' certo que vez por outra sentia dores pelo corpo e forte indisposição, entretanto não se deixava dominar pela doença. Nutria a esperança de livrar-se dela com o tempo, de acôrdo com o prognóstico de conceituado médico e isso muito o ajudava a reagir. O essencial era continuar os estudos.

Foi com essa convicção que se matriculou em conceituado colégio, cujo diretor, impressionando-se com a vivacidade do menino e simultaneamente com sua coragem de procurá-lo, sosinho, a fim de requerer matrícula, não teve dúvida em recebê-lo de braços abertos. Mandou chamar-lhe o pai e, inteirando-se da profissão dêste e das dificuldades que o atormentavam, tratou de conceder gratuidade ao novo aluno.

Quincas soube corresponder à boa vontade do diretor. Revelou-se bom estudante e fiel cumpridor de suas obrigações. Já perto de terminar os preparatórios, incumbiram-no de manter a disciplina junto aos alunos principiantes e muitos

pais até o escolheram para explicador particular dos filhos, o que proporcionava ao jovem auto-didata bom lucro, opiparas merendas e ótimas relações.

No dia em que, munido do certificado de conclusão de curso, se despediu do diretor e de todos que trabalhavam no colégio, não cabia em si de contente. Era quase inadmissível reconhecer-se naquele franzino rapaz de olhos escuros, cabelos castanhos e ondulados, o pequenino imigrante aqui chegado anos atrás e que, na opinião de gregos e troianos, não poderia viver muito tempo. E' verdade que não deixava de lado os tónicos cardíacos, mas isto não chegava a prejudicar-lhe o entusiasmo e a firme decisão de vencer.

Quincas preparava-se agora para transpor a barreira final — os estudos superiores. Ei-lo procurando a Faculdade de Medicina da Praia Vermelha e inscrevendo-se para prestar exame de admissão à mesma. Faltava-lhe saúde, é certo, para triunfar na profissão, mas podia ser que, acompanhando de perto a ciência, lhe fôsse dado, quando não curar-se, mas pelo menos deter a marcha da insidiosa moléstia. Demais, formado, não lhe faltariam moças ricas para casar e o dinheiro, pensava, é chave que abre tôdas as portas...

Decorridos seis anos de tremendo esforço, conseguiu o ambicionado diploma. Resolveu dedicar-se à pediatria e não lhe faltaram clientes, numa época em que os médicos eram poucos. Sabia lidar com os pequenos enfermos e suas aflitas mães, a quem muito agradavam as delicadas maneiras do jovem profissional. Era preciso aproveitar a situação e impor-se na sociedade por meio de bom casamento. Nada de candidatas pobres, que não havia nascido para sustentar ninguém.

Para melhor execução do audacioso plano, valeu-se da amizade de um guarda-livros que, não se sabe como, forneceu-lhe lista das famílias ricas que dispunham de filhas casadouras. Quincas tentou aproximar-se de muitas, entretanto a princípio não logrou êxito devido à posição dos respectivos pais, que viam então com suspeita a origem humilde e a diferença de nacionalidade dos futuros genros. Todavia,

insistir é quase sempre vencer, de maneira que finalmetne conseguiu o coração da jovem Orsina, cuja família constava, é claro, da lista que o guarda-livros lhe dera.

Orsina estava longe de ser bonita : baixota, rosto redondo, dentadura irregular, cabelos quase negros, recomendava-se apenas pela esbelteza do corpo. Além disso era prepotente e excêntrica. O pai, homem introvertido e com fama de avarento, enriquecera jogando na bôlsa. Pouca ou nenhuma importância ligava à família, cujos gastos controlava, pois não podiam exceder de determinada cifra.

O velho não simpatizou com o Quincas. A princípio dizia que o "galego" não passava de esperto caçador de dotes. Depois, ante a insistência da filha, acabou cedendo, não sem jurar que saberia defender seus haveres da cupidez do intruso, que não estava ali para sustentar aventureiros. Deu a Orsina algumas ações nominais de sólidas empresas, à guisa de dote e impôs a cláusula de separação de bens no contrato matrimonial. Depois de tudo isso, que fôsse viver com o "galego", contanto que não lhe amolasse mais a paciência, que outros recursos não teria.

O casal passou a morar perto da família de Orsina. Quincas não queria perder de vista o sôgro que, idoso, podia morrer de uma hora para outra. Era preciso estar alerta! Além disso havia parentes ambiciosos, que certamente o prejudicariam, sabedores de que a fortuna do capitalista se compunha principalmente de títulos ao portador, guardados em casa.

Quatro anos depois faleceu a mãe da moça. Coube a esta mais algumas ações e . . . uma casa em usufruto. Sômente os filhos do casal, se os tivesse, poderiam aliená-la. Quincas não conteve a fúria ao ver-se logrado daquela maneira. Como se não bastasse a perfidia do casamento com separação de bens, ainda por cima pregavam-lhe aquela peça! Era muita humilhação junta, agora que seus velhos pais também haviam morrido e que estava só, no mundo, ao lado de mulher que não o compreendia e até o hostilizava!

Então, mais do que nunca, tornava-se necessário que Orsina tivesse filhos. Mas já estavam casados há tanto

tempo e... nada! Submeteu-a a prolongado tratamento médico que, quando menos esperavam, deu bom resultado. Até que enfim ela seria mãe! Quincas não cabia em si de contente. Não estava ali para servir de palhaço para o usurário do sogro. Havia de enterrá-lo e pôr a mão em seu rico dinheiro, que Orsina seria fácil de controlar.

Após normal período de gestação nasceu uma menina, a Maricota, como a tratavam na intimidade. Não foi atôa que a natureza se recusara inicialmente a que Orsina concebesse, pois essa filha iria condená-la ao sofrimento. Era criança raquítica, doentia e que não dava esperança de sobreviver. O pai, receando que sucumbisse, cercava-a dos maiores cuidados. Já nem mais clinicar podia, de vez que era preciso orientar o tratamento da pequenina e cuidar de sua dieta alimentar. Não se arriscaria a perdê-la, entregando-a aos cuidados de terceiros, que na capacidade de concepção da mulher não confiava!

Orsina, em seguida ao nascimento da filha, passou a queixar-se de extranha dor no braço direito. Irritava-se com facilidade e não parava de se lamentar. Ninguém podia dormir naquela casa devido a seus gemidos e às suas imprecações. Levada ao médico especialista, prescreveu-lhe êste, para fazê-la repousar, injeções de morfina. Tratava-se, diagnosticou, de osteomielite e dependia de operação cirúrgica. Enquanto não se dispunha a fazê-la, que fôsse usando a droga, juntamente com outros paliativos. Viciou-se, como seria de esperar. E para não lhe faltar a dose diária, recusava-se sempre a submeter-se à tal operação.

Quincas percebeu que estava no caminho da libertação. O melhor seria até facilitar-lhe o abuso da droga. Era médico e nada o impedia de aumentar a dose prescrita. Afinal de contas ninguém perceberia a manobra, pois era êle quem applicava as injeções, longe de olhares indiscretos!

Passaram-se os anc. Enquanto Orsina, entre a vida e a morte, se intoxicava cada vez mais, Maricota ia crescendo apesar das mazelas que a perseguiam. Era a continuação do carater paterno. Da mãe herdara a aparência física e de Quincas, a hipocrisia, a ambição e a perversidade. Não

tardou a aliar-se a este no desprezo à pobre enferma, vítima da pilhéria e da tirania de ambos. Pois se nem ao menos servia para governar a casa, entregue à discrição de estúpidas criadas! Ignorante, refratária aos estudos, frequentava a escola sabe Deus como, que não viera ao mundo para obedecer. E não passou da primeira série ginasial.

Até que enfim morre o pai de Orsina. Após esperada luta entre Quincas e os parentes do finado, chegaram a acôrdo sôbre a partilha dos bens. Entretanto, dir-se-ia que o velho amaldiçoara o ambicioso genro, pois ei-lo em breve às voltas com um ataque de infarto do miocárdio. Suportou-o penosamente mas levantou-se. Preocupava-o a idéia de sucumbir antes da mulher, o que lhe deu forças, talvez, para reagir.

Orsina herdara pouco mais de dois milhões, o que não representava grande coisa, diziam pai e filha, de maneira que se impunha casamento rico para esta, já moça feita mas que se deixava, por incompetência e comodismo, governar pelo pai. O candidato "ideal" não tardou a aparecer. Tratava-se de jovem aparentemente simplório, feioso, um pouco mais instruído do que ela e cujo pai, também português de nascimento, enriquecera no comércio. Mas, no íntimo, ambicioso, prepotente e calculista como o futuro sogro.

Quincas cometeu grave erro, tornando Maricota inútil, frívola e ambiciosa, pois não se lembrou de que poderia perder o prestígio sôbre a filha se esta, casando-se, encontrasse interesse em mudar de mentor. Ora, foi exatamente o que aconteceu. Carlinhos, o genro de Quincas, como que percebendo a perfídia do sogro, localizou-se, com a mulher, em bairro distante e passou a evitá-lo e à sogra. Pois se Maricota era a única herdeira de Orsina! Como deixá-la sob o controle do pai, tipo ladino e egoísta?

Quincas não pôde suportar mais essa decepção. Era-lhe difícil viver longe da filha, a quem de fato estimava. Falta-lhe agora estímulo para prosseguir na luta em que se empenhou. Nova dor na região precordial, recurso à tenda de oxigênio e, por capricho do destino, a repetidas doses da mesma morfina com que inutilizara a mulher, sem o que não

lhe seria dado adormecer. E assim padeceu durante um mês, arrependido, como murmurava nas vascas da agonia, de haver contribuído para a viciosidade da maior de suas vítimas.

Exalou o último suspiro nos braços de Orsina que, não encontrando facilidade em se abastecer do perigoso soporífero, com a doença do marido, conseguiu milagrosamente reagir e suportar a falta do tóxico. Criando ânimo foi-lhe possível demonstrar a Quincas, através do zelo com que o tratou até o fim, que a ambição e a perfídia nada constroem e que só o amor e a bondade conduzem à perfeição.

Reverência à memória de **FELIX VALOIS COELHO**

MOACYR G. ROSAS

"Senhores Representantes dos Poderes Públicos e demais autoridades.

Exmo. Sr. Representante do DD. Chefe de nossa Arquidiocese.

Nobres membros do Corpo Consular.

Gentilíssimas Senhoras e Senhorinhas.

Distintos Senhores.

Senhor Presidente.

Nobres Pares.

Honrou-nos a presidência da Academia, designando-nos para fazer a oração de saudade a **FELIX VALOIS COELHO**; e, ao mesmo tempo, que nos conferia missão assim nobilitante e ingente, sem dúvida árdua e difícilima pelo vulto a perfilar e, por isso, de relêvo ao intérprete, oferecia-nos o ensejo de resgatar, ainda que, em parcela mínima, o tributo de justificadas amizade e gratidão. E' que fôra êle, o pranteado confrade, quem nos dera as boas-vindas, quando transpunhamos os pórticos do Olimpo amazonense, onde, relembrando os conceitos do refulgente **SALIGNAC E SOUSA**, moram os deuses do pensamento planiciário.

Se a vossa indulgência relevassem a nossa mediocridade, os apoucados méritos intelectivos para enfrentarmos uma tarefa própria a um invulgar talento, ter-se-iam, como atenuantes, para a desvalia de nosso trabalho, o traumatismo moral por uma perda irreparável e a premência do tempo. Sim, irrecuperável prejuizo ao patrimônio de nosso afeto e à tradição cultural do Amazonas, porque **FELIX VALOIS COELHO** poderia ostentar, como ficará a cingular perenemente, sua respeitável memória, aquele conceito de Sêneca, na epístola 99, tornada formosa e sapiente legenda: — "A virtude é a única coisa imortal que os mortais têm".

Ninguém, sem exagêro, o excedera no culto à Moral, porque êle repelia a injustiça, apcostolava a lealdade, enriquecia os lábios pelos sábios conselhos, refreava a língua, nada fazia à força, mas, pela persuasão, através de luminosas ponderações e seguros ensinamentos, educava os filhos sob os rígidos e sublimes princípios cristãos e não só destruía, como evitava as inimizades, podendo, a tais virtudes, ajustar-se-lhe aquelas magnificas concepções de Cleóbulo.

Se o caminho da virtude é áspero, no dizer de Sallustio, **FELIX VALOIS COELHO** foi-se da terra com os pés sangrando do contacto das sêbes e dos pedregulhos, mas ascendeu, as cristas da Imortalidade verdadeira, com o espirito sereno e animado pela convicção de haver cumprido o Evangelho do Bem!

Se é verdade que a saudade é algo de lâmina esbrazeada, sentimos o coração em chagas e em chamas ao lembrar que, ontem, ainda há pouco, o ouviamos desta mesma tribuna em a qual permanecem insuperáveis e inapagáveis os clarões de seu verbo pomposo, ao traduzir a Mensagem de amizade que nos trazia de parte dos valores integrantes de nosso Silogeu.

Eis como o focalizámos naquele instante memorável à nossa vida: "Poeta, escritor e filólogo, **FELIX VALOIS COELHO**, em toda a Amazônia, vale por um símbolo flamejante de inteligência e de cultura. O seu espirito é um programa de ação e de combate, que se afirma no mundo especulativo, denunciando-lhe a vocação de pensador. Vernaculista e pedagogo, não há quem lhe desconheça assim o

equilíbrio de sua visualidade crítica, como o seu pendor de mestre de gerações, que florescem e que se plasmam à influência dos exemplos de um beneditino apostolado”.

Um hino de louvores frente a frente e, longe de êle tocar-se de orgulho, o que seria justo pelas credenciais de erudição e de talento, outro fôra o motivo de suas profundas preocupações. Fazendo da modéstia um culto acendrado, não se confundindo aos que o praticam superficialmente, para simples uso externo, mas, no interior, conservam rubra a flâma do orgulho, parecia conservar permanentemente no espírito a advertência de S. BERNARDO: —“O pé do humilde não cai no laço das paixões, porque nem a ira o turba, nem a soberba o desvanece”. Para êle e para quantos, como êle, reconhecem que só as virtudes tornam imortal o homem perecível, escreveu SAMUEL SMILE estes pensamentos: —“Se o gênio impõe sempre a admiração, o caráter mais seguramente inspira o respeito. O primeiro é sobretudo o produto de poder cerebral, o segundo do poder do coração, e é o coração quem acaba por governar na vida. Os grandes gênios são como a inteligência da sociedade e os homens de caráter, como a sua consciência; admiram-se aqueles, imitam-se estes”.

Nossos elogios apenas lhe feriram a humildade e, rápido e sincero, excusou-se de os receber, acolhendo-os como simples prova de amizade fraterna, quando, sem lisonjas, em fracas pinceladas, procurávamos retratá-lo na pulcritude de seus méritos. O que lhe provocou um pronunciamento amplo e de uma austeridade que se confundia ao sentimento de legítima piedade foi a nossa análise em tórno de *Adolfo Caminha e sua Obra*. E' que a vida pecaminosa, o desprestígio aos ditames de nosso idioma e a predileção manifesta aos assuntos decamerônicos do inquieto e comburente autor de *A normalista*, arrepiaram sua sensibilidade de homem cristão e de esteta impecável.

Vale a pena, como comprovante, reproduzir-lhe os períodos:

“O patrono de vossa cadeira é ADOLFO CAMINHA. Acertada escolha. Êle e vós seguís as pegadas de Balzac e Zola. Ambos militais nas hostes realistas, conquanto vós não

tenhais ainda, felizmente, mergulhado (e praza aos céus não venhais a fazê-lo) nos exageros a que a escola conduziu alguns dos seus sectários, como entre nós, JÚLIO RIBEIRO, que manchou os florões de sua linguagem tersa e fluente”.

“ADOLFO CAMINHA, quiçá devido às desgraças que o assoberbaram, perdeu a linha de equilíbrio; resvalou, literariamente, nos lobregos desvãos de infrene orgia, se nos é lícito aproveitar a frase de um escritor patricio”.

Noutro passo, com a mesma singela firmeza :

“Não é oportuno, nem está em nosso propósito, esvurmar aqui as imperfeições do artista. Seus deslizes não são poucos; e entre eles sobressaem as aberrações sintáticas”.

FELIX VALOIS COELHO, como artista, exigia sempre a perfeição. E foi este anseio de constante aprimoramento que prendeu o raciocínio de JOÃO LEDA quando disse :

“Não pretendeis decerto, sr. FELIX VALOIS COELHO, arriscar-vos a essas escaladas de Prometeu para roubardes ao céu a centelha da inspiração. Menos ousado que os jovens do modernismo, vossos anseios de escritor e de poeta derivarão da própria ambiência humana em que viveis, abstendo-se de disputar com a divindade as suas excelsas prerrogativas. Vosso temperamento calmo e vossa reconhecida modestia são aliás penhor seguro dessa atitude intelectual. Esgrimista por vocação do perigoso estádio da Filologia, nem mesmo aí, onde os bravos torneios pela honra dos advérbios, dos pronomes e das conjunções não raro deixam vestígios de cicatrizes; nem mesmo aí tereis a volúpia felina de lanhar, dilacerar o antagonista. Asseguram isso os revides do vosso livro *Arranhões*, em cujo saboroso contexto as garras se ocultam na maciez do veludo, tão incruentas como no criticismo literário, onde haveis provado com excelência as vossas aptidões. Quanto à vossa musa, acabais de demonstrar, vitoriosamente, a que vertiginosas alturas sois capaz de guindar o estero”.

Quem acompanhou a trajetória de trabalho, estudo e luta de FELIX VALOIS COELHO sabe que foi êle particularmente um espírito acadêmico no amplo e rigoroso sentido

do vocábulo. Jamais revelou, de longe sequer, a mesquinha veleidade de exaltar os méritos, como também nunca se lançou com o objetivo de disputar louvores, bem justos, na verdade.

Ao revêz, sempre que lhe exaltávamos a segurança das expressões castiças, respondia, com peculiar serenidade, que seu entendimento da língua materna não ultrapassava dos rudimentos.

Era assim que fulminava os elogios dos amigos. Era assim o homem, a respeito de quem, certa feita, o saudoso filólogo JOÃO LEDA contou-nos, louvando-lhe a competência e a extraordinária capacidade de trabalho, apesar de múltiplas obrigações cotidianas, que ainda conseguia tempo para organizar um dicionário de regimes de verbos, e ignoramos se atingiu o fim.

Uma das faces de seu caráter, que sempre nos atraiu a atenção, foi a do desprendimento de interesses materiais aliado ao amor às letras, através de atitudes semelhantes às do insigne tradutor da *Oração da Coroa*.

Poucas pessoas poderiam subscrever as palavras de LATINO COELHO, deitadas em uma carta a BULHÃO PATO. Quem, no entanto, conheceu FELIX VALOIS COELHO há-de ter a impressão que lhe pertencem estas palavras: — "Tu sabes que sou modestíssimo, por índole e educação, inimigo de tudo que não seja o estudo quieto e remansado, a paz da consciência, que de pouco se contenta e satisfaz. Sabes igualmente, meu amigo, quanto sou escasso em taxar e avaliar essas pequenas qualidades, que a Providência me concedeu e procurei revelar pelo estudo. Não invejo loiros, nem busco aplausos. Para mim estudar é apenas a satisfação necessária de uma exigência intelectual. E' para mim como alimentar-me. E' uma função que se exercita, e não uma vaidade que se delicia".

Só aquêles, que são verdadeiramente grandes d'alma, podem despojar-se dos próprios atributos.

A centelha inspiradora do homem de letras caracteriza-se pelos autores preferidos: RUI BARBOSA e JOSÉ MARIA

LATINO COELHO eram divindades no altar do culto literário de FELIX VALOIS COELHO e mereceu registro um ensaio publicado na imprensa local, celebrando as excelências poética do estro da Águia de Háia. Deplorava, contudo, no mencionado estudo, haver o preexcelso baiano relegado, a plano inferior, aquelas primícias do seu fecundo talento.

Quanto a LATINO COELHO a admiração evidente não poderia revelar-se melhor do que em se lhe reproduzindo as palavras no panegírico pronunciado, na exaltação do caráter e da inteligência do saudoso desembargador ARTUR VIRGLIO. Eis os aurilavrados períodos latinianos que também podem ser empregados com justeza à figura exemplar de VALOIS COELHO: — "Não; não venho aqui a desfolhar saudades sôbre uma campa ilustre... O ofício da posteridade não é o de carpir, senão o de exaltar os que bem merecem da sociedade. A glória coroa, mas não chora..."

E para que lastimar a morte de um grande homem"?

Senhores e Senhoras:

Não queremos dar um colorido funéreo, tonalidades sombrias a esta prece de saudade, a este breviário de amor imperecível a um dos homens-símbolos da sociedade amazonense e de nosso mundo intelectual. Não! O que pretendemos, ainda que singelamente, é rememorar a personalidade de FELIX VALOIS COELHO, fixando-lhe as belezas do coração e as luminosidades da inteligência. Daí, termos iniciado o nosso trabalho, ressaltando-lhe a modéstia encantadora, o apostolado dos deveres privados, no âmbito doméstico, para, então, em síntese, tentar reconstituir-lhe o perfil incontestável aristocrata das letras.

Nascido num trecho do território nacional, onde as atividades culturais se fizeram intensas e produtivas, naquele pedaço da Pátria que, ainda nos primórdios de nossa existência política e social, mereceu a legenda gloriosa de Atenas Brasileira, FELIX VALOIS COELHO possuía, na alma, as lucilações de um enamorado da Arte e, no talento, aquelas forças prodigiosas para a criação do belo e que estereotipam o esteta.

Abriam-se-lhes os olhos na mesma ambiência em que surgiram, em vôos de condores, GONÇALVES DIAS, na poesia, e COELHO NETO, no principado da prosa! Ali, no Maranhão, ANTONIO PEREIRA, no século XVII, escreveu um "Vocabulário da língua brasilica"; TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO satirizava em versos, ODORICO MENDES pontificava na imprensa, traduzia VOLTAIRE e publicava "Eneida Brasileira" e "Odisséia"; JOAQUIM DE SOUSA ANDRADE as suas sempre scnoras "Harpas selvagem"; SOTERO REIS, duas obras não menos notáveis e, de fundo didático e cultural, as "Apostilas de Gramática Geral", "Gramática Portuguesa" e "Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira", além de fartas produções em jornais e revistas; GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA traduzia HEINE, BYRON, VIGNY e MUSSET, além de outros vitoriosos poetas, jornalistas, romancistas e prosadores, como CELSO DA CUNHA MAGALHÃES, também folclorista, HUGO LEAL, SERRA SOBRINHO, que, além dêsses florões, exhibia o de teatrólogo, ARTUR NABANTINO GONÇALVES DE AZEVEDO, GRAÇA ARANHA e HUMBERTO DE CAMPOS.

Um colunário assim de cultores de estirpe ateniense teria de influir nos estímulos intelectuais e na formação cultural de FELIX VALOIS COELHO!

Dos doze lustres de sua labcriosa e fulgurante existência, permaneceu apenas onze anos nos lindes natais e os outros no Amazonas que adotara, pelo coração e pelos pendores naturais, como sua terra própria!

Durante período bem longo, serviu, como sub-oficial, no Exército da Pátria e sua formação militar evidenciava o soldado brioso e disciplinado, fiel às tradições dignificantes dos discípulos de CAXIAS e os labores árduos não o impediram de aprimorar os dotes de inteligência.

Na própria caserna, FELIX VALOIS COELHO modelou-se.

Ainda envergando a farda de sub-oficial do Exército, os colégios eleitorais de nossa terra o elevaram a deputado à Assembléia Legislativa num período em que, sem diminuir o

valor de nossos atuais licurgos, esplendiam, na casa de RUI BARBOSA, notáveis representantes de tôdas as classes de nossa sociedade.

Pontificavam ali LEOPOLDO PERES, ARISTIDES ROCHA, JULIO LIMA, ARMANDO MADEIRA, SEVERIANO NUNES, MOACIR DANTAS, PAULA GONÇALVES, padre MANUEL MONTEIRO, ANTÓVILA VIEIRA, VIVALDO LIMA e tantos outros nomes ilustres.

Seus encargos de legislador foram desempenhados com incedível brilho, atribuindo-se-lhe, pelo valor dos respectivos conhecimentos, o papel de redator de grandes projetos.

Serviu também ao Estado na antiga Diretoria da Fazenda Pública, hoje Secretaria de Economia e Finanças, desenvolvendo atividade eficientíssima ao erário público e conquistando, de modo geral, o respeito e a estima de todos quantos ali mourejavam e, ao seu passamento, manifestaram-se pesarosos os antigos companheiros de trabalho.

Nos círculos do magistério, por várias vezes, mereceu o sufrágio dos colegas para presidente da Sociedade de Professores e, na qualidade de Mestre insigne do idioma, lecionou no Instituto Benjamin Constant, no Colégio Dom Bosco e na Escola Técnica de Comércio "Solon de Lucena", conquistando a respectiva cátedra em notável concurso, tendo, como opositor, o saudoso professor MARTINS SANTANA. A propósito, fazendo sua própria defesa e a sustentação dos fundamentos da tese apresentada como candidato, escreveu *Arranhões*, soberbas páginas em que galvanizou as linhas magníficas de talento e deixou comprovada sua opulenta erudição.

Exercendo as honrosas funções de serventuário de justiça, lotado na escrivania do Cível e Comércio da Terceira Vara da Comarca de Manaus, cedo se impoz aos superiores hierárquicos, aos colegas e advogados pelo devotamento às funções do cargo e imaculada probidade.

Sobrecarregado de afazeres de professor em vários institutos de ensino, além das funções na Justiça, ainda conseguia horas para continuar o apostolado literário e tais os méritos de suas pesquisas e de colaboração doutrinária em torno dos problemas complexos do vernáculo que foi eleito membro do Centro de Cultura de Filologia do Rio de Janeiro.

Sua obra poética, estimada a principal de suas produções intelectivas, denominou êle *Desengonço*. O título, aliás, provocou, dos confrades, imediata reação pela circunstância de o vocábulo dar aos frutos maravilhosos do espírito do autor sentido altamente pejorativo.

Confirmara-se, mais uma vez, a modéstia de FELIX VALOIS COELHO, subestimando os méritos pessoais e, assim, fugindo ao critério quase generalizado seguido pelos autores que, na denominação das obras, procuram termos sugestivos e laudatórios.

No referido mostruário de originalidades poéticas, encontram-se joias sedutoras pela imaginação e pela pureza de estilo, escolhendo nós, para confirmá-lo, o ENLACE DE GÊNIOS, no qual se ionjugam os conhecimentos profundos de História Universal, de Literatura e de Filosofia.

Quando de sua estadia na cidade do Salvador, metrópole baiana, foram profundas as emoções no contacto com os monumentos do cristianismo, que, na primeira capital brasileira, se eternizam na elegância de suas formas arquitetônicas ou na grandeza divina dos símbolos. Daí, não haver resistido ao fascínio de exteriorizar a própria sensibilidade. Compoz, então, a *Saudação à Cruz*, na qual, entre esplendores de artista de raça, confirma a ardência de sua Fé Cristã.

Não nos é possível refrear o desejo de a tornar vulgarizada e, por isso, a reproduzimos na integral contextura: —

SAUDAÇÃO A CRUZ

Madeira infâme eu era. Provocava
Sòmente execração, desprezo, espanto;
Mas Jesus me tornou egrégio e santo,
Remindo em mim a humanidade escrava.

AFFONSO CELSO

Em tempos que de nós já vão bem afastados
Eras a imagem vil da mais negra abjeção;
A tua tôrva sombra os vícios abrigados
Chamavam sôbre ti do mundo a execração.

Certo dia, porém, nos ombros descarnados
Do Homem-Deus tu caiste. Os braços teus então
(Oh! prodígio sem par!) viram-se transformados
De infamante cadeia em símbolo de união.

E, sacudindo assim do opróbio jugo infando,
Remiste a humanidade, ó lenho venerando
Sôbre a terra espargindo o sangue de Jesus.

Por isso empós de ti caminham noite e dia
Os homens e as nações; e nessa romaria
Proclamam de continuo: AVE, BENDITA CRUZ!

Outra de suas opulentas produções é *Advertência*. Dir-se-á, examinando-a no ângulo estético ou sob os moldes inspiradores, que, pela intimidade demorada com o maior poeta da língua portuguesa, a genialidade camoneana o tocara em ondas de plenilúnio espiritual. Dificilmente, se apresentada entre as produções do vate imortal de *Os Lusíadas*, haveria quem lhe recusasse a fonte camoneana. Um dos pontos interessantes é o em que FELIX VALOIS COELHO usa dos vocábulos correntios ao tempo longínquo da existência daquela que se perpetuara na literatura como CATARINA DE ATAÍDE.

Vejamo-la :

ADVERTÊNCIA

Quando escolher quizeres teus amigos
Não os procures, nos salões de festa,
Onde a vivaz folgazanice atesta
Serem todos os gestos muito ambigos.

Se conjurar desejas os perigos
Que te podem advir de uma funesta
Escolha, vai bem longe de uma orquestra
Prccurar da verdade os são abrigos.

Despe das convenções os atavios,
E, da modéstia as galas ostentando,
Mostra-te ao mundo, amigo da vaidade.

Logo verás tornarem-se arredios
Os que te andavam sempre cortejando,
Sômente formalismo é a sociedade.

Senhor Presidente.

Senhores Acadêmicos.

Nobres senhoras e senhorinhas.

Ilustrados Senhores :

Nós nos antecipamos no reconhecimento de nossa desvalia para traçar o perfil intelectual e moral de **FELIX VALOIS COELHO**. Não nos enganáramos, pois, como ouvistes, as linhas que traçámos são quase imperceptíveis para uma concepção verdadeira da excelsitude de coração e das pompas do espírito do saudoso e emérito confrade!

Eleito, que fôra para a cadeira número 9, cujo patrono é **MACHADO DE ASSIS**, manteve-a sempre entre as clari-
dades auroraes de seu talento.

Sua existência desenvolveu-se num crescente de beleza e de obras fecundas e imperecíveis. E' que **FELIX VALOIS COELHO** aprendeu desde cêdo, a fazer-se um experiente semeador. Fartas searas repetir-se-ão no decurso dos tempos, nutrindo a inteligência das gerações e revigorando a alma daqueles que, na maturidade ou no inverno de sua permanência na Terra, demorarem os olhos na riqueza de seus trabalhos.

Como **OVIDIO**, **FELIX VALOIS COELHO**, poderia dizer constantemente de si para si próprio: — "Viverei, e uma grande parte de mim mesmo triunfará da morte".

Ninguém é mais louvável do que aquele a quem todos podem louvar, e quantas são as bôças tantos são os pregoeiros, afirmou Santo **AMBROSIO**, e esta verdade se volta em cheio à memória de nosso fulgurante confrade a quem, hoje, celebramos, quando já na verdadeira Imortalidade, pela entrada triunfal no Paraíso dos Deus!

Nós te saudamos, ó príncipe das letras, que soubeste ser, na Terra, porque eterna, **FELIX VALOIS COELHO**, será a apoteose de teu nome pela grandeza de tuas obras!"

ARTE, BELEZA E GRAÇA (Trecho de uma conferência)

ARISTOPHANO ANTONY

Na beleza há um reflexo divino que atrai e prende, que se impõe aos olhos e ao espírito, que é superior à natureza e resplandece na arte. A beleza humana é, de todas, a mais efêmera e a mais frágil, apenas conseguindo subsistir nas imagens que a arte previdente imortaliza. A beleza feminina, por exemplo, que varia de país para país, e até de época para época, em que há tipos que se perdem com o decorrer dos séculos, tem se fixado nas figuras que o gênio do artista tornou, talvez, mais belas do que o modelo que as inspirou. Dessas figuras representativas da beleza de todos os tempos, uma das mais perfeitas nas suas linhas puras, de uma perfeição quase serena, é, com certeza, a da Venus de Milo. Aliás, Théopilo Gautier já dizia que o acaso foi justo, permitindo que a Venus de Milo perdesse os braços, para que os deslumbrados olhos humanos possam contemplar, à vontade, o seu formosíssimo colo de mármore. Há mais de dois mil anos que foi modelada a cabeça fina, pequena relativamente ao pescoço e o tronco robusto, o rosto de feições puras, acentuadas, firmes e macias ao mesmo tempo, traços magestosos de deusa e de rainha, de uma serenidade que nenhuma paixão anima.

Medito, muitas vezes, na distância que separa esta beleza que hoje se aprecia e se admira, na estranha contradição que nos faz admirar esse tipo imortal que não escolheríamos para nós, habituados que estamos com a beleza incorreta e frágil, porém expressiva e cheia de graça flexível das mulheres de hoje, que os séculos modernizaram, tornando-as palpitantes e

tentadoras... Não quero, com isto, fazer um símile, o que seria evidentemente grotesco, entre a beleza clássica da Venus que o museu do Louvre guarda no vermelho escuro do seu santuário de arte, e os corpos febricitantes das mulheres do século XX. Mas, convenhamos, que entre a beleza clássica e imobilizada da Venus de Milo e a graça encantadora de uma jovem de hoje, no esplendor da sua mocidade primaveril, não hesitaremos nunca pela graciosidade do real, do que está palpitante de vida, despresando completamente a beleza olímpica, cujas formas divinas e rigorosamente clássicas estão esculpidas no mármore.

Sou dos que pensam, e disto estou convencido, que são inutilidades tôdas as dissertações sôbre estética. Bilac, do alto do seu pedestal de glórias, dizia que os julgamentos estéticos valem a inteligência, a instrução, a educação de quem os emite, e são, exclusivamente, a expressão de um temperamento. O certo é que, até hoje, quando se procura a definição para estética, todos os dicionários dizem que é "a ciência do belo". Agora, pergunto eu: o que é o belo? Ainda é o poeta das "Sarças de Fogo" quem responde por mim: — "Não houve, até hoje, filósofo ou crítico, artista ou poeta, que o definisse bem". Desde Platão até Spencer que as definições do belo se acumulam numa infinidade pasmosa e ininterrupta. Aquêle disse ser êle "o esplendor da verdade", definição esta que Boileau imitou nesta estrofe admirável: *rien n'est beau le vrai seul est aimable*". Que me não fiquem querendo mal, por isso, os adoradores da arte plástica e dos mármorees eternos. Não sou um iconoclasta da arte que imortalizou Miguel Ângelo. Antes pelo contrário, acho que na arte de Fidias há alguma coisa imponente, de extra humano, como se o escultor modelasse as suas imagens à semelhança dos deuses, e não a imagem à semelhança das criaturas que os tormentos humanos modificam e deformam todos os dias...

Da história, um novo livro

Agnello BITTENCOURT

O Scdalício em que tanto brilharam Adriano Jorge e Péricles Moraes, para me referir somente aos seus dois últimos e saudáveis presidentes, acaba de gozar de um dos seus dias mais ensolarados, com o aparecimento de "Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem" excelente livro do acadêmico Genesino Braga, inteligência amadurecida nas pugnas do pensamento indígena.

Vale dizer que a Academia Amazonense de Letras está novamente de parabens, após a clarinada bem justa, com que foi acolhida a obra "Amazônia Panteista", do confrade Mavignier de Castro, como ainda o mais recente número da sua Revista.

Interessante, numa feliz persistência, o fato, naquela colméia de estudiosos, de predominar o gosto pelos assuntos históricos, ou os que refletem mais ciência do que propriamente literatura, no sentido formal. E' que, ali, a inteligência e a cultura estão visando, de preferência, o material do ambiente, no homem e na terra.

Quer-se conhecer documentalmente, a sociedade de ontem, para melhor definir, nos seus liames ecológicos e tradicionais, as sociedades que nos não de suceder. Para isso, o pesquisador depara, de instante a instante, com empecilhos quase intransponíveis, vendo que as fontes históricas são raras, por se haver perdido sua maior parte. E as que restaram incólumes jazem em arquivos desorganizados ou em mãos de particulares.

Conheço, apenas, uma exceção: o Arquivo de Belém (Pará), anexo à Biblioteca Pública, no qual o Prof. Arthur Reis encontrou uma riqueza documental sobre a vida do Amazonas, de anterior à sua emancipação política. Tudo bem disposto e encadernado, aquêlo mundo de papéis, já seculares, amarelecidos, foi, para o maior historiógrafo amazonense, verdadeira mina. Como um beneditino, levou anos, dia a dia, embrenhado em alfarrábios, muitos apenas garatujados ou apagados, copiando textos e tomando notas, naquele celeiro de informações inéditas.

De uma feita, estava eu naquela cidade guajarina, pude surpreendê-lo no afã de apanhar novos filões para suas obras em projeto. Resultado: a confecção e publicação de vários e preciosos livros, todos interessantes para a história da Amazônia.

Para o autor da "História do Amazonas", diante de sua abnegação de homem de letras, não foram obstáculos "a poeira dos séculos", as referidas garatujuas, os enfadonhos relatórios das autoridades. Persistiu e venceu.

Genesisino Braga, diretor da nossa Biblioteca e Arquivo Público, voltou suas vistas para um período mais recente, e fixou a atenção nuns tantos episódios de grande relêvo social, político e cultural, todos pertencentes ao calendário da nossa evolução.

Nem por se reportar a uma época, em boa parte, dos nossos dias, não foram certamente menores os entraves da investida, na feitura do seu livro, livro que assume galhardamente as responsabilidades dos vereditos à base de testemunhos oculares e documentos insuspeitos. Mais do que ditos arquivos, quero supor lhe serviram de maior cabedal o noticiário dos velhos jornais de Manaus cujas coleções, felizmente, vamos encontrar no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, como nas sedes dos nossos antigos periódicos, que ainda subsistem, sobretudo no acatado "JORNAL DO COMÉRCIO", que estampa estas linhas.

Fui testemunha ocular da maior parte dos acontecimentos, alguns na minha meninice, relatados e comentados no "Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem". Esse livro reacen-

de-me a memória e a saudade no reconstruir de dramas de não menores vibrações comparados aos de agora, com a diferença de possuírem aquêles mais compreensão e fraternidade.

Os nossos antepassados jamais poderiam ser remoras do progresso e da harmonia social, pois terminada a tempestade eleitoral, logo aparecia a bonança, nos arraiais dos partidos políticos. No campo das ideologias, os homens, mütuamente, respeitavam sua dignidade. O crisol da família era sagrado. Quem lê a obra em aprêço afere, de imediato, o "facies" da alma coletiva das gerações de antanho, hoje contendo pouquíssimos representantes vivos. Dêstes, qoantos, em Manaus, testemunharam a chegada festiva do Conde d'Eu a 3 de julho de 1889; as solenes exéquias de Eduardo Gonçalves Ribeiro, "O Pensador", a 22 de outubro de 1900; os pomposos espetáculos dados no Teatro Amazonas, na primeira década do século; a morte trágica de Ária Ramos aos últimos acordes de uma festa de carnaval, em fevereiro de 1915; e outros assuntos do livro a que me estou referindo? Adiante, retornarei aquêles assuntos.

Dos primeiros acontecimentos, bem poucas pessoas podem, hoje, de viva voz, relatar o que viram e sentiram. Mesmo daquelas que a morte está esquecendo, nem tôdas gozam a fortuna de memória fiel ou de disposição para escrever sôbre episódios tão longevos.

Genesisino Braga, homem da presente geração de escritores, penetrou em fontes que não são mais do seu tempo, sem deixar de ser conciso. Suas páginas acenderam-me na visão colorida dos panoramas, os detalhes, porventura, já esmaecidos.

Permita o autor do "Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem" juntar à sua brilhante obra algumas notas do meu canhenho.

Lá vão 70 anos que assisti, em Manaus, ao desembarque do Príncipe Luís Felipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, Conde d'Eu, em trânsito, na sua viagem ao Forte da Tabatinga, memorável festa, em cumprimento de um programa de elite, no qual se incluíram um espetáculo de gala, à noite, no Edem Teatro (quando, na cidade baré, ainda não se conhecia a luz elétrica) e um banquete, no Palácio do Góvêrno. Uma

luzida flotilha engalanada desceu do ancoradouro, à ilha do Marapatá, ao encontro do paquete "Alagoas" em que viajava o eminente membro da Família Imperial, o mesmo paquete que em breve tempo, teria de conduzi-la, a 16 de novembro de 1889, ao exílio, inclusive o augusto visitante.

Estava eu, a época, com 12 anos de idade. Curioso de tudo observar, como todo menino, não perdia detalhes daquele magnífico panorama.

Passemos ao capítulo do excelente trabalho de Genesino Braga, naquelas comovedoras páginas referentes às exéquias de Eduardo Gonçalves Ribeiro. Jovem militar, então cheio de idealismo republicano, fôra jogado ao Amazonas pela política do apagar-das-luzes do Império, a fim de que, lá bem longe do cadinho refervente das opiniões, ficasse inerte e esquecido, na escala das promoções.

Mas, aconteceu que o tenente "Pensador", seu apelido, era como certas plantas que, mudadas de ambiente, não se estiolam, por força de adaptação: xerófilas, no Nordeste (Maranhão, terra de seu berço): hidrófilas, no vale das "vitórias régias", continuam a crescer e frutificar.

Com a aurora do regime democrático, foi para o Amazonas uma plêiade de intelectuais, inclusive gente de farda, todos ardorosos adeptos do novo estado de cousas no País. "Pensador", embora moço, repito, mas "republicano histórico", isto é, não como outros militares e paisanos, catecúmenos depois de aberto o batistério, caiu na simpatia e na confiança da elite e dos meios populares. Foi fácil a sua assenção política, chegando, por três vêzes, a assumir o timão do governo do Estado.

Convém recordar que Manaus, ao penetrar derradeira década do século, era uma capital modesta, atrasada, omissa em vários serviços urbanos. Eduardo Ribeiro, dinâmico, espírito arejado, transformou-a, de uma "grande aldeia", em uma "cidade moderna". Mas, pondere-se, pouco teria realizado, em tempo tão curto, se não fôsse ajudado pelo aumento fantástico das rendas públicas, consequência do incremento e valorização da borracha. O talento, o trabalho criterioso e o dinheiro muito podem.

O povo e o comércio viviam contentes, na paz e na fartura, a alegria em todos os corações.

O ilustre militar havia, em geral, captado a estima e a gratidão dos amazonenses e de quantos assentaram, ali, suas tendas de atividade. Daí, as pompas fúnebres que lhe foram tributadas, tão bem descritas por Genesino Braga, que, até parece ter sido testemunha daquele ato de piedade e de homenagem ao querido construtor da "cidade moderna".

A respeito do Pensador. abro um parêntesis, nesta apagada apreciação sobre o livro "Fastúgio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem".

Apesar de haver decorrido um largo período, de 60 anos, do passamento do grande homem, ainda não se lhe escreveu uma biografia suficientemente detalhada, documentada, na qual se discutissem suas atitudes, até à clarividência moral, social, política e, mesmo privada, na esfera de sua ação realizadora. Se teve erros (de certo, não lhe faltaram), indicá-los, não deixando também de juntar à sua coroa de glória, todos os louros, dos benefícios ao Estado do Amazonas.

Esse estudo biográfico, convenientemente sócio-político, pondo em relêvo as características de uma administração tripartida, plasmará o cerne, a matéria prima, que serviu de textura à maior transformação econômica e cultural da nossa terra.

Incontestavelmente, o govêrno de Eduardo Ribeiro foi o comêço da incisiva "idade de ouro" da Amazônia.

Faça-se a biografia do Pensador. Aqui fica a sugestão, pois, não minguem para isso e para outras manifestações do pensamento opinativo penas autorizadas no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, na Academia Amazonense de Letras, na Sociedade Amazonense de Professores, na Sociedade Amazonense de Imprensa, na Ordem dos Advogados (Secção do Amazonas) e de outros sodalícios intelectuais da região.

O capítulo "A nau precursora" (pág. 99) foi inspirado no maior acontecimento da Província, de sentido econômico e civilizador. Está vasado na dramaticidade de uma grande

alegria e, não menor, esperança de um povo que estava paradoxalmente insulado nos recônditos de um continente. A navegação a vapor, naquele mundo de rios, lagos e canais, em comunicação direta com o oceano, importava, como importou, na libertação do comércio, nas reivindicações do progresso do Vale. E assim aconteceu, com a chegada do "Marajó" ao porto de Manaus a 11 de janeiro de 1853.

Foi, esse "gaiola", subvencionado pelo govêrno, a primeira embarcação mercante que singrou as águas do Rio Mar; a pioneira da incomparável frota fluvial, a maior do globo, anos depois.

As populações ribeirinhas, de Belém à Vila da Barra (Manaus), não era estranho o "apito" do "Guapiaçú", da Esquadra Brasileira, o qual, por três vêzes, em 1842, 1847 e 1851, em serviço do Império, vencera o mesmo itinerário, mas em viagens eventuais.

O "Marajó", de dois conveses, rodas impulsoras laterais, lerdo, de grandes máquinas, puzera fim ao "ciclo da canoa", isto é, das longas viagens a remo, desde os primeiros dias da penetração, no século XVII.

Para o pulso do índio manso, bebedor de "cauim" (Machaça) e, quase sempre, comandado por portugueses, durante 214 anos, não havia distância, nem tempo a considerar. "Puxando no remo", dia e noite, com intervalos pequenos para alimentação e repouso, a fim de ir, por exemplo, de Cametá (Rio Tocantins) até a fronteira do Perú, pelo Amazonas-Solimões, saia-se, em começo de um verão (boa oportunidade para o uso da "sirga"), e só se chegava, de regresso, no fim do verão seguinte.

A célebre viagem de Pedro Teixeira prova o que acabo de afirmar (Veja-se "Viaje del Capitan Pedro Teixeira aguas arriba del rio dellas Amazonas", 1638-1639, Madrid, 1889).

O "Fastigio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem" é um trabalho de comentários inéditos para a vida das letras e agradável a minha recordação, dentre outros o capítulo referente à visita de estudos realizada ao Amazonas pelo Prof. Charles Richet, em dezembro de 1908. Escritor emérito,

um dos mais possantes cérebros da França coeva e do mundo científico, quando Santos Dumont havia posto em alerta o problema da autonomia do povo, o sábio, que parecia alheio às reivindicações da mecânica aplicada, parte para o nosso Estado acompanhado de um filho, como êle, também médico. Desembarcando na Capital amazonense, onde Jureolava, Richet teve excepcional e carinhoso acolhimento da parte do Governador Antonio Bittencourt, imprensa e demais círculos intelectuais. Foi-lhe posto à disposição, como intérprete da nossa lingua, o Prof. Coriolano Durand.

Logo, de comêço, disse o ilustre visitante ao Governador : "Sr. Bittencourt, estou interessado em por-me em contacto com a natureza virgem de sua terra, numa região em que haja abundância de pássaros, máxime das espécies de maior porte". E tudo se aprestou para que dois dias após a chegada, Richet partisse, no veloz e confortável Aviso "Cidade de Manaus", para o Aiapuá, grande fazenda de propriedade da família do Coronel Laureço Nicolau de Mello. O Governador acompanhou o cientista, lá permanecendo alguns dias.

Foi farta a caça aos voadores. De quantos examinou, colocou em destaque um "unicórnio", também chamado "caitaum" pelos indigenas ("pomedea cornata"), dizendo aos da comitiva : "Esta é a espécie que mais se aproxima do meu cálculo, na solução do vôo artificial e sua dirigibilidade".

Quem sabe se as pesquisas do sábio, em relação ao "unicórnio" do Amazonas, não teriam apressado o aperfeiçoamento da invenção de Santos Dumont ?

Não quero terminar estas linhas que me foram sugeridas pela obra em aprêço, sem me reportar a tragédia em que foi ceifada uma vida em flor, a morte da senhorita Ária Ramos, numa festa de carnaval, em Manaus, em fevereiro de 1915. Genesisino Braga reviveu, num estilo repassado de aticismo senão menor melancolia, o dantesco episódio que conturbou, num segundo, o salão das danças e logo as ruas próximas e a cidade inteira. Ainda todos se recordam : um tiro casual partido da pistola de um dos "foliões" atingira uma das "colombinas", artista do violino que, às primeiras horas da madrugada, ao findar o folguedo, tomando parte na orquestra,

acabava de executar a valsa, denominada "Subindo aos céus". Só uma pena de mestre da língua e de poeta poderia traçar aquelas frases unidas de talento, vigor e emoção.

Com Aria Ramos, naquele instante fatídico, para a sociedade amazonense, morrera também a última das brilhantes festas ao rei Momo, dos primeiros anos, que deliciaram o Amazonas, na primavera do século.

Nunca mais se verificaram tantas e tão intensas alegrias e espiritualidade, embora lá, ao longe, na Europa tropejasse a 1.^a Grande Guerra.

Ninguém podia supor que, daí a instantes, se trocasse, no Amazonas, a taça do champagne dos encantos da vida, pela taça da amargura de uma crise econômica insistente, ainda hoje.

Pode-se dar àquele tiro fatal um sentido simbólico, o de ter servido de meta entre o que era e o que passou a ser o querido Amazonas.

Se estivessemos no tempo dos romanos, diríamos que a bala que traspassou o corpo de Aria Ramos foi um augúrio, um aviso cruel...

Já vai demasiadamente longa esta arrancada de uma pena ferrugenta. Devo terminar, mesmo porque dobro a derradeira página do "Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem".

Genesisino Braga está de parabens. E, não menos, a Academia Amazonense de Letras.

**RELATÓRIO APRESENTADO, À ASSEMBLÉIA GERAL DA
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, PELO PRE-
SIDENTE DA DIRETORIA, ACADÊMICO LEÔNCIO DE
SALIGNAC E SOUSA, DO PERÍODO DE MIL NOVE-
CENTOS E CINCOENTA E OITO A TRINTA E UM DE
DEZEMBRO DE MIL NOVECENTOS E CINCOENTA
E NOVE.**

SENHORES ACADÊMICOS :

Eleito, a cinco de novembro de mil novecentos e cinquenta e seis, Presidente deste Sodalício, o eminente confrade WALDEMAR PEDROSA, assumiu, em igual data, o mandato que lhe fôra conferido.

Valor exponencial pelas credenciais de erudição e de relevantíssimos serviços prestados, não apenas ao Amazonas, mas à própria nacionalidade brasileira, sua vida de intelectual é luminosa trajetória. Na tribuna de advogado, o catedrático de DIREITO PENAL da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, de Manaus, hoje Faculdade de Direito do Amazonas, conquistou a dignidade de Príncipe da Criminologia, atuando, perante o Juri, em pleitos memoráveis, os mais notáveis, realizados no Estado, nos últimos seis lustros.

Seu nome ultrapassou as lindes amazonenses, impondo-se à justa admiração, em magníficos trabalhos publicados nos grandes centros do sul do país. Bastaria lembrar a peça fulgurante que é a sua fundamentação do projeto dos CRIMES CONTRA O ESTADO, quando Senador da República.

Professor da cátedra de Francês, da antiga Escola Normal do Amazonas, hoje Instituto de Educação, um de seus trabalhos, no ângulo de pura filologia, em torno de intrincados problemas do idioma de RACINE, é, só por si, bastante à comprovação de largos conhecimentos da formação e desenvolturas históricas da língua predominante no Pensamento hodierno.

Deputado estadual, Senador da República, atingiu êle a culminância de legislador, representando a Pátria na O.N.U, o maior Parlamento do mundo, tanto pelas sublimes finalidades quanto pelo conjunto de individualidades de notável saber nos círculos internacionais.

Elegendo-me Vice-presidente ou seu substituto, naquele pleito, V. Exas., colocando-me ao lado de um Mestre consagrado, concederam-me excessiva honraria e mais sensibilizador o gesto, quando, ao tempo, eu me encontrava distante, na metrópole nacional.

Renunciando a Presidência, justificada a decisão por motivos imperiosos, os sufrágios de V. Exas., em unanimidade comovedora, alçaram-me à direção suprema desta Assembléia Maior de Intelectuais de nossa terra, cumprindo-me, em correspondência à excepcional confiança e cativante prova de amizade, dedicar todas as minhas energias no sentido de manter, pelo menos, as gloriosas tradições da Academia.

Eis as ocorrências verificadas: —

MOVIMENTO FINANCEIRO.

RECEITA

Foram recebidas as seguintes verbas:
da SPVEA, Cr\$ 50.000,00 (cincoenta mil cruzeiros) que, deduzidas as porcentagens e outras despesas correlativas, foi contabilizada pelo saldo de quarenta e cinco mil e seiscentos cruzeiros Cr\$ 45.600,00;

REVISTA DA ACADEMIA

do **Ministério da Educação** — Cr\$ 90.000,00 (noventa mil cruzeiros), que, paga a comissão do procurador, no Rio, ficou reduzida a oitenta e cinco mil quatrocentos e setenta e nove cruzeiros Cr\$ 85.479,00;

da **Secretaria de Economia e Finanças do Estado do Amazonas** — subvenção Cr\$ 17.500,00 (dezessete mil e quinhentos cruzeiros) do período de janeiro a julho, inclusive, deste ano (1959).

Recebeu-se ainda a quantia de Cr\$ 1.979,20 (mil novecentos e setenta e nove cruzeiros e vinte centavos), de juros de depósito feito no Banco Nacional Ultramarino.

DESPESA

Elevou-se, com o pagamento de impressão de dois números da REVISTA DA ACADEMIA, compra de livros de escritores regionais, publicações à imprensa local, cento e vinte mil cruzeiros (Cr\$ 120.000,00), por conta do preço das obras em realização no Salão nobre, compreendendo a totalidade da cobertura e pintura e os gastos normais de todos os meses, a Cr\$ 314.078,20 (Tresentos e catorze mil e setenta e oito cruzeiros e vinte centavos).

SALDO DISPONÍVEL

Deduzida a quantia de CINCOENTA MIL CRUZEIROS (Cr\$ 50.000,00), do prêmio conferido pelo Banco de Crédito da Amazônia para o concurso de AMAZONOLOGIA, o saldo existente, hoje, é Cr\$ 27.347,60 (vinte e sete mil tresentos e quarenta e sete cruzeiros e sessenta centavos).

REPAROS GERAIS NA SÉDE

O prédio, séde da Academia, de construção feita excelentemente, porém decorridos longos anos, vinha apresentando no Salão nobre, sobretudo, sinais evidentes de iminente desmoronamento da cobertura.

REVISTA DA ACADEMIA

Nos derradeiros dias de outubro último, a situação, agravada pelo vasamento de águas pluviais, abundantes pelas chuvas frequentes, que se infiltravam, depois de avolumadas no fôrro, pelas paredes, tornou-se alarmante. Urgia medidas rápidas e, nessa altura, após indagações de terceiros que estimavam os concertos em quatrocentos mil cruzeiros mais ou menos, recorri, louvando-me na estima do sócio-gerente, à firma Nóvoa & Cia., sociedade construtora de prestígio em nossa praça.

Houve uma tentativa para evitar reparos gerais na referida dependência, mas, inspecionadas as linhas, telhas e abas, chegou-se à triste realidade de constituir já perigo imediato a permanência de qualquer pessoa no Salão nobre.

Foi, então, que, de acôrdo com a carta-contrato, cuja cópia vai anexa a esta Exposição, se ajustou o preço de duzentos e setenta mil cruzeiros (Cr\$ 270.000,00) para :

- a) a mudança de todo o madeirame e telhas estragados;
- b) mudança de táboas, abas e o mais que se tornar preciso para a reconstrução do telheiro e fôrro, inclusive pintura;
- c) pintura das portas e janelas e reenvidraçamento destas, tôdas essas obras no Salão nobre; e, finalmente,
- d) nova instalação elétrica em todo o prédio.

Como disse, empreguei, desde logo, a quantia de Cr\$ 90.000,00 (noventa mil cruzeiros), no pagamento inicial das referidas obras e, do dinheiro existente, retirei a importância de Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros), totalizando uma entrada de cento e vinte mil cruzeiros, restando, portanto, um saldo devedor de cento e cinquenta mil cruzeiros.

REVISTA DA ACADEMIA

Durante a minha presidência, saíram os números oito (8) e nove (9), ostentando farta e erudita colaboração,

REVISTA DA ACADEMIA

além do noticiário colhido das publicações feitas pela imprensa local.

Foram remetidos exemplares às nossas congêneres e a outras entidades culturais e expostos exemplares de uma e de outra nas vitrines das principais livrarias desta cidade.

NOVOS INTELECTUAIS ELEITOS

Em mil novecentos e cinquenta e oito : os drs. Ramayana de Chevalier, Francisco Pereira da Silva e Enoch Reis, respectivamente para as cadeiras de n.º 2, patrono Euclides da Cunha; 9, Machado de Assis e 13, Tobias Barreto. Em 1959, conquistaram vitória no escrutínio, os drs. Cosme Ferreira Filho, João Nogueira da Mata, João Crisóstomo de Oliveira, Sócrates Bonfim e Carlos de Almeida Barroso, para as cadeiras de ns. 1, patrono Péricles Moraes; 6, Adriano Jorge; 16, João Leda; 21, Tenreiro Aranha; 25, Araujo Lima e 29, Capistrano de Abreu.

Dos acadêmicos eleitos, até hoje somente se empossaram os confrades João Crisóstomo de Oliveira, João Nogueira da Mata, Francisco Pereira da Silva, Carlos de Almeida Barroso e Ramayana de Chevalier.

SÓCIOS CORRESPONDENTES

Foram eleitos vários elementos de projeção cultural em diferentes capitais do país e todos já se manifestaram agradecidos.

CONCURSOS LITERÁRIOS.

Foram publicados editais, estabelecendo as condições que devem ser satisfeitas pelos candidatos aos concursos de :

- a) AMAZONOLOGIA (prêmio Santana Neri);
- b) ROMANCE (prêmio Coriolano Durand); e
- c) HISTÓRIA (prêmio Bernardo Ramos).

Ninguém se inscreveu dentro do prazo, já precluso, e, por isso, sugiro a V. Exas. que seja a Presidência autorizada a renovar as inscrições.

VISITAS E PALESTRAS DE INTELLECTUAIS

Foram aqui recebidos e ocuparam a tribuna acadêmica: Pereira de Castro, da Academia Carioca de Letras; Bruno de Menezes, presidente da Academia Paraense de Letras; Luís Pinto, da Academia Paraibana de Letras e Paulo Eleutério, que, de Belém, do Pará, nos trouxe a agradável surpresa de uma conferência sobre poesia moderna. Além desses brilhantes homens de pensamento, registro ainda a distinção que, à Academia, foi conferida pelo notável sociólogo Gilberto Freire. Também produziu trabalho de profundo lastro cultural.

ELEIÇÕES DE 21 DE DEZEMBRO DE 1959.

Por três vezes, renunciei a Presidência desta Ilustre Companhia e, por igual número de vezes, V. Exas. recusaram aceitar meu afastamento, reconduzindo-me à caminhada que eu pressentia de ingentes sacrifícios. Além dos apoucados méritos, dificultando-me corresponder à altura os anseios dos confrades, temia o êrro de FAETONTE que, obtendo, por um dia, licença para guiar o carro paterno, filho do Sol que era, o fez tão desastrosamente que ia incendiando o universo. Jupiter, que nunca perdoára a incompetência a uma desídia, precipitou-o no Eridã.

Todavia, haveria de surgir a ameaça de desabamento da estrutura superior do Salão nobre, obrigando-me a afiançar os compromissos da Academia, fiança pessoal, e desafiando-me a capacidade de resistência moral e física para enfrentar crise tamanha. Dai, o insistente convite da quase totalidade dos confrades, mais de dois terços (2/3) dos, aqui, residentes ou domiciliados e que aceitei, na certeza de o prélio desenvolver-se num clima superior de mútuo respeito.

Honrava-me o competidor, o eminente confrade Djalma Batista, escolhido pelos confrades dissidentes.

Qualquer de nós, candidatos à Presidência, poderia, sem mostra de vaidade, tão sinceros os nossos propósitos, trabalho, harmonia e dedicação ao progresso intelectual de nossa região, repetir as palavras ardorosas de Henrique IV, na batalha de Ivry : — “Se perderdes de vista vossas bandeiras, segui meu penacho branco; vós o vereis sempre no caminho da honra e da vitória”.

Conquistei maior número de sufrágios e celebrei minha vitória, conclamando os ilustres confrades a se reunirem comigo para o prosseguimento da obra que se sintetiza na conservação das glórias de nosso Silogeu.

CONCLUSÃO.

SENHORES ACADEMICOS !

Registrei, durante a minha Presidência, o fato comprovante da brilhante inteligência e da capacidade realizadora de V. Exas., que foi o da confecção dos ESTATUTOS e do REGISTRO INTERNO desta Academia. A uma simples inspeção do conjunto de um e de outro diploma, colhe-se, de logo, a certeza de haver sido fruto de um concurso de espíritos experimentados e lúcidos.

ESTATUTOS e REGIMENTO refletem a colaboração do jurista beletриста e dos estudiosos do idioma, bem assim dos sociólogos avisados, prevendo-se e prevenindo-se de maneira a assegurar, ao Silogeu, um ritmo perfeito de suas atividades em consonância aos princípios básicos adotados nos diplomas semelhantes pelas entidades co-irmãs.

Continuemos, sem ressentimentos, que não se justificam pelo ardor da luta eleitoral, iniciada e concluída sob os auspícios melhores, como disse, imperante o da conduta honesta na propaganda das correntes sufragistas, a obra que nos legaram os maiores valores de ontem de nossa terra,

servindo às letras amazonenses e colaborando na prosperidade da literatura nacional.

Pensei, concluído o mandado a trinta e um de dezembro de mil novecentos e cinquenta e oito, que me fôsse possível dizer como S. Paulo na 2.^a Epístola a Timóteo : — "CURSUM CONSUMAVI, FIDEM SERVAVI".

Realmente, concluí minha viagem, conservei a Fé", mas tive de submeter-me à soberania da vontade de V. Exas., inspirando-me, em novos sacrifícios, para o labor e a paz e procurarei imitar o exemplo do lendário cavaleiro Bayardo que, no amor ao Soberano e à Pátria, renunciou a tudo para evidenciá-lo. Também eu, correspondendo à confiança e à sincera estima de V. Exas., não me pouparei e não temerei as procelas.

Auguro a V. Exas., meus queridos e eminentes confrades, extensivos os votos às distintas famílias de meus irmãos de ideais, tôdas as felicidades neste ano de 1960 que se inicia hoje.

Minhas saudações acadêmicas.

LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA
PRESIDENTE

Noticiário Acadêmico

FESTA DE INTELIGÊNCIAS

ARISTOPHANO ANTONY

A Academia Amazonense de Letras estará reunida à noite de hoje, a fim de recepcionar, com o esplendor habitual do seu protocolo, elemento que grangeou nomeado nos círculos literários da planície em que vivemos. Aliás, o maior cenáculo de cultura, do Estado, costuma premiar apenas aos que, amando e convivendo com os livros, dêles recolhem, nas suas leituras constantes erudição e conhecimentos intelectuais. É o caso do recipiendário que vem, desde os albores da mocidade, dedicando as suas horas ao cultivo permanente do espírito, exercitando a sua inteligência cintilante no jornalismo, através de uma colaboração permanente, que lhe outorga direitos de articulista de pôlpa. É, por outro lado, um apaixonado da filosofia, que também preleciona.

O novo acadêmico, escolhido pela unanimidade da Confraria, para ocupar a poltrona que tem o patrocínio do historiador Capistrano de Abreu, ocupar-se-á, no seu discurso de posse, dessa figura solar das letras nacionais, num exame meticuloso das suas obras, sem esquecer, logicamente, a personalidade do seu antecessor. Nisto, temos certeza, Carlos de Almeida Barroso, a quem vai ser conferida a láurea acadêmica, será preciso e concludente,

pelos seus recursos mentais e pela segurança dos seus conhecimentos. Trata-se, portanto, de uma festa de pura espiritualidade, presidida pelo acadêmico Salignac e Souza, cujo verbo fluente e cintilante, ao ser aberta a cerimônia, constituirá um dos pontos altos da magnífica noitada, que se prenuncia muito concorrida.

* * *

É conveniente assinalar que a Academia Amazonense de Letras, representando o supremo areópago da intelectualidade de nossa terra, vai completando os seus quadros que estavam com algumas lacunas e a substituição dos acadêmicos desaparecidos se vai processando de conformidade com as honrosas tradições da Casa que Péricles Moraes tanto amou e enalteceu. Carlos de Almeida Barroso, escolhido para substituir Castro Monte, constitui uma das afirmações mais positivas da sua geração de moços talentosos, sendo merecida, portanto, a distinção que recebeu. Que êle saberá honrar a confiança que nêle depositaram, não temos a menor dúvida. Para saudá-lo, em nome do Silogeu, fui eu o designado e é, com imenso prazer, que lhe vou dar as boas vindas.

A TARDE — 30-7-60

* * *

A POSSE DE ALMEIDA BARROSO NA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Com a presença dos representantes dos Órgãos Constitucionais do Estado, Executivo e Judiciário, altas autoridades civis e militares, membros do corpo consular e monsenhor Pedro Motais por S. Exma. Revdma. Senhor Arcebispo Metropolitano, elementos da imprensa e de todos os círculos sociais, senhoras e senhorinhas, realizou-se sábado último, a investidura do acadêmico, jornalista e advogado Carlos de Almeida Barroso na cadeira, cujo patrono é Capistrano de Abreu. Aberta a sessão pelo presidente acadêmico Salignac e Souza, êste, ao pronunciar as pala-

REVISTA DA ACADEMIA

vas iniciais da cerimônia, celebrando os méritos do recipiendário disse que seu comportamento sempre se ajustou, na vida intelectual, quanto na vida pública e privada, por aquelas máximas de Kant e pelos sábios princípios de Spinoza e, orientando-se, assim, para a perfeição espiritual, teria, como vem de acontecer, de ser premiado. Seu ingresso na Academia se constitui a recompensa de uma vida de constante modelagem da inteligência e do espírito. Aludindo ao intérprete da Academia, acadêmico Aristophano Antony, assegurou que a assistência douta iria deliciar-se com aquelas gotas de nectar, simbolismo de que se servira Goethe para evidenciar a sedução das belas artes. Em seguida, introduzido o acadêmico Carlos de Almeida Barroso no salão de honra, foi-lhe conferida a palavra e, então durante setenta e cinco minutos, proferiu a sua peça inaugural na Academia. Bem elaborada, apresentando ângulos interessantes, num estilo elegante iniciou por uma auto-crítica para logo, após, analisar a personalidade de seu patrono. Foi muito feliz no retrato feito de Capistrano de Abreu. A saudação, em nome do Silogeu, feita por Aristophano Antony é uma peça faiscante pelas imagens e valiosa pela substância. De larga erudição literária, honraria qualquer entidade cultural das boas letras. Estas, as impressões gerais e, assim, foi que se pronunciou o presidente Salignac ao encerrar a brilhante cerimônia de ante-ontem, em nosso Silogeu.

A TARDE — 1-8-60.

* * *

A POSSE DE ALMEIDA BARROSO NA ACADEMIA DE LETRAS FOI UMA NOITE DE ESPLENDORES ESPIRITUAIS!

O Silogeu amazonense viveu uma das suas noites mais imponentes ao realizar a cerimônia de posse de nosso confrade Carlos de Almeida Barroso que se investiu na cátedra sob o patrocínio de Capistrano de Abreu.

Ali, compareceram o Executivo estadual, por seu Chefe da Casa Militar, capitão Luigi Farini, o Judiciário, pelo

ilustre desdor. Arthur Gabriel Gonçalves, a Justiça Eleitoral, pelo distinto desdor. Orlando Soares Monteiro, o ilustre general comandante dos Grupos de Elementos de Fronteiras, o comando da Guarnição Federal e o do 27.º B.C. devidamente representados, o corpo consular, autoridades outras civis, militares e eclesiásticas, elementos de nossa imprensa e também dos diversos círculos de nossa sociedade.

Sob a presidência do acadêmico Salignac e Sousa êste, abrindo os trabalhos, fêz, em síntese, o perfil intelectual do novo acadêmico e do intérprete da Academia.

Quanto a Carlos de Almeida Barroso disse que, vivendo, como sempre se conduziu dentro dos cânones filosóficos dos mestres geniais de Koenigsberg e de Amsterdam, respectivamente a modelagem da inteligência e do caráter, teria o recipiendário de atingir à condição de um dos símbolos da sociedade humana a que pertence. Daí, a escalada à posição máxima de intelectual em nossa terra.

Sobre o orador do Silogeu, acadêmico Aristophano Antony, celebrando-lhe os méritos de jornalista, que o tornaram o soberano de sua classe, entre nós; de ensaísta, cujos lavôres já se tornaram espelhos de sua própria alma de artista, de poeta, cujos versos têm o sabor das inspirações de Guilherme Apolinário, o grande vate gaulês, e de crítico de arte, revelando-se em estudos criteriosos.

Em seguida, o novo imortal proferiu notável discurso iniciado numa espécie de auto-biografia para fixar os motivos pelos quais teve sua preferência voltada para os estudos da Filosofia. Salientou seus pendores também pela imprensa e finalmente, justificou sua láurea de bacharel em direito.

Traçando o perfil de Capistrano de Abreu e analisando-lhe a obra sempre memorável, realizou tarefa, em verdade, difícilíssima.

Sem exageros, que tanto comprometem e sem fugir à realidade em tórno do homem e de sua bagagem literária, a peça inaugural de Almeida Barroso foi mostra de uma brilhante erudição e superior talento.

Fazendo a saudação em nome da Academia, Aristophano Antony revelou-se, mais uma vez, um intelectual de primeira linha, focalizando teorias e autores de nomeada no panorama nacional e na paisagem alienígena e avançando conceitos admiráveis. Ocupando-se, depois, de seu novo par, examinou-o com absoluto equilíbrio no cenário de nossos valores mentais e demorou-se ainda em lhe apontar as diretrizes a seguir nesta via luminosa, mas, na sua expressão, cheia de amarguras que é a da cultura das letras.

Ambos os discursos deixaram impressões magníficas em toda a seleta assistência. Eis o que foi a cerimônia de posse de nosso confrade Almeida Barroso.

Durante a festiva noite, o Conjunto de Câmara "Orpheus" executou joiado programa e a irradiação dos discursos fez-se através de um MICROTRANS gentilmente cedido pela Agência Benjamim Alves Ltda., dando ótimo resultado.

A CRÍTICA — 2-8-60.

* * *

IMPORTANTE SESSÃO NO SILOGEU AMAZONENSE

Reaberta a inscrição do concurso para Amazonologia e História do Amazonas — Debatida novamente a compra da Biblioteca Péricles Moraes.

Presentes os acadêmicos André de Araujo, Aderson de Menezes, Antônio Mavignier de Castro, Djalma Batista, João Chrysostomo de Oliveira, Mário Ypiranga Monteiro, Américo Antoni, Moacir Rosas, Francisco Pereira da Silva, Aristófano Antoni e Salignac e Sousa, sob a presidência deste, a hora regimental iniciaram-se os trabalhos. O secretário Mário Ypiranga Monteiro procedeu à leitura da ata da sessão ordinária de primeiro de fevereiro e da relativa à sessão solene de posse do acadêmico Francisco Pereira da Silva, a dezesseis também de fevereiro do ano corrente e, sendo aprovadas, foi lido o expediente, constando, além de ofícios recebidos e respondidos, um telegrama

REVISTA DA ACADEMIA

do deputado Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara de Deputados e do teor seguinte : — "Of. Senhor Presidente da Academia Amazonense de Letras, Manaus. Peço a V. Exa. receber e transmitir ao deputado Pereira da Silva meus calorosos cumprimentos pela festa que comemora seu ingresso na Academia Amazonense de Letras. Associo-me à homenagem prestada àquele nobre colega e amigo e envio também cordial saudação aos acadêmicos que o receberam".

Na segunda parte da pauta dos trabalhos, o acadêmico André de Araújo solicitou da presidência informações sôbre a situação em que se encontra a proposta de venda da biblioteca do saudoso escritor Péricles Morais à SPVEA que, adquirida, a ofereça à Academia.

O presidente Salignac e Sousa fez o histórico do assunto e, em seguida, o acadêmico Pereira da Silva sugeriu a reabertura das negociações, comprometendo-se a empregar seus esforços no sentido de êxito completo, tendo, aliás, nos princípios das propostas interferido em atenção a pedido de pessoa amiga.

O acadêmico Américo Antoni ofereceu a metade da venda de um livro seu, desde que lhe seja possível ir aos Estados Unidos, onde há um editor interessado, tratar diretamente da publicação. Ainda o acadêmico Pereira da Silva ofereceu-se para servir de intermediário de uma mensagem do presidente Salignac e Sousa ao diretor da Panair do Brasil, no Rio, e, de sua parte, reforçar a solicitação das passagens.

Comprometeu-se este acadêmico a trabalhar para a liberação imediata das verbas da Academia, constantes do Orçamento da SPVEA para 1960.

Por proposta do acadêmico Moacir Rosas foi aprovado, pelo Plenário, o nome do escritor Libero Luxardo para sócio-correspondente, unanimemente. Finalmente, por proposta do acadêmico Djalma Batista, o Plenário decidiu pela reabertura da inscrição para concurso de Amazonologia e História do Amazonas.

REVISTA DA ACADEMIA

O acadêmico Pereira da Silva percorreu as diversas dependências da sede da Academia, em companhia do presidente Salignac e Sousa, verificando as condições precárias em que se encontram, excetuando-se o salão nobre já totalmente renovado na pintura e na estrutura do telheiro e fôrro. Segundo nos informou o presidente Salignac e Sousa transmitirá, ainda neste mês a presidência ao acadêmico André de Araujo, em virtude de sua iminente viagem à metrópole do país.

A Crítica — 4-3-60.

* * *

DESEMBARGADOR LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA

A Magistratura, a Intelectualidade e a Sociedade, amazonenses, estão em festas, no dia de hoje, por motivo do transcurso do aniversário natalício do ilustre desdor. Leôncio de Salignac e Sousa.

Personalidade das mais destacadas no cenário cultural e social da Planície o digno aniversariante será, sem dúvida, bastante cumprimentado em razão do auspicioso evento.

Membro dos mais proeminentes da Justiça do Amazonas; Presidente da Academia Amazonense de Letras; escritor, polemista e jornalista de fôlego, o desdor. Salignac e Sousa é um dos patrimônios culturais do Amazonas, quiçá da Amazônia.

Os seus inúmeros colegas, amigos e admiradores irão prestar-lhe, no dia de hoje, diversas homenagens de aprêço e estima.

A CRITICA que tem a honra de contar com o brilhante intelectual como um dos seus mais destacados colaboradores, associa-se ao júbilo geral para apresentar-lhe efusivas e sinceras felicitações.

A Crítica — 8-1-60.

A RECEPÇÃO DE PEREIRA DA SILVA
BRILHANTÍSSIMA VITÓRIA DA ACADEMIA
DE LETRAS DO AMAZONAS.

O Silogeu Amazonense teve, anteontem, um de seus dias luminosos.

Precisamente às 20,30 m., tendo numerosa e seleta assistência, e presentes o representante do governador Gilberto Mestrinho, escritor Ramayana de Chevalier, o chefe do Poder Judiciário, desdor. Roosevelt Pereira de Melo, os delegados do prefeito Olavo das Neves e do Arcebispo Metropolitano, autoridades federais, estaduais e municipais e representantes de classes, o presidente Salignac e Sousa, iniciando os trabalhos, lembrou os princípios lançados por Shiller, na sua "Evolução Estética do Homem" quanto à concepção e a desenvoltura do sentido do belo e recordou as bases do unanismo de Jules Remains foi o maravilhoso criador, consagrando-se, dentre outras produções, em "La Conscience de la Ville" para assina-las as íntimas afinidades do recipiendário, poeta Pereira da Silva e do orador oficial da Academia, acadêmico e escritor Mavignier de Castro.

Assinalando a circunstância de ambos serem poetas, felicitou-se por haver contribuído no encontro de duas almas irmãs em um episódio de supremo relêvo na alma de ambos. Em seguida, nomeou uma comissão constituída dos acadêmicos Aristófano Antoni, André Araújo e João Nogueira da Mata para levarem o poeta Pereira da Silva à tribuna.

Discorreu ãle num estilo movimentado e revelando excelente lastro de erudição a propósito da atuação dos poetas nos fastos nacionais e discriminou as tendências literárias das figuras principais nos diversos ciclos da vida brasileira, depois de prestar sensibilizadora homenagem ao presidente Salignac e Sousa e ao intérprete do Silogeu, acadêmico Mavignier de Castro, dos quais se confessou confrade e amigo de longos decênios.

Escolheu, como objeto de sua oração inaugural na Academia, o ângulo poético de Machado de Assis, patrono de sua cadeira.

Fugindo da vulgaridade, ostentou trabalho incontestavelmente de segura interpretação do culto de Machado de Assis à divina arte poética e, nessas indagações e fundados conceitos, ingressou na cintilante coluna dos analistas de uma das mais prodigiosas inteligências estéticas do País.

Saudando-o, o acadêmico Mavignier de Castro, numa peça de farta erudição em que, mais uma vez, se comprovou íntimo das letras gaulêsas, traçou, com exatidão e fulgurações permanentes, a personalidade de Pereira da Silva, desde suas atividades na vida pública até suas mais recentes conquistas no panorama da inteligência brasileira, realçando a obra principal do recipiendário, os "Poemas Amazônicos".

A cerimônia foi irradiada pela Rádio Baré e, com a posse do novo imortal Pereira da Silva foi reaberto o salão nobre do Silogeu, totalmente remodelado e que do ponto de vista material, constitui uma grande vitória da administração Salignac e Sousa, evitando que o Silogeu ficasse privado de funcionar pela ruína quase completa daquela dependência.

A posse de Pereira da Silva constituiu uma das maiores comprovações do prestígio de nosso Silogeu.

A CRÍTICA — 18-2-60.

* * *

POSSE DE PEREIRA DA SILVA NA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Será hoje, às vinte horas, sob a presidência do acadêmico Salignac e Sousa e perante o Plenário, constituído dos acadêmicos presentes a posse de nosso distinto confrade doutor Francisco Pereira da Silva na cadeira que tem, como patrono, Machado de Assis e para a qual fôra eleito unanimemente em justíssima homenagem aos seus méritos de jornalista babilhante e poeta consagrado. Militante na impren-

sa e rendendo culto às Musas, desde muito jovem, o poeta Pereira da Silva, se, por uma exigência absurda ou improcedente, tivesse de comprovar suas credenciais de beletrista plenamente triunfante, bastaria ostentar os seus "POEMAS AMAZONICOS". Quando de seus lançamento nesta capital, coube ao atual presidente do Silogeu, a análise da obra e, nesta, o acadêmico Salignac e Sousa a celebrou como simbolismos harmoniosos da eterna apoteose do Mundo Verde, constituindo o episódio social e literário legítima consagração ao autor e, hoje, novo Imortal. Para saudá-lo, a presidência designou o escritor e também poeta Antônio Mavignier de Castro, um dos expoentes dos homens de pensamento da Amazônia e que, pela publicação de "AMAZÔNIA PAN-TEISTA", tem o seu nome festejado fora das fronteiras de nosso Estado por elementos valiosos dos meios culturais do país. Daí, o interesse que a solenidade está despertando nos círculos intelectuais prevendo-se que a solenidade de posse de Pereira da Silva na cátedra iluminada por Machado de Assis se constitua uma das maiores pompas acadêmicas. Por nosso intermédio, desde já, o presidente Salignac e Sousa convida a todos os seus pares e nos informa que, apesar de convites às autoridades e representantes de classes, a sessão é pública, havendo traje a rigor somente para os membros da Academia e recipiendário.

A CRÍTICA, 16-2-60.

MOVIMENTADÍSSIMA A REUNIÃO DOS IMORTAIS!

Com a presença dos acadêmicos André Araújo, Alvaro Maia, Aderson de Meneses, Antônio Mavignier de Castro, Mário Ypiranga Monteiro, João Crisóstomo de Oliveira, Moacir Rosas, Djalma Batista, João Nogueira da Mata e Salignac e Sousa (presidente), realizou-se a sessão ordinária deste mês na conformidade dos estatutos do Silogeu.

Feita a leitura do expediente, constando de ofícios, cartas e telegramas de vários pontos do País e do estrangeiro, o

secretário Mário Ypiranga Monteiro leu a pauta da matéria a ser submetida ao Plenário.

A primeira relacionou-se ao concurso literário, com o pedido de inscrição do candidato sob pseudônimo de **JOTEME** para o de Romance.

Verificada a situação regular do requerimento, foi nomeada uma comissão constituída dos acadêmicos Aderson de Menezes, Djalma Batista e João Nogueira da Mata e à qual a presidência entregou o respectivo original, guardando o envelope lacrado com o nome do candidato, havendo o presidente e os dois secretários da Diretoria aposto no fêcho do envelope suas assinaturas.

Em seguida, o acadêmico Aderson de Menezes propôs, dentro dos dispositivos estatutários, considerado o motivo superior que impediu a posse dos eleitos, Pereira da Silva, Ramayana de Chevalier e Henoch Reis, a prorrogação até 30 de junho deste ano.

Por indicação do acadêmico André Araújo, ficou estabelecido o prazo de sessenta (60) dias, a contar da data do recebimento, para que a Comissão apresente o Relatório sobre o romance de autoria de **JOTEME**. A presidência fez um relatório da situação atual dos reparos gerais que importam numa obra quasi total para a recuperação do salão nobre e cujo término se verificará até o dia 10 do corrente.

Em seguida, participou a reorganização que está procedendo nos serviços da secretaria, dotando-a de pastas para a correspondência recebida e expedida, telegramas, editais e atos outros administrativos. O presidente Salignac e Sousa, antes de encerrar os trabalhos, designou os acadêmicos Aristophano Antony, Alvaro Maia, André Araújo, Aderson de Menezes, Djalma Batista e João Nogueira da Mata para fazerem a saudação protocolar aos eleitos Carlos de Almeida Barroso, Cosme Ferreira Filho, Enoch da Silva Reis, José Bernardino Lindcso, Ramayana de Chevalier e Sócrates Bonfim.

* * *

DESEMBARGADOR SALIGNAC E SOUZA

Os círculos de cultura, do Estado, estão festejando, hoje, o aniversário do desembargador Leôncio Salignac e Souza, elemento proeminente do Tribunal de Justiça, do Amazonas, e personalidade que esplende no cenário jurídico e intelectual do país. Presidente, em exercício, da Academia Amazonense de Letras, orador empolgante, homem de letras na acepção da palavra, é o nataliciante jornalista de pról e cronista cintilante, daí o justo conceito em que é tido nas selecionadas esferas literárias. Seus amigos e admiradores, que são numerosos, estão a lhe prestar, portanto, pelo feliz evento que esta festejando, expressivas manifestações de carinho e aprêço, às quais nos associamos, para estreitar num amplexo fraternal o desembargador Salignac e Souza, que desde o aparecimento de *A TARDE*, na vida jornalística brasileira, é um dos seus mais credenciados redatores.

A TARDE — 8-1-60

* * *

REUNEM-SE, HOJE, OS IMORTAIS"

Na conformidade do dispositivo estatutário, reúne, hoje, às 16h.30m., o Silogeu amazonense, solicitando o presidente Salignac e Sousa, o comparecimento de todos os seus pares.

Em palestra conosco, forneceu-nos a notícia de que já fixou o dia 20 deste mês para a cerimônia de posse do acadêmico Pereira da Silva que irá ocupar a cadeira que tem, como patrono, Machado de Assis.

Fará a oração protocolar o acadêmico Mavignier de Castro e a solenidade será a primeira após os reparos gerais feitos no salão nobre.

Informou-nos ainda o desdor. Salignac e Sousa que, somente, ontem, legalizadas no Cartório Marrocos, as atas de eleição e de posse da nova Diretoria, poderá agora regularizar, perante o Juízo competente, a *Revista da Academia*, para

que, ainda em fevereiro corrente, seja dado à publicidade o número 10.

Finalmente, declarou-nos que, pretendendo ir até a metrópole do País, em março, já está providenciando sobre o recebimento das subvenções e auxílios da União, concedidos à Academia e, assim, na sua ausência, o vice-presidente, acadêmico André Araújo o substituirá plenamente.

Insistindo a nossa reportagem se, de regresso, voltará à presidência da Academia, limitou-se a responder que deixará seu programa concluído, antes de viajar.

A CRÍTICA, 1-2-60

* * *

REUNIÃO DE HOJE DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS IMPORTANTES ASSUNTOS PERANTE O PLENÁRIO

Hoje, às 16h.30m., reunirá o Silogeu amazonense, perante cujo plenário o presidente Salignac e Sousa dará conta de suas atividades administrativas durante o mês de março último, não apenas quanto às solicitações para o recebimento de verbas consignadas no Orçamento da SPVEA, assim também sobre a posse dos novos eleitos a extinguir-se o prazo a 9 de maio próximo.

Já se encontram publicados os editais, desde ontem, em A CRÍTICA e de reabertura das inscrições para os concursos de Amazonologia e História, patrocinados respectivamente pelo Banco da Amazônia S.A. e a importante firma industrial Isaac Sabbá.

Pelo transcurso do natalício do acadêmico Waldemar Pedrosa e publicação do livro do acadêmico Genesino Braga, intitulado "Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem", o presidente Salignac e Sousa apresentou-lhes pessoalmente suas congratulações pessoais e da entidade sob sua direção e teve também a oportunidade de dirigir ao acadêmico Aderson de Meneses a sincera alegria pela nomeação deste

seu par, para a Secretaria de Educação e Cultura, em nome de todo o Silogeu.

Solicita-nos a presidência da Casa convidar os acadêmicos para a reunião de hoje, a fim de haver número suficiente para as deliberações.

A CRÍTICA, v-D-FJ.

* * *

"ORGIA DE BELEZAS",
NA EXPRESSÃO DE SALIGNAS E SOUSA,
A POSSE DE RAMAYANA DE CHEVALIER
NA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Ladeado pelo governador Gilberto Mestrinho e pelo desdor. Arthur Gabriel Gonçalves, presidente, em exercício, do Tribunal de Justiça, presentes o chefe da Comuna de Manaus, prefeito Olavo das Neves, o representante do 27º B.C., corpo consular, outras altas autoridades, sras. e srtas. e personalidades representativas de tôdas as classes sociais, a quase totalidade dos membros do Silogeu amazonense, o presidente acadêmico Salignac e Sousa abriu a sessão de posse do novo imortal, escritor Ramayana de Chevalier.

Pronunciando as palavras protocolares, lembrando o drama de Ulisses na ilha de Ogígia, onde Calípso prometia ao herói de Itaca tôdas as delicias daquele Paraíso da Imortalidade, se êle esquecesse as lembranças do bérço natal, preferindo êle as dôres e as angústias pelo regresso ao seio de sua terra e de sua gente, concluiu que, ali, onde vivem os Imortais amazonenses, o ambiente não é o de Ogígia, mas de labores contínuos e, com êsses, os naturais pesares.

Recordando os debates em tórno do ângulo da Intelectualidade em que se deve colocar Lucano, se na condição de poeta, de crador ou de sociólogo, plasmando, em suas obras, uma época de dramas e de tragédias, para concluir que êle fôra tudo, o assemelhou ao talento multifário de Ramayana de Chevalier.

Quanto ao orador oficial, acadêmico Djalma Batista, lhe ajustou o conceito de Lamartine n' "Os Girondinos" de que o seu par, pela inteligência lúcida e fecunda e pela formação cultural, é uma imagem do próprio Amazonas em sua opulência de encantos e no índice de suas preciosidades.

Em seguida, conferiu a palavra ao novo ocupante da cadeira, cujo patrono é Euclides da Cunha.

A peça inaugural da vida acadêmica do autor de "No circo sem teto da Amazônia", foi, sem dúvida, um trabalho de marcante originalidade sobre o imortal construtor de um dos maiores monumentos das letras nacionais e que é OS SERTÕES.

Vasada num estilo de profunda emocionalidade e de imagens extasiantes, reflete, em substância, a fase trepidante de nossa vida, o anseio pela velocidade, sintetiza a influência artística de Euclides da Cunha e focaliza, no movimento de Canudos, uma população agitada por fatores sociais.

O discurso de Djalma Batista, em nome da Academia, comprovou um talento de primores singulares e um lastro de apreciável erudição.

Ramayana de Chevalier e Euclides da Cunha tiveram os seus perfis traçados na face biotípica e na estrutura ampla e profundamente sugestiva dos atributos psicológicos e de elevadas qualidades de homens de pensamento.

Ao encerrar os trabalhos, o presidente Salignac e Sousa, denominando aquela noite de "orgia de belezas", agradeceu a honrosa presença do governador Gilberto Mestrinho, pedindo-lhe que se vincule aos destinos da Academia de nossa terra, do presidente do Tribunal e de tôdas as outras autoridades e pessoas que compareceram à solene sessão.

Constituiu êxito, verdadeiro triunfo, a exibição do Conjunto de Câmara Orpheus, regido pelo professor Pedro Madeira que executou excelentes números musicais.

* * *

POSSE DO NOVO IMORTAL JOÃO NOGUEIRA
DA MATA

Auspicia-se de grande relevo, na sociedade amazonense a posse do novo acadêmico doutor João Nogueira da Mata. Professor, havendo ocupado as cátedras de português, do colégio Dom Bosco, e Direito Civil, da Faculdade de Direito do Amazonas; advogado, desempenhando também brilhantemente as funções de Procurador Fiscal do Estado; político, interventor Federal interino, membro e presidente do Conselho Administrativo e deputado federal, seu comportamento em tão altas funções sempre o recomendou pela cultura e probidade, iniciando sua carreira no Legislativo estadual. Jornalista, suas colaborações versam assuntos de atualidade e seu livro, recentemente publicado, confirma suas qualidades de escritor triunfante, devendo por-se em destaque a elegância de seu estilo. Elegendo-o a Academia Amazonense de Letras teve em especial aprêço a fama das produções de seu talento, fortalecidas por indiscutível erudição humanista. Deveria fazer-lhe a saudação protocolar o acadêmico Alvaro Maia, porém, devendo viajar a Humaitá em visita à sua ilustre genitora, o presidente acadêmico Salignac e Sousa designou, para substituí-lo, o acadêmico Mário Ipiranga Monteiro, historiógrafo e beletista. Pela projeção intelectual do recipiendário e do intérprete do Silogeu, a sessão de dezenove do corrente, ou seja amanhã, às 20 horas, constituirá mais uma das brilhantes festas acadêmicas. Por nosso intermédio, a presidência desde já, convida todos os seus pares e a sociedade amazonense, em geral, pois o ato tem caráter público.

A CRÍTICA, 18-12-59

* * *

PLEITO DE ONTEM NA ACADEMIA DE LETRAS :
REELEITO PRESIDENTE SALIGNAC E SOUSA

Foram as eleições de ontem as mais renhidas no Silogeu amaoznense. Duas correntes disputaram os postos administrativos para o biênio de 1960/1961.

REVISTA DA ACADEMIA

Foram sufragados, para presidente (reeleito), o acadêmico Leôncio de Salignac e Sousa; vice-presidente o acadêmico André Araújo; 1.º secretário, Mário Ipiranga Monteiro; 2.º secretário, João Chrisóstomo de Oliveira; Tesoureiro (reeleito), Moacir Rosas e Bibliotecário, Mavignier de Castro.

Serviram de escrutinadores, os acadêmicos Alvaro Maia, Mavignier de Castro e Américo Antoní.

Votaram 20 acadêmicos, sendo que cinco, residentes fora desta cidade, e dois que por enfermidade, não compareceram, exercendo o direito de sufrágio por delegação.

Ao serem proclamados os eleitos, os elementos da corrente que não conseguiu votação suficiente para seus candidatos tiveram um gesto de grandeza cívica e beleza espiritual apresentando ao presidente Salignac e Sousa suas congratulações, assim como ao vice-presidente e demais membros da nova Diretoria.

Transformou-se o ambiente, após o discurso de agradecimento do presidente reeleito, em verdadeira confraternização comprometendo-se todos ao trabalho de engrandecimento da Academia ou seja das letras do Amazonas.

A CRÍTICA — 22-12-59

* * *

IMPORTANTE ASSUNTOS APRECIADOS NA SESSÃO DE ABRIL

A hora aprazada, presentes os acadêmicos Alvaro Maia, Aristophano Antony, Mavignier de Castro, Moacir Rosas, Sadoc Pereira, João Crisóstomo de Oliveira, André de Araújo, Djalma Batista, o presidente Salignac e Sousa, após a leitura e aprovação da ata anterior, bem assim do expediente, participou que o acadêmico eleito Ramayana de Chevalier, ainda neste mês, tomará posse.

Cientificou, ainda, ao Plenário, de estarem sendo publicados os editais de reabertura do concurso de Amazonologia e História, pelo prazo de seis meses, e, quanto aos acadêmicos

eleitos à 4 de novembro do ano passado, ainda não se pronunciaram sobre a data da investidura, os drs. Sócrates Bonfim, José Lindoso e Carlos de Almeida Barroso e jornalista Cosme Ferreira expirando, o prazo respectivo a 4 de maio vindouro.

Finalmente, esclareceu as providências relacionadas à remessa de estatutos, certidões do Registro Público das atas de eleição e posse dos membros da Diretoria para o biênio 1960-61 e procuração aos procuradores da Academia em Belém do Pará, junto à SPVEA e no Rio, junto ao Ministério da Educação.

O plenário aprovou tôdas as medidas e ficou de deliberar, no momento oportuno, quanto ao perecimento do prazo para a posse dos acadêmicos.

A CRÍTICA, 20-4-60

* * *

NAS ALTAS ESFERAS DA INTELECTUALIDADE

Com uma apresentação material atraente que lhe deu a prestimosa Editora Tipografia Fenix, de Sérgio Cardoso & Cia., desta praça, está circulando, desde ante-ontem, às dez horas, o n.º 9, da conceituada Revista do Silogeu amazonense. Além das crônicas relativas a diversos fatos ligados à sua Diretoria e ao Centenário de Paulino de Brito, nomeações de sócio-correspondentes e posse do acadêmico Américo Antoni e do noticiário do pleito ultimamente realizado e do qual saíram os novos Imortais: Cosme Ferreira Filho, João Crisóstomo de Oliveira, Sócrates Bonfim, José Bernardino Lindoso, Carlos Almeida Barroso e João Nogueira da Mata, cujos nomes já se encontram inscritos no "Quadro de Patronos e Ocupantes das Cadeiras" até então vagas, quadro este publicado no verso anterior da capa da Revista, há dezesseis trabalhos, assim distribuídos: de Waldemar Pedrosa, de Alvaro Maia, de André Araújo, de Aristófano Antoni, de Mavignier de Castro, de Mithridates Corrêa, de Genesino Braga, de Moacir Rosas, de Anísio Jobim, de Agnelo Bittencourt, de Arthur Cesar Ferreira Reis, de Ramayana de Chevalier, de Aduino Nogueira Espíndola e de Salignac e Sousa, três (3).

REVISTA DA ACADEMIA

Hoje, nas principais livrarias da metrópole amazonense, a Revista da Academia Amazonense de Letras está em suas vitrines.

* * *

ACADÊMICO MOACIR ROSAS

Depois de quase três semanas na capital do país, onde o levaram interesses pertinentes à sua conceituada clínica-odontológica, retornou, aos labores profissionais e ao convívio dos amigos e confrades, o acadêmico Moacir Rosas, elemento destacado da brilhante classe de Odontólogos do Amazonas e uma das mais valiosas expressões de nossos meios literários, da Diretoria da Academia Amazonense de Letras. Seus pares fizeram-lhe carinhosa acolhida, visitando-o, em nome de Silogeu, o presidente Salignac e Sousa.

* * *

REPAROS GERAIS NA SEDE DA ACADEMIA

Iniciam-se, hoje, êsses trabalhos, reclamados pela conservação e segurança do prédio, no qual a Academia tem sua séde. Por enquanto, limitam-se a tôda a parte superior, inclusive o fórró, e o presidente conseguiu dos construtores que o plano recuperador se desenvolvesse sem prejudicar o ritmo normal dos trabalhos da Secretaria e as três sessões já anunciadas para o mês de dezembro, de posse dos acadêmicos João Crisóstomo de Oliveira e João Nogueira da Mata, cinco e dezenove, de eleição dos novos corpos dirigentes, a vinte e um, conforme edital que vem sendo publicado, afora a regimental, no dia primeiro.

Pelos informes colidos pela nossa reportagem, A CRÍTICA registra grande movimentação nos círculos dos Imortais e, por enquanto dos possíveis integrantes da Diretoria, cujos mandatos vigorarão de primeiro de janeiro de 1960 a igual data de 1961.



Composta e impressa nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX
Sergio Cardoso & Cia. Ltda.
(EDITORES)

Rua Joaquim Sarmiento, 78.

Manaus — Amazonas